



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
CURSO DE MESTRADO EM LINGUÍSTICA**

ISAURA WOLSCHICK

**ASPECTOS DO BILINGUISMO ALEMÃO-PORTUGUÊS NAS COMUNIDADES DE
MONDAÍ E SÃO JOÃO DO OESTE – SC.**

**CHAPECÓ
2016**

ISAURA WOLSCHICK

**ASPECTOS DO BILINGUISMO ALEMÃO-PORTUGUÊS NAS COMUNIDADES DE
MONDAÍ E SÃO JOÃO DO OESTE – SC.**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Orientadora: Prof^ª Dra. Cristiane Horst

CHAPECÓ
2016

DGI/DGCI - Divisão de Gestão de Conhecimento e Inovação

Wolschick, Isaura

Aspectos do bilinguismo alemão-português nas comunidades de Mondai e São João do Oeste - SC/ Isaura Wolschick. -- 2016.

134 f.

Orientadora: Cristiane Horst.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL), Chapecó, SC, 2016.

1. Bilinguismo alemão-português. 2. Dialetoлогия pluridimensional e relacional. 3. Contato linguístico. I. Horst, Cristiane, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

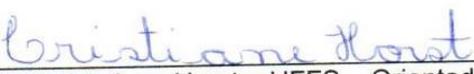
Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

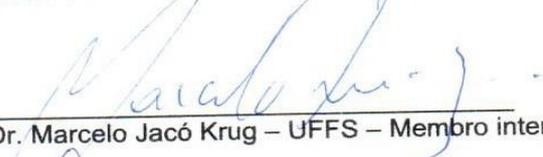
ISAURA WOLSCHICK

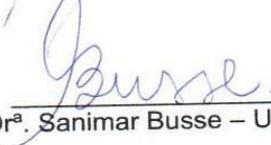
**ASPECTOS DO BILINGUISMO ALEMÃO-PORTUGUÊS NAS COMUNIDADES DE
MONDAÍ E SÃO JOÃO DO OESTE - SC**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, defendida perante Banca Examinadora em 04/03/2016.

BANCA EXAMINADORA:


Prof. Dr^a. Cristiane Horst – UFFS – Orientadora


Prof. Dr. Marcelo Jacó Krug – UFFS – Membro interno


Prof. Dr^a. Sanimar Busse – Unioeste – Membro externo

Prof. Dr^a. Claudia Finger-Kratochvil – UFFS – Membro suplente

Chapecó/SC, março de 2016.

AGRADECIMENTOS

À Prof^a. Dr^a. Cristiane Horst, pelo conhecimento compartilhado, pelo carinho e pela paciência dispensados na condução deste trabalho.

À minha irmã Dolores, pelo apoio e incentivo sempre.

À minha mãe Dorothea, pela ajuda na procura dos informantes.

À minha sobrinha Patrícia, minha motorista durante a pesquisa de campo.

À minha cunhada Nélia, pela ajuda.

Aos informantes da pesquisa, pelo carinho, receptividade e disponibilidade, sem vocês essa pesquisa não teria sido possível, vielen *Dank!*

A todos os professores do PPGEL da UFFS, pelo conhecimento compartilhado.

A todas as pessoas que contribuíram de forma direta ou indireta para a realização deste trabalho.

RESUMO

Este estudo procura descrever os aspectos do bilinguismo alemão-português nas cidades de Mondaí e São João do Oeste – SC. Ambas as cidades foram colonizadas por descendentes de alemães vindos do RS e por imigrantes de língua alemã vindos da Europa. A colonização de Mondaí teve seu início em 1922 e a de São João em 1926. Apesar do passar dos anos, da política de nacionalização do governo Vargas e do preconceito linguístico sofrido por línguas minoritárias, a língua alemã sobrevive nessas duas comunidades. A fim de descrever o bilinguismo nas comunidades acima mencionadas, fizemos uso da metodologia pautada na dialetologia pluridimensional. Nesse sentido, foram entrevistados 8 informantes em cada comunidade, o que dá um total de 16 informantes. Dos oito informantes escolhidos temos 4 homens e 4 mulheres, destes, dois homens e duas mulheres da GI (geração um - 18 a 36 anos), sendo 1 homem e 1 mulher da Ca (classe alta) e 1 homem e 1 mulher da Cb (classe baixa) e dois homens e duas mulheres da GII (geração dois – acima dos 55 anos), sendo 1 homem e 1 mulher da Ca e 1 homem e 1 mulher da Cb. Os requisitos usados na escolha dos informantes foram dois: ter vivido 3/4 da vida nestas comunidades e ter o alemão como língua materna. Além do questionário, aos informantes ainda foi pedido que lessem e que escrevessem um pequeno texto em língua alemã e que traduzissem algumas palavras do português para o alemão. Com estes instrumentos pretendeu-se investigar as competências oral, auditiva, escrita e de leitura dos informantes e averiguar para que funções, quando, com quem e onde, os informantes usam suas duas línguas. A análise dos dados da pesquisa levou-nos a constatar que 100% dos informantes, de Mondaí e São João, se consideram bilíngues e que 37,5% dos informantes, de Mondaí e São João, são bilíngues simultâneos e 62,50% dos informantes, de Mondaí e São João, são bilíngues consecutivos, aprenderam primeiro o alemão. No que concerne às funções para que os informantes usam as suas línguas, constatou-se que a comunidade de São João do Oeste possibilita mais áreas de contato do que a comunidade de Mondaí, onde predomina o português. Também foi possível constatar que as mulheres estão mais propensas à substituição linguística em favor da língua majoritária, o que parece ser verdadeiro também para a classe alta. No que diz respeito ao grau de bilinguismo, constatou-se que a variedade alemã é uma língua basicamente oral, ou seja, poucos informantes conseguem ler e escrever nesta língua.

Palavras-chave: Bilinguismo português-alemão. Línguas em contato. Dialetologia pluridimensional.

ABSTRACT

The aim of this study is to describe aspects of the German-Portuguese bilingualism in the communities of Mondaí and São João do Oeste - SC. German descendants, originally from Rio Grande do Sul, and German speaking immigrants from Europe colonized both towns. The colonization of Mondaí began in 1922 and that of São João in 1926. Despite all these years, the Vargas government's nationalization policy and linguistic discrimination suffered by minority languages, the German language persists in these two communities. In order to describe bilingualism in the communities mentioned above, we used the methodology guided by the multidimensional dialectology. With that in mind, eight informants were interviewed, eight informants in each community, which gives a total of sixteen informants. Of the eight chosen informants, four are men and four are women. Two of them belong to the GI (generation one – 18-36 years), one belonging to the Ca (upper class) and the other one to the Cb (lower class). The other two women and men belong to the GII (Generation Two - over 55 years), one belonging to the Ca and the other one to the Cb. The requirements for choosing the informants were two: the informants must have lived 3/4 of their lives in these communities and they must have German as their mother tongue. In addition to the questionnaire, we also asked the respondents to read and to write a short essay in German, and to translate some words from Portuguese into German. Our goal with these instruments was to investigate the informants' oral, listening, writing and reading skills, and to ascertain for what functions, when, with whom and where the informants use their two languages. The analysis of the survey data showed that 100% of the informants from both towns see themselves as bilinguals and that 37.5% of the respondents, from Mondai and São João, are simultaneous bilinguals and 62.50% of the informants, from both towns, are consecutive bilinguals, meaning they have learnt first German and then Portuguese. Regarding the functions to what the informants use their languages, it was found that the community of São João do Oeste has more contact areas than Mondaí, where the dominant language is Portuguese. It was also possible to verify that women are more inclined to language substitution in favor of the majority language, which seems to be true for the upper class. With respect to the degree of bilingualism, it was found that the German variety is, basically, an oral language, that is, few informants can read and write in this language.

Keywords: German-Portuguese bilingualism. Languages in contact. Pluridimensional dialectology.

ZUSAMMENFASSUNG

Diese Untersuchung befasst sich mit der Beschreibung der Aspekte der Zweisprachigkeit deutsch-portugiesisch in den Städten Mondaí und São João do Oeste – SC. Diese zwei Städte wurden von deutschstämmigen aus Rio Grande do Sul und von den Nachfahren der Imigranten aus dem Deutschsprachigen Europa kolonisiert. Die Kolonisation in Mondaí begann im Jahr 1922 und in São João do Oeste im Jahr 1926. Trotz mehrjähriger Nationalisierungspolitik der Vargas Regierung und dem Vorurteil gegen Minderheitensprachen überlebte die deutsche Sprache heute noch in diesen zwei Gemeinden. Um die Zweisprachigkeit in den genannten Gemeinden zu beschreiben wird die Methodik nach der Theorie der Pluridimensionale Dialektologie durchgeführt. In jeder Stadt wurden Acht Informanten interviewt. Insgesamt sind es sechzehn Personen. Jeweils der Acht ausgewählten Informanten, sind vier Männer und vier Frauen, von denen zwei Männer und zwei Frauen der so genannten ersten Generation angehören (GI – mit einem Alter zwischen 18 und 36 Jahren) und von denen wieder ein Mann und eine Frau aus den höheren Schichten (mit Hochschule, als Ca genannt) und ein Mann und eine Frau aus den niederen Schichten (bis Sekundarschule, als Cb genannt). Und auch zwei Männer und zwei Frauen aus der zweiten Generation (GII – mit einem Alter über 55 Jahren) wieder ein Mann und eine Frau aus der ersten Schicht und ein Mann und eine Frau aus der zweiten Schicht. Es gibt zwei Kriterien für die Auswahl der Informanten. Sie müssen erstens dreiviertel ihres Lebens in der Gemeinde gelebt haben und zweitens deutsch als Muttersprache haben. Außer einen Fragenbogen zu beantworten, wurde auch von den Informanten verlangt einen kleinen Text zu lesen und zu schreiben und auch ein paar portugiesische Wörter auf deutsch zu übersetzen. Dadurch wurden die sprachlichen Fähigkeiten, die Hörfähigkeit, die schriftlichen Fähigkeiten und die Lesefähigkeiten der Informanten erforscht. Es wurde auch untersucht, für welche Funktionen, wann, mit wem und wo die Informanten die zwei Sprachen anwenden. Durch die Analyse der Daten stellte sich heraus, dass 100% der Befragten, aus Mondaí und aus São João do Oeste zweisprachig sind; 37,50% der Informanten aus den zwei Gemeinden sind gleichzeitig zweisprachig und 62,50% der Befragten aus den zwei Gemeinden sind konsekutive zweisprachig, sie haben zuerst deutsch gelernt. Was die Funktionen der Sprache angeht, für was die Informanten ihre Sprachen anwenden, wurde festgestellt, dass die Gemeinde São João do Oeste mehr Kontaktbereiche ermöglicht als die Gemeinde Mondaí, denn in dieser letzten Gemeinde herrscht das Portugiesisch vor. Man kann auch behaupten, dass die Frauen zum Sprachersatz der Sprache der Mehrheit mehr geneigt sind. Das ist auch scheinbar für die höhere Schicht gültig. Zum Grad der Zweisprachigkeit wurde gezeigt, dass die deutsche Variante überwiegend eine mündliche Sprache ist. Das heißt, nur wenige Informanten können in dieser Sprache lesen oder schreiben.

Hauptwörter: Deutsch-Portugiesisch Zweisprachigkeit. Sprachkontakt. Pluridimensionale Dialektologie.

LISTA DE ABREVIATURAS

ALiB: Atlas Linguístico do Brasil

ALMA: Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata

Ca: Classe alta

Cb: Classe baixa

CEP: Conselho de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da Universidade Federal da
Fronteira Sul

F.: Feminino

GI: Geração I

GII: Geração II

M.: Masculino

MO: Mondaí

SJO: São João do Oeste

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1 – Mapa do Extremo Oeste Catarinense, com destaque para Mondaí e São João do Oeste | 24 |
| Figura 2 – Mapa do estado de Santa Catarina, com destaque para Mondaí e São João do Oeste | 25 |
| Figura 3 – Esquema variacional e disciplinas da variação | 53 |
| Figura 4 – Esquema da cruz | 58 |
| Figura 5 – Distribuição dos informantes teuto-brasileiros nos municípios de SJO e MO | 59 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|--|----|
| Gráfico 1 – Síntese das respostas à pergunta sobre ser bilíngue | 65 |
| Gráfico 2 – Síntese das respostas sobre a primeira língua dos informantes de São João e Mondaí | 67 |
| Gráfico 3 – Síntese das respostas à pergunta sobre como a língua portuguesa foi aprendida em São João e Mondaí | 68 |
| Gráfico 4 – Números da leitura | 75 |
| Gráfico 5 – Que língua você fala melhor? | 80 |
| Gráfico 6 – Onde os informantes usam as suas línguas em São João | 88 |
| Gráfico 7 – Onde os informantes usam as suas línguas em Mondaí | 89 |
| Gráfico 8 – Que línguas costuma falar na família? | 88 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|--|----|
| Quadro 1 – Respostas à pergunta “qual língua você aprendeu primeiro?” | 67 |
| Quadro 2 – Respostas à pergunta “como aprendeu o português?” Mulheres SJO | 69 |
| Quadro 3 – Respostas à pergunta “como aprendeu o português?” Homens SJO | 69 |
| Quadro 4 – Respostas à pergunta “como aprendeu o português?” Mulheres MO | 70 |
| Quadro 5 – Respostas à pergunta “como aprendeu o português?” Homens MO | 70 |
| Quadro 6 – As quatro competências linguísticas básicas | 71 |
| Quadro 7 – Resumo dos informantes que aceitaram escrever em alemão | 72 |
| Quadro 8 – Exemplos da escrita dos informantes | 74 |
| Quadro 9 – Comportamento dos informantes em relação à leitura | 76 |
| Quadro 10 – Variantes usadas pelos informantes na tradução para o alemão | 82 |
| Quadro 11 - Uso das línguas dos inf. masculinos de MO em diferentes lugares | 90 |
| Quadro 12 - Uso das línguas dos inf. femininos de MO em diferentes lugares | 91 |
| Quadro 13 – Uso das línguas dos inf. masculinos de SJO em diferentes lugares | 92 |
| Quadro 14 - Uso das línguas dos inf. femininos de SJO em diferentes lugares | 93 |

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| 1 INTRODUÇÃO | 13 |
| 2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA | 23 |
| 2.1 MONDAÍ | 25 |
| 2.2 SÃO JOÃO | 28 |
| 3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA | 30 |
| 3.1 CONTATO LINGUÍSTICO, BILINGUISMO E DIGLOSSIA | 30 |
| 3.2 NIVELAMENTO DIALETAL | 39 |
| 3.3 LÍNGUA E VARIEDADES DE UMA LÍNGUA | 41 |
| 3.4 LÍNGUA MATERNA, LÍNGUAS DE IMIGRAÇÃO, LÍNGUA MINORITÁRIA E MAJORITÁRIA. | 42 |
| 3.5 ATITUDE, COMPORTAMENTO LINGUÍSTICO E IDENTIDADE | 45 |
| 3.6 PRECEITOS DA DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL | 51 |
| 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS | 56 |
| 4.1 DIMENSÕES DE ANÁLISE | 56 |
| 4.2 SELEÇÃO DOS INFORMANTES E DEFINIÇÃO DAS ENTREVISTAS | 56 |
| 4.3 INSTRUMENTOS DE COLETAS DE DADOS | 59 |
| 4.4 PROCEDIMENTO DE DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS | 60 |
| 5 ANÁLISE DOS DADOS | 63 |
| 5.1 IMPRESSÃO DOS INFORMANTES SOBRE SUA CONDIÇÃO BILÍNGUE E TIPOS DE BILÍNGUE | 63 |
| 5.3 GRAU DE BILINGUISMO | 71 |
| 5.3.1 Escrita | 71 |
| 5.3.2 Leitura | 75 |
| 5.3.3 Fala | 77 |
| 5.3.4 Compreensão auditiva | 80 |
| 5.3.5 Tradução | 81 |
| 5.4 FUNÇÕES PARA AS QUAIS OS INFORMANTES USAM SUAS LÍNGUAS | 85 |
| 5.4.1 Onde | 85 |
| 5.4.2 Com quem | 93 |
| 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 96 |
| 7 REFERÊNCIAS | 101 |

1 INTRODUÇÃO

O bilinguismo frequentemente está relacionado a uma minoria (língua minoritária) que se encontra entre uma maioria (língua majoritária), e, embora o bilinguismo seja a regra não a exceção, onde ele é encontrado os problemas que surgem, como aprendizagem e ensino da língua oficial e preconceito linguístico, sempre são de interesse da minoria. Onde uma língua regional minoritária existe, geralmente é o pequeno em face do grande. Nesse sentido, esse trabalho vem para somar forças às minorias bilíngues, nele procuramos investigar a dinâmica do bilinguismo alemão-português nas comunidades de São João do Oeste e Mondaí – SC.

O contato linguístico alemão-português existe no sul do Brasil desde a imigração alemã para essa região. As primeiras famílias alemãs aportaram no Rio Grande do Sul no ano de 1824, dando início à imigração germânica no Brasil. A princípio, os alemães se estabeleceram no Rio Grande do Sul, mas após sucessivas migrações estenderam a colonização para amplas áreas do centro-oeste de Santa Catarina e sudoeste do Paraná. Esse movimento se deu devido à falta e à infertilidade das terras no Rio Grande do Sul (LUERSEN, 2009; MÜLLER, s/a). As cidades de Mondaí e São João receberam seus primeiros colonizadores de origem alemã nos anos de 1923 e 1932, respectivamente, um século após a chegada dos primeiros alemães ao Rio Grande do Sul.

Os municípios de São João e Mondaí estão localizados no extremo oeste de Santa Catarina e ambos foram colonizados por imigrantes ou descendentes de alemães. A colonização do extremo oeste catarinense teve seu início em Mondaí e depois se estendeu para Porto Novo, hoje a região de Itapiranga, São João do Oeste e Tunápolis. A empresa responsável pela colonização de Mondaí foi a Chapecó-Peperi Ltda, que iniciou seus trabalhos no dia 20 de maio de 1922 e os primeiros colonizadores a chegarem eram oriundos do Rio Grande do Sul (KOELLN, 2004; JUNGBLUT, 2000).

A colonização de Porto Novo (hoje Itapiranga, São João do Oeste e Tunápolis) teve início no dia 11 de abril de 1926, e a empresa responsável foi a *Volksverein* (ou Sociedade União Popular – SUP) (JUNGBLUT, 2000). A *Volksverein* “foi uma organização social filantrópica criada em 1912, no Rio Grande do Sul. A Sociedade União Popular tinha como objetivo reunir os alemães para preservar os bons costumes, a cultura, e a religião católica” (JUNGBLUT, 2000). Desta forma, Porto Novo tornou-se uma colônia de credo católico.

É preciso lembrar que na época da imigração, a Alemanha ainda não existia como unidade nacional, ela se dividia em reinados, principados e ducados independentes entre si e que não falavam a mesma variedade da língua alemã. A unificação, formalizada por Bismarck, só foi acontecer em 1871, 47 anos após o início da imigração para o Brasil. Então, embora os passaportes dos imigrantes dissessem outra coisa, todos eram tidos como cidadãos alemães devido à língua, falar alemão não significava, necessariamente, ser cidadão alemão (MÜLLER, s/d).

Aqui no Brasil, a convivência dessas pessoas e suas línguas acabou por originar uma variedade alemã local, pode-se, assim, falar de um nivelamento dialetal (conceito a ser discutido no cap. 2). Além do contato inicial entre as variedades alemãs, mais tarde ainda aconteceu o contato com a língua portuguesa e a italiana. Steffen (2013, p. 74) denomina a língua resultante dos contatos entre as variedades do alemão e o português de *riograndenser Hunsrückisch*, na oralidade, segundo ele, “dominava uma variedade do alemão que apresentava fortes traços de dialetos do centro-oeste da Alemanha e na qual gradualmente foram absorvidos mais e mais elementos do português”. Altenhofen (2013) denomina-a hunsriqueano rio-grandense. É possível perceber a presença das variedades do alemão e do português na fala dos descendentes, há os que falam *Deutsch /ɔy/* (variedade que se aproxima mais do *Hochdeutsch*) e os que falam *Deitsch /aɪ/* (variedade que se aproxima mais do *Hunsrückisch*). Entre os elementos absorvidos do português, temos alguns verbos aos quais é adicionada a terminação verbal - *ieren* do alemão, como em *namorieren*, *arrumieren*, e palavras da língua portuguesa para preencher lacunas no vocabulário alemão e que geralmente são integradas à fonética daquela língua.

Vejam agora, então, que português é esse que entrou em contato com as variedades alemãs. Primeiramente, o português brasileiro foi dividido por Antenor Nascentes (1953; 1958 apud ALTENHOFEN, 2005) em dois grupos, o do Norte e o do Sul, e esses dois grupos foram divididos em seis subfalares. O autor acrescenta ao que chama subdialeto sulista regiões como São Paulo e Rio Grande do Sul (ALTENHOFEN, 2005). Na verdade, a região Sul está longe de ser uma área linguística homogênea; Koch (2000 apud ROMANO, 2014) a divide em duas grandes áreas linguísticas, a paranaense e a rio-grandense, identificando o estado de Santa Catarina como uma área de transição, denominando-a *Leque Catarinense*. Já Altenhofen (2005) amplia esse *Leque* levantando nove hipóteses e a partir delas delimita oito áreas linguísticas, são elas: área de transição (*Leque Catarinense*, postulado por Koch 2000); corredor central de projeção paranaense; corredor oeste de projeção rio-grandense; corredor leste de projeção rio-grandense (*Feixe Rio-Grandense*, na interpretação de Koch, 2000); zona Lateral açoriano-

catarinense; zona lateral do Paraná do norte (*Feixe Paranaense*, na interpretação de Koch, 2000); zona Lateral da fronteira sul-riograndense; áreas bilíngues de portugueses de contato.

Romano (2014) através de dados do *AliB* (Atlas Linguístico do Brasil) corrobora a existência da área linguística denominada por Altenhofen (2005) de *corredor oeste de projeção rio-grandense*. Nessa área, segundo Altenhofen (2005), há um avanço da área rio-grandense por um corredor lateral através do Oeste de Santa Catarina até o Sudoeste do Paraná. Essa área foi colonizada por pessoas vindas do Rio Grande do Sul de descendência europeia e, de acordo com o autor, ainda é possível encontrar falantes nascidos no Rio Grande do Sul entre as gerações mais velhas. Essa área linguística é caracterizada pela presença de falantes bilíngues, e as línguas faladas por estas pessoas, conseqüentemente, influenciarão uma a outra. Segundo Altenhofen (2005), “não se pode perder de vista as transferências linguísticas verificadas na fala dos bilíngues e que atingem especialmente o plano fonético”. Nesse sentido, o pesquisador cita as variáveis mais salientes neste plano, como, por exemplo:

- Ausência de palatalização de /t/ e /d/ diante de /i/, como em *mentira*, *dia*, *tio*;
- Realização do ditongo nasal /ẽw̃/ como /õ/, como em *procissão*, *ferrão*;
- Transferências lexicais e semânticas como *Schmier* ou o uso de *pedir* com o significado de *perguntar*.

Uma marca interessante da transferência lexical do alemão para o português é a expressão *uma vez*, estudada por Wendling (2014), que corresponde à expressão *mal* em alemão. Os falantes alemães a usam em frases como: *Hör mal!* (frase imperativa, “escuta uma vez”, em que o falante quer a atenção de seu interlocutor, e o *mal* aí está para enfatizar isso). Os falantes do português o usam em frases como: “vai lá em casa uma vez” (a pessoa quer mesmo que você vá), “faz isso de uma vez” (esperando que o interlocutor faça o que tem para fazer logo). Wendling constatou que o uso de *uma vez* é uma característica exclusiva dos descendentes de alemães, pois não foi usada pelo grupo de controle, não falantes de alemão.

Através desses estudos é possível perceber que o oeste catarinense tem características da fala do Rio Grande do Sul, por ter sido colonizado em sua maioria por migrantes gaúchos que trouxeram as características da sua fala para cá, e do contato linguístico português-alemão-italiano.

No que diz respeito à língua alemã falada pelos descendentes em Mondaí e São João, percebe-se que há duas variedades distintas da língua, as variedades *Deitsch* e *Deutsch*. A primeira foi definida por Meyer (2009) como uma variedade mais dialetal e a segunda como uma variedade mais padrão, mais próxima do *Hochdeutsch*. Ainda de acordo com Meyer

(2009), os alemães que imigraram para o Brasil mais tarde trouxeram “da matriz de origem uma variedade dialetal mais próxima do alemão-padrão em relação aos pioneiros. A variedade *Deutsch* é mais comum na área urbana de Mondaí e a variedade *Deitsch* na zona rural e no município de Mondaí. Como visto acima, tanto o alemão quanto o português possuem suas variedades regionais, mas para este estudo usaremos os termos gerais língua portuguesa e língua alemã.

O contato linguístico português-alemão não foi muito intenso no princípio da colonização, pois as colônias alemãs eram isoladas, facilitando a manutenção da língua alemã. Além do isolamento, outro fator que propiciou a manutenção da língua alemã era o fato de as colônias possuírem suas próprias escolas, que ministravam aula em *Hochdeutsch*, e igrejas, algumas vezes, as duas funcionavam no mesmo local. No caso dos alemães luteranos, o culto e as canções também eram em língua alemã e no caso dos alemães católicos, a missa mesclava latim e alemão. Nesse sentido, igreja e escola proporcionaram o contato das variedades com sua língua padrão (MÜLLER; LUERSEN, 2009).

A língua alemã manteve-se como língua de comunicação entre os imigrantes e seus descendentes por muito tempo. O fato de eles terem escolas próprias, em língua alemã, contribuía para a preservação da germanidade e incomodava as outras pessoas, “como se comentava na época, as condições de ensino das escolas alemãs eram superiores às das escolas que o Estado estava implantando, e grande parte das crianças que entravam na escola pública não falavam a língua portuguesa” (CAMPOS, 1998). A hostilidade para com os descendentes alemães aumentou muito durante e após a Primeira Guerra Mundial, que teve seu início em 1914 e seu fim em 1918, e piorou ainda mais antes e durante a Segunda Guerra Mundial. Descendentes de alemães sofriam agressões verbais e físicas, pessoas que falassem a língua alemã em público eram presas (MÜLLER, s/d; RENK, 2008)

Os nacionalistas pediam pela nacionalização das escolas dos imigrantes, o que resultou numa legislação mais dura no que concernia às aulas em língua nacional. Nos anos entre 1920 e 1930, começou-se um processo de nacionalização das escolas que ministravam aula em língua estrangeira. A princípio, o controle do estado sobre essas escolas era precário, mas após o ano de 1938 as associações culturais e escolares não puderam mais ofertar o ensino formal em alemão. O ensino da língua alemã tanto na escola quanto em casa estava terminantemente proibido. Além disso,

“foi instituída a obrigatoriedade da frequência das crianças e jovens às escolas instaladas pelo Estado, através de um documento de ‘quitação escolar’. Este documento previa que a população catarinense, para ser admitida ou promovida em serviço público, para ter contrato com o Estado ou receber dinheiro público, deveria antes obter junto à escola mais próxima de sua residência um atestado de que suas crianças frequentavam a escola oficial” (CAMPOS, 1998, p. 108).

Todas essas medidas, no entanto, não foram capazes de aniquilar todos os aspectos da cultura alemã, muito da tradição e da cultura alemã perdura até hoje, a língua, inclusive. A proibição da língua alemã e a perseguição aos alemães eram um retrato da política nacionalista do governo brasileiro e refletiam a ideia “um país, uma língua”.

Apesar de muitos falantes de alemão resistirem à pressão, outros começaram a abandonar sua língua. Os que optaram pela resistência falavam o alemão em casa, com a família e vizinhos, e o português, quando o sabiam, em lugares públicos. Como muitos destes descendentes não sabiam falar o português, acabaram se calando, enquanto que outros foram obrigados a aprendê-lo, levando a um bilinguismo forçado.

Esse bilinguismo acentuou a transferência de elementos do português para a variedade alemã falada pelos descendentes. Muitos termos foram emprestados do português, principalmente palavras que designavam novas tecnologias, pois tais palavras ainda não existiam no léxico alemão quando da saída dos imigrantes de seu país, e a distância geográfica impedia que os novos termos da língua materna chegassem aos imigrantes. A partir do português, os teuto-brasileiros, brasileiros que têm pelo menos um ascendente de etnia alemã, criaram palavras híbridas, como *Milhebrot*, usada para denominar o pão de milho. O termo é constituído pela mistura da palavra milho do português e *Brot* (pão) do alemão.

Este estudo toma os princípios teóricos e metodológicos da dialetologia pluridimensional para descrever e analisar o bilinguismo das variedades do alemão e do português em Mondáí e São João do Oeste – SC.

A dialetologia pluridimensional procura investigar a fala não só a partir do espaço geográfico, como era feito na dialetologia tradicional, mas também em relação à função das variáveis extralinguísticas na mudança linguística. Ela combina as superfícies da dialetologia tradicional com o eixo de grupos sociais diferentes, criando, assim, um modelo de espaço tridimensional (THUN, 2010, p. 2).

As dimensões da geolinguística pluridimensional a serem consideradas neste trabalho são:

- Dimensão diatópica – refere-se ao espaço de uma língua, de uma comunidade de fala, neste estudo, Mondaí e São João.
- Dimensão diastrática – classe social, baixa (Cb – escolaridade até o ensino médio) e alta (Ca – ensino superior completo ou em curso).
- Dimensão diageracional – faixas etárias, primeira geração (GI – 18 a 36 anos), segunda geração (GII – acima de 55 anos).
- Dimensão diassexual – mulher e homem.
- Dimensão diafásica – estilo (serão quatro: pergunta e resposta, leitura, escrita e conversa livre).
- Dimensão dialingual – duas ou mais línguas (variedade alemã e variedade do português).
- Dimensão diarreferencial - comentários metalinguísticos.

O número de informantes a serem entrevistados será de 16 (dezesesseis), num total de 8 (oito) informantes em cada cidade. As dimensões e a escolha dos informantes serão melhor explicadas na metodologia.

Definida a metodologia, vamos agora ao termo bilinguismo. Muitos já estudaram e discutiram o termo, mas nem todos chegaram a um denominador comum quanto ao conceito de bilinguismo. Bloomfield definiu bilinguismo como a habilidade de “controlar duas línguas como um falante nativo”, enquanto Mackey (1972, p. 555) entende bilinguismo como “o uso alternado de duas ou mais línguas pelo mesmo indivíduo”¹. Já Haugen via o bilinguismo como a habilidade de produzir “declarações completamente compreensíveis em outra língua” (apud MACKEY, 1972, p. 555). Macnamara (1967 apud HAMERS e BLANC, 2000) afirma que bilíngue é qualquer pessoa que possua uma competência mínima em apenas uma das quatro habilidades linguísticas (compreensão auditiva, fala, leitura e escrita) em qualquer outra língua que não seja a sua língua mãe. Já no senso comum, assim como na concepção de Bloomfield, vigora a crença de que para ser bilíngue é preciso ter um bom domínio das duas línguas.

Para este estudo será adotada a concepção de bilinguismo de Mackey (1972), segundo a qual, o ponto em que um falante de uma segunda língua se torna bilíngue é arbitrário ou impossível de determinar, por isso é preciso considerar o bilinguismo como algo inteiramente relativo (MACKEY, 1972, p.555). O linguista fala de grau de bilinguismo, pois um indivíduo pode não dominar da mesma forma as quatro habilidades básicas em ambas as línguas. É preciso reconhecer que o bilinguismo é um fenômeno cognitivo e linguístico complexo que pode variar

¹ MACKEY (1972) ...the alternate use of two or more languages by the same individual.

muito entre as pessoas. Por exemplo, um falante pode ter uma competência passiva e não ativa em uma de suas línguas, ou seja, compreende uma delas, mas não consegue se exprimir nesta língua.

Com a concepção de bilinguismo de Mackey em mente, **o objetivo central** deste trabalho é descrever o bilinguismo alemão-português em Mondaí e São João do Oeste – SC. A partir do objetivo central, temos os seguintes **objetivos específicos** a serem analisados nas seguintes dimensões: **diatópica, diastrática, diageracional e diassexual**.

- 1) Registrar a impressão dos informantes sobre a sua condição bilíngue e inferir os tipos de bilíngues, simultâneos ou consecutivos.
- 2) Investigar as competências oral, auditiva, escrita e de leitura dos informantes;
- 3) Averiguar para que funções, quando, com quem e onde, os informantes usam suas duas línguas;

As **hipóteses** desenvolvidas perante os objetivos específicos supramencionados são:

1 Objetivo

- a) A impressão dos informantes sobre a sua bilinguagem será conseguida através da pergunta “*bist du Zweisprachig?*” (“você é bilíngue?”). Acredita-se que, ao serem questionados sobre a sua bilinguagem, os informantes neguem a sua condição bilíngue. Isso vai ao encontro do senso comum de que *bilíngue é aquele que domina igualmente duas línguas* e, segundo Altenhofen (2004), da valoração depreciativa que a variedade alemã recebe, sendo chamada de *verlorene Sprache* (língua perdida), *verbrochne Deutsch* (alemão quebrado), ou até mesmo afirmações como *não é alemão* ou *língua*. No entanto, é possível que os representantes GIICa tenham uma visão positiva sobre a sua língua, já que possuem instrução superior e, conseqüentemente, uma maior consciência linguística.
- b) De um modo geral, supõe-se que os informantes sejam bilíngues simultâneos, significando que aprenderam as duas línguas desde o nascimento até os três anos de idade (BAKER, 2006) ou, de acordo com De Heredia (1989), entre 0 e 5 anos, que é o período de aquisição da linguagem. Nesses casos, teremos bilíngues simultâneos e, conseqüentemente, indivíduos com duas línguas maternas.
- c) Quanto à **dimensão diatópica**, acreditamos não haver diferença significativa nos tipos de bilíngue entre as duas comunidades de pesquisa, pois a dinâmica funciona

praticamente da mesma forma, as crianças aprendem o alemão em casa e o português na escola ou se convivem com pessoas monolíngues em português, antes disso.

- d) Quanto à **dimensão diastrática**, supomos que a classe social dos informantes, neste estudo, não exercerá influência sobre os tipos de bilíngues. Acreditamos que, neste caso, a classe social a que os pais dos informantes pertenciam poderia influenciar na decisão deles de passar ou não a língua minoritária aos filhos e de falar ou não a língua majoritária com eles. Outro fator que poderia exercer influência no período de aquisição das duas línguas é a área em que os informantes cresceram, urbana ou rural, com ou sem falantes monolíngues de português.
- e) No que concerne à **dimensão diageracional**, acreditamos que os informantes pertencentes à GII sejam bilíngues consecutivos, ou seja, aprenderam primeiro a variedade alemã em casa e depois o português na escola, e os informantes pertencentes à GI bilíngues simultâneos. Essa diferença entre as gerações se deve ao fato de que quando os informantes da GII nasceram, muitos dos pais destes falavam somente a variedade alemã em casa, isso porque, muitas vezes, os avós conheciam apenas essa língua. Com a proibição da língua alemã, antes e após a Segunda Guerra Mundial, os descendentes germânicos se esforçavam mais e mais para aprender o português e, nesse processo, acabavam por falar a variedade alemã somente em casa e com pessoas mais próximas (HORST, 2011; KRUG, 2011; HORST, A. 2014).
- f) No que diz respeito à **dimensão diassexual**, supomos que o gênero não influenciará os tipos de bilíngue, já que a escolha por uma língua ou outra, até certa idade, não depende das crianças e sim do ambiente e das escolhas linguísticas das pessoas que as cercam.

2 Objetivo

- a) As nossas hipóteses para a **competência oral** são as que seguem: quanto à **dimensão diageracional**, acreditamos que os informantes da GII dominem mais a variedade do que os informantes da GI (KRUG, 2004), também acreditamos que os primeiros alternem de código com menos frequência do que os segundos e que apresentem menos fenômenos de *code mixing*. Intui-se, ainda, que alguns representantes da GI possuam competência passiva, ou seja, compreendem a variedade, mas não conseguem se expressar tão bem nela. No que diz respeito à **dimensão diassexual**, acreditamos que as mulheres tenham uma tendência maior do que os homens em usar a língua de prestígio, já que elas, segundo Labov (2010), na maioria dos casos, estão à frente da mudança linguística. Ainda, segundo Labov (2010), “a diferença de variáveis

linguísticas estáveis por gênero varia através das classes sociais”. Nesse sentido, acreditamos que as mulheres da Ca possam apresentar uma tendência maior em usar a língua majoritária. Acreditamos, ainda, que o mesmo se aplica aos homens. No que concerne à **dimensão diastrática**, supomos que a Ca está mais inclinada a usar a língua majoritária.

- b) No que diz respeito à **competência auditiva**, acreditamos que não haverá diferenças significativas entre as dimensões.
- c) No que concerne à **competência escrita**, pensamos que ela seja restrita em todas as dimensões por ser a variedade uma língua oral. Acreditamos, porém, que na **dimensão diageracional**, a GII poderá apresentar certa competência escrita devido à convivência com os avós durante a infância, pois estes ainda liam e escreviam em *Hochdeutsch*.
- d) Quanto à **competência em leitura**, suspeitamos que os resultados sejam os mesmos que os da escrita. Na **dimensão diageracional**, acreditamos que a GII possua alguma habilidade na leitura do *Hochdeutsch* devido aos fatos já mencionados acima, e quanto à **dimensão diastrática**, supomos que a Ca, devido ao grau de instrução e consciência linguística, possua alguma habilidade na leitura.

3 Objetivo

- a) No que diz respeito às funções para as quais os informantes usam as suas línguas, acreditamos que na **dimensão diatópica** os informantes de São João tenham a seu dispor mais áreas de contato e, conseqüentemente, mais oportunidades de usar a variedade alemã, pois o município recebeu, em 2008, o título de capital catarinense da língua alemã e, segundo o site da prefeitura 96% da população comunica-se em língua alemã. Na **dimensão diageracional**, supomos que a GII use a língua alemã em mais oportunidades do que a GI, isso se deve ao fato de muitas pessoas da GII não terem permanecido na escola por muito tempo e, como consequência, não terem aprendido muito bem o português, sentindo-se assim mais à vontade em falar a variedade alemã. Fato esse que nos faz crer que na **dimensão diastrática** a Cb use a língua minoritária em mais oportunidades do que a Ca. Quanto à **dimensão diasssexual**, acreditamos que as mulheres façam mais uso da língua majoritária, já que, em média, as mulheres tendem a usar mais variantes de status mais alto do que os homens (TRUDGILL; CHAMBERS, 2004) e geralmente são elas que começam a substituição linguística em suas comunidades (PILLER; PAVLENKO, 2004). Desta forma, a escolha por uma língua ou outra entre as mulheres depende do status de cada uma das línguas. Em geral, presume-

se que a língua mais usada seja a portuguesa, já que esta é a língua oficial (KRUG, 2004).

Esta pesquisa está inserida no projeto Atlas das Línguas em Contato na Fronteira: Oeste Catarinense (ALCF-OC). Este projeto, por sua vez, está vinculado ao projeto maior Atlas das Línguas em Contato na Fronteira (ALCF). Desta forma, este estudo alia-se à importância da manutenção de uma língua de imigração, neste caso, a variedade alemã. Esta pesquisa foi aceita pelo Conselho de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), sob o parecer 702.162 e o número de identificação 20380713.2.0000.5564.

Este trabalho tem motivação pessoal, eu, como descendente de alemães, cresci num lar onde a língua do dia a dia era a variedade alemã. Por este motivo as questões sobre o bilinguismo me inquietam desde a infância. Lembro-me que as conversas entre os membros da família e vizinhos eram em alemão. A minha inspiração vem do fato de eu não ouvir mais a variedade alemã com a mesma frequência com que eu a ouvia quando criança. Tornou-se difícil ouvir falar de crianças que entrem para a escola sem saber o português. Desta forma, este estudo se alia a outros tantos relacionados às línguas de imigração, com o intuito de dar voz a essas línguas e valorizá-las.

O trabalho está estruturado, basicamente, em quatro partes: 1) no capítulo dois, descreve-se as comunidades de pesquisa, Mondaí e São João do Oeste; 2) no capítulo três, apresenta-se a fundamentação teórica da pesquisa, como a definição de alguns conceitos básicos, como bilinguismo, língua e variedades de uma língua, língua materna, línguas de imigração, língua minoritária e língua majoritária, bem como a teoria metodológica; 3) no capítulo quatro, apresenta-se os procedimentos metodológicos da pesquisa, como as dimensões de análise a serem consideradas na pesquisa, os procedimentos usados na seleção dos informantes e definição das entrevistas, instrumentos usados na coleta de dados e os procedimentos de descrição e análise dos dados; 4) no capítulo cinco, procede-se à análise dos dados linguísticos e extralinguísticos coletados durante a pesquisa de campo.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

Os municípios de São João do Oeste (SJO) e Mondaí (MO) estão localizados no extremo oeste de Santa Catarina e foram ambos colonizados por descendentes de alemães vindos do Rio Grande do Sul e por imigrantes de fala alemã vindos da Europa.

Como é possível ver no mapa 1, os dois municípios são limítrofes. Mondaí ainda faz divisa com Caibi, Riqueza, Iporã do Oeste e Itapiranga. Já São João faz divisa com Itapiranga, Tunápolis e Iporã do Oeste. Mondaí tem uma área de 200.98 Km² e uma população de 11034 habitantes. O principal acesso à cidade é pelas rodovias SC- 283 e SC-386. O município ainda é banhado pelo rio Uruguai e possui um porto de onde partem as balsas. O rio é uma das mais antigas vias de acesso ao Rio Grande do Sul e por onde vieram os colonizadores.

São João do Oeste tem uma área de 163.65 Km² e uma população de 6235 habitantes. As vias de acesso a São João são as rodovias SC-163, SC-283 e, assim como Mondaí, São João também é banhado pelo rio Uruguai. Desta forma, as comunidades a receberem os primeiros desbravadores foram as ribeirinhas, pois o acesso pelo rio era mais fácil. A ocupação de SJO se deu entre os anos de 1926 e 1940.

As histórias de Mondaí e São João se entrelaçam, já que a colonização do extremo oeste catarinense teve seu início em Mondaí e depois se estendeu para Porto Novo, hoje a região de Itapiranga, São João e Tunápolis.

A seguir temos dois mapas, o primeiro mostrando a localização de Mondaí e São João do Oeste no extremo oeste catarinense e o segundo mostrando a localização das duas cidades no mapa de todo o estado de Santa Catarina.

Figura 1: Mapa do extremo oeste de Santa Catarina ²



² Fonte: <http://sindimotor.net.br/abrange.php>

Figura 2: Mapa do estado de Santa Catarina, com destaque para São João e Mondaí³



2.1 MONDAÍ

A colonização de Mondaí teve início no dia 20 de maio de 1922, dia em que Hermann Faulhaber, diretor da empresa de colonização Chapecó-Peperi Ltda, chegou à nova colônia para determinar o local de sua nova sede. Os primeiros moradores vieram do Rio Grande do Sul, de municípios como Estrela, São Lourenço e Pelotas. Porto Feliz, como era denominado o município de Mondaí na época, tornar-se-ia uma colonização luterana, seguindo os princípios da colonização homogênea, ou seja, cada colônia teria alemães de um só credo, evangélico ou católico. Em Mondaí, no entanto, esse princípio teve que ser abandonado, pois desde o início da colonização chegaram a esse município seguidores de outras confissões, católicos, batistas e Missouri. Seis anos depois, também aportaram em Mondaí descendentes de italianos de religião católica (KOELLN, 2004). É possível constatar essa heterogeneidade religiosa e étnica com uma visita ao cemitério localizado na cidade, do lado esquerdo descansam os de confissão católica e do lado direito os de confissão evangélica. No lado evangélico, ainda é possível encontrar lápides com inscrições em língua alemã, já no lado católico as inscrições são todas

³ Fonte: <http://www.infoescola.com/santa-catarina/geografia-de-santa-catarina/>

em língua portuguesa, até mesmo as dos descendentes de alemães, e podemos encontrar lápides com sobrenomes de origem italiana e alemã.

Alguns dos colonizadores que chegaram a Porto Feliz eram originários da Prússia Oriental (Ostpreußen), Baviera (Bayern, Alemanha), Saxônia (Sachsen, Alemanha), e de outras partes do mundo, como: Austrália, África do Sul, México e Hungria, essas pessoas eram descendentes de alemães que haviam imigrado para estes lugares. Em 1928 chegou um grupo de imigrantes da Bessarabia (Moldávia e Ucrânia) e os primeiros descendentes de italianos (KOELLN, 2004).

Em janeiro de 1925 chegou a Porto Feliz a Coluna Prestes e ao partir, um mês depois, deixou para trás inúmeros cadáveres, tanto de cavalos quanto de soldados, e sujeira que contaminou o ar e a água. Estes fatores somados à deficiente alimentação da população de Porto Feliz foram a causa da epidemia de Tifo que matou várias pessoas e deixou sequelas em muitas outras. Em consequência disso, muitas pessoas deixaram Porto Feliz para voltar as suas cidades de origem ou procurar outras regiões (KOELLN, 2004). Segundo Koelln (2004), a consequência positiva da epidemia foi a união e a amizade que se formou entre os habitantes, a negativa foi que para as pessoas de fora, Porto Feliz ficaria marcada como um foco de tifo.

A união e amizade adquiridas com a epidemia de tifo, no entanto, foi destruída pela política de nacionalização do governo Vargas. Quanto a isso, Koelln escreve:

...brasileiros de descendência alemã ou cidadãos alemães não foram poupados pela desgraça. Sobre eles descarregou-se a psicose de ódio trazida de longe, de além das fronteiras do país, em discriminações, denúncias infundadas e perseguições... os carrascos – ninguém sabia de onde vinham tão de repente – apoderaram-se da colônia. A onda de ódio lançou-se sobre os inofensivos colonos porque falavam alemão, sobre os balseiros, dos quais se afirmava possuírem um depósito secreto de armas junto ao Peperi; sobre os cantores emudecidos, cuja casa da sociedade foi derrubada; sobre os alunos perplexos da escola fechada; sobre a Paróquia, cujo assistente espiritual, pastor Leistner, foi levado como prisioneiro e cuja biblioteca foi consumida pelas chamas. (KOELLN, 2004, p. 112-113.).

E desta forma, o coral foi calado, as escolas foram fechadas e pessoas inocentes presas. Não bastasse isso, uma onda de desconfiança instaurou-se entre os habitantes e a língua alemã, que até então era a língua de comunicação, tornou-se o motivo da prisão de muitos.

A partir de então, muitas pessoas deixaram de falar a língua alemã e muitos pais deixaram de transmitir a língua alemã aos filhos por questões de segurança. Até hoje algumas pessoas que passaram por essa experiência evitam falar no assunto com medo de represálias e para proteger os filhos.

Uma das preocupações dos colonizadores era o ensino, por isso logo após construírem o galpão dos imigrantes, construíram também a casa que serviria de escritório e provisoriamente de escola e igreja. Segundo Koelln,

“A língua nacional era muito considerada. A Sra. Margarete Fertsch realizou um curso noturno para ensinar os elementos rudimentares do português aos colonos vindos da Alemanha. Conforme o 2º parágrafo do regulamento da Liga Escolar de Neu-Württemberg [Panambi], o ensino da língua portuguesa era obrigatório”. (KOELLN, Arno. 2004, p. 81)

Como é possível perceber nesta declaração, o ensino da língua portuguesa fazia parte do currículo escolar. Conclui-se daí, que a escola era um dos principais meios a promover o contato linguístico entre a variedade alemã, o *Hochdeutsch* e o português. Não era somente a escola que promovia o contato linguístico *Hochdeutsch* e suas variedades, a igreja também exercia um papel importante neste aspecto. No princípio da colonização, a maioria dos colonizadores era de religião luterana e naquela época, os cultos e os cantos, de acordo com as pessoas mais idosas da comunidade, costumavam ser em *Hochdeutsch*. Essa dinâmica, no entanto, mudou durante a era Vargas, a proibição do ensino em língua alemã levou a uma substituição do *Hochdeutsch* pelo português no âmbito da escrita.

Percebe-se que o contato com o *Hochdeutsch* em Mondaí, favoreceu o surgimento de duas variedades distintas do alemão, uma mais *Deutsch* e outra mais *Deitsch*. Essa distinção é feita pelos próprios falantes, alguns dizem que as pessoas do interior falam diferente das da cidade, outros dizem que os moradores da comunidade de Catres, localizada no interior de Mondaí e colonizada por alemães católicos, falam diferente. Percebe-se que os falantes da variedade *Deutsch* têm um certo preconceito em relação à variedade *Deitsch*. Durante as entrevistas e conversas com os falantes de alemão em Mondaí, percebemos que a variedade *Deitsch*, além de ser mais falada no interior, parece ser, também, um traço dos falantes católicos.

Como mencionado acima, com a era Vargas a dinâmica entre as línguas mudou. O *Hochdeutsch* deixou de ser a língua usada no âmbito da escrita, sendo substituído pelo português, e no âmbito da oralidade perdurou o português e a variedade *Deutsch*, ainda falada hoje por alguns descendentes.

Voltando à questão religiosa, atualmente 54% da população é de credo católico e 46% de evangélico (esse número não inclui somente os luteranos, mas todas as igrejas denominadas evangélicas). Percebe-se aqui a heterogeneidade da colonização de Mondaí, fato esse que pode ter agilizado o processo de substituição das línguas de imigração pela língua oficial.

2.2 SÃO JOÃO

A colonização de Porto Novo (hoje Itapiranga, São João do Oeste e Tunápolis) teve início no dia 11 de abril de 1926. A princípio, a empresa que seria responsável por lotear as terras, abrir estradas de acesso a todos os lotes e construir pontes seria a Empresa Chapecó-Peperi Ltda, ela, porém, não cumpriu o previsto e dessa forma a *Volksverein* assumiu os trabalhos (JUNGBLUT, 2000).

Porto Novo teve o nome trocado para Itapiranga em 1928. Tornou-se distrito de Chapecó em 1932. Foi emancipado em 1954 e em 1989 desmembrou-se em Tunápolis e Itapiranga. Quatro anos mais tarde, em 1993, dividiu-se em São João do Oeste, Tunápolis e Itapiranga (JUNGBLUT, 2000). O município de São João foi fundado em 12 de dezembro de 1991.

A colonização de São João começou no ano de 1932, quando a família Klein, vinda de Montenegro, lá constituiu morada. Em 1934 começaram as aulas em São João, mas em 1938 “a escola de São João sofreu com a imposição da Lei de Nacionalização, que exigia a extinção das escolas paroquiais para que fossem assumidas pelo Estado, que nomearia também os professores” (JUNGBLUT, 2000). A escola, então, foi transformada em escola mista de São João, mas os moradores da comunidade não gostaram da ideia e fecharam a escola, pois não poderiam aceitar que uma escola “pública e descomprometida com a religião e a língua alemã” funcionasse na capela local (JUNGBLUT, 2000). Percebe-se aqui o quão forte era o sentimento de identidade, tanto religioso quanto étnico, dos habitantes de São João naquela época, sentimento esse, ainda perceptível nos dias atuais. Ainda hoje, a grande maioria da população de São João é de credo católico, totalizando 95%, os outros 5% são denominados evangélicos. A atual Igreja Matriz São João Berchmans foi inaugurada em 1948 e é considerada a maior igreja de madeira da América Latina e contém dois sinos importados da Alemanha.

São João mantém viva a cultura de seus colonizadores através de festas típicas e eventos culturais. Entre as festas típicas estão a *Deutsche Woche* (Semana alemã) que é uma semana de festa voltada à cultura e tradição alemã e acontece anualmente no mês de julho; a *Erntedankfest* (festa de agradecimento pela colheita) é realizada anualmente no primeiro domingo de maio. O município ainda possui um grupo de danças típicas alemãs de nome *Liebe zum Tanz* (amor à dança) e a associação de patinação Rosas do Sul, além disso, possui 7 corais e 4 grupos de canto.

Segundo o IBGE, a renda *per capita* de São João é de R\$ 22.804. A principal fonte de renda do município é a produção agropecuária, com destaque para a suinocultura, a avicultura e o gado leiteiro. O município ainda possui um parque de águas termais.

Em 2008 a Lei Estadual nº 14.467 concedeu a São João do Oeste o título de capital catarinense da língua alemã. Segundo números oferecidos pelo município, 96% da população se comunica através da variedade alemã. Outro título importante que o município conquistou foi o de município mais alfabetizado do Brasil.

No que diz respeito à língua, os informantes de São João falam a variedade *Deitsch*. É muito comum ouvir pessoas falando alemão nas ruas, percebe-se que a língua é uma parte importante da identidade de muitos são-joanenses. Em nossas andanças pelo município, usávamos a língua alemã para abordar as pessoas, algumas nos respondiam em língua alemã e outras em língua portuguesa, mas todos nos entendiam.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 CONTATO LINGUÍSTICO, BILINGUISMO E DIGLOSSIA

O contato entre línguas acontece entre falantes de diferentes línguas em situações de contato. Segundo Thomason (2001, p. 3), “o contato de línguas, a maioria das vezes, envolve interações face a face entre grupos de falantes em uma localidade geográfica em particular, dentre esses, pelo menos alguns falam mais de uma língua.”⁴ Essas situações de contato acontecem em grande parte sob condições de desigualdade social “resultantes de guerras, conquistas, colonialismo, escravidão e migração forçada ou não” (SANKOFF 2001, p. 3)⁵.

Minorias linguísticas podem ser encontradas em quase todos os países do mundo, muitas delas desapareceram no processo de colonização, ou porque a população local gradativamente mudou para a língua do colonizador ou por morte de seus falantes (SANKOFF, 2001).

As consequências do contato linguístico podem mudar em decorrência de vários fatores, como: a intensidade e a duração do contato entre os grupos; os tipos de relação social, econômica e política entre eles; a que função a comunicação entre eles deve servir e também o grau de similaridade entre as línguas que eles falam (SANKOFF, 2001). E mais, sempre que duas línguas estiverem em contato, haverá transferências de uma para a outra. Essas transferências poderão ocorrer em todos os níveis linguísticos: fonológico (sistema de sons), morfológico (estrutura das palavras), gramático-sintático (estrutura da sentença) e semântica lexical.

A transferência fonética ocorre quando um bilíngue percebe e reproduz os sons de uma língua, no caso a segunda língua, de acordo com a sua primeira língua. A transferência, então, acontece quando o falante bilíngue identifica um fonema da segunda língua com um fonema da primeira língua, e ao reproduzi-lo, submete-o às regras fonéticas da primeira (THOMASON, 2001).

A transferência gramatical ocorre quando elementos de uma língua (B) entram em uma língua (A) e são gradualmente integrados à gramática. A transferência geralmente acontece quando as duas línguas possuem categorias gramaticais diferentes (THOMASON, 2001). Quando duas línguas estão em contato há bastante tempo, e uma delas está perdendo espaço

⁴ Thomason (2001) Language contact most often involves face-to-face interactions among groups of speakers, at least some of whom speak more than one language in a particular geographical locality.

⁵ Sankof (2001) Language contacts have, historically, taken place in large part under conditions of social inequality resulting from wars, conquests, colonialism, slavery, and migration – forced and otherwise.

para a outra, é possível que os gêneros da língua minoritária sofram alterações. Exemplos disso temos no alemão australiano e americano. Como é sabido, a língua alemã tem três gêneros gramaticais enquanto que o inglês tem apenas um, desta forma, quando o alemão empresta uma palavra do inglês ele automaticamente designará um gênero à palavra emprestada, como o que acontece no alemão australiano em que a palavra *fence* (cerca) do inglês se torna *die fence* (a cerca) em alemão.

A transferência sintática acontece quando padrões da primeira língua são transferidos para a segunda língua, ou quando os padrões da segunda língua são interpretados conforme os padrões da primeira língua (THOMASON, 2001). A ordem das palavras pode ser um exemplo disso, uma frase como “ela é uma menina bonita”, quando falada em inglês por um falante de língua portuguesa, pode sofrer uma transferência do tipo “she is a girl beautiful”, enquanto que um falante nativo diria: “she is a beautiful girl”, isso porque, a ordem dos adjetivos nas duas línguas é diferente.

A transferência lexical pode acontecer de várias maneiras, uma delas é a introdução de uma nova palavra para designar um novo conceito, ampliando, assim, o vocabulário e, frequentemente, afetando o campo semântico ocupado por palavras pré-existentes. O termo *loanshift* é aplicado aos casos em que o significado de uma palavra em uma língua sofre não uma mudança total no significado, mas sofre uma “ampliação” do significado, quer dizer, a palavra passa a ter um significado a mais. Uma mudança completa no significado também pode acontecer. Um exemplo disso é a palavra portuguesa “grosseria” que no inglês americano mudou seu significado para “grocery store” (mercearia). Outra forma de transferência lexical é o “calque”, que é a tradução literal de uma palavra emprestada de outra língua, exemplos disso são as palavras jardim de infância traduzida do alemão (Kindergarten) e a adoção da palavra inglesa *skyscraper* traduzida para o português arranha-céu, para o alemão *Wolkenkratzer* e para o espanhol *rascacielos* (EDWARDS, 2004, p. 18). Além dos mencionados acima, as palavras híbridas são outro fenômeno comum nas línguas em contato, elas surgem quando vários processos se aplicam ao mesmo tempo, uma palavra emprestada pode ser preenchida segundo os modelos da língua nativa ou um elemento da palavra composta pode ser importado. Temos assim, palavras como: “Grundfloor”, uma palavra teuto-inglesa (Grund – chão, térreo do alemão e floor – andar, piso do inglês). Este tipo de composto é muito comum no contato alemão-português no sul do Brasil, como exemplo temos a palavra “Milhebrot” (milho do português e Brot do alemão, é interessante notar que a palavra “milho” foi fonologicamente integrada à variedade alemã). Hamers e Blanc (2004, p.260) denominam essas palavras *loan*

blend, para os autores, são mudanças de código que ocorrem no limite da palavra e, como exemplo, citam a palavra *Checker* (verbo inglês *check* + o infinitivo do francês *-er*).

Thomason (2001) identifica sete mecanismos de mudança linguística, a saber, code-switching, code alternation⁶, familiaridade passiva, negociação, estratégias de aquisição de uma segunda língua, aquisição da primeira língua em bilíngues e decisão deliberada. Segue uma breve descrição dos dois primeiros, code-switching e code alternation, pois a descrição dos outros mecanismos não é relevante para este trabalho.

O code-switching acontece quando um falante alterna entre o uso de uma língua e outra ou uma variedade e outra em uma única conversa e, geralmente, ocorre para preencher alguma lacuna lexical em uma das línguas. Este fenômeno acontece muito entre multilíngues, muitas vezes, eles usam elementos de diversas línguas quando conversando uns com os outros. O code-switching pode ser dividido em duas categorias: switching interssentencial, que é o alternar de uma língua para outra no limite de uma sentença, e switching intrassentencial quando o alternar de uma língua para outra ocorre dentro de uma única sentença (THOMASON, p.132).

Code alternation é outro tipo de comportamento comum entre bilíngues. Como o code-switching, o code alternation é o uso de duas ou mais línguas pelo mesmo falante. A diferença entre os dois é que o code alternation não acontece na mesma conversa, com o mesmo interlocutor. Na verdade, os falantes usam as línguas em ambientes diferentes. Um exemplo de code alternation é quando o falante usa uma língua em casa e outra no trabalho ou escola.

Para Thomason (2001, p. 132), “code-switching é o uso de material de duas (ou mais) línguas por um único falante na mesma conversa”.⁷ Ela ainda subdivide o code-switching em duas categorias: code-switching e code mixing. Ela define code-switching como “a mudança de código interssentencial, ou seja, a mudança de código de uma língua para outra no limite de uma sentença” (p. 132)⁸ e o code-mixing como a “mudança de código intrassentencial, quando a mudança acontece dentro de uma mesma sentença” (p. 132).⁹

Poplack (1980 apud HAMERS, BLANC, 2004, p. 259) distingue três tipos de code-switching: code-switching extrassentencial, interssentencial e intrassentencial. O code-switching extrassentencial consiste na inserção de um *tag* de uma língua em uma declaração que está inteiramente em outra língua. Muysken (2007, p. 321) denomina o tag-switching de

⁶ Manterei a denominação original

⁷ Thomason (2001) Code-switching is the use of material from two (or more) languages by a single speaker in the same conversation

⁸ Thomason (2001) ... intersentential switching, which is switching from one language to another at a sentence boundary.

⁹ Thomason (2001) ... intrasentential switching, in which the switch comes within a single sentence.

discourse marker switching (marcador discursivo) e segundo o autor, “o uso de um marcador discursivo de outra língua, frequentemente tem uma função altamente iluminadora em estruturar o discurso... às vezes, um elemento de outra língua pode ajudar a trazer a conversa para um domínio mais informal”.¹⁰

Acima vimos o que acontece quando duas ou mais línguas estão em contato, elas influenciam uma a outra de diferentes maneiras, levando, assim, a mudanças em ambas as línguas. Como consequência do contato linguístico, invariavelmente, teremos o bilinguismo, que pode ser em maior ou menor grau, dependendo para que funções os falantes usam cada uma das línguas.

Pergunta-se, então, o que é bilinguismo? A princípio, essa parece uma pergunta de resposta fácil. Para os leigos a resposta seria “um indivíduo que fala duas línguas”. Esse é o conceito de bilinguismo que reside na mente da maioria das pessoas, mas junto com ele, vêm outras perguntas:

- Esse “falar duas línguas” significa que o indivíduo precisa dominar as duas línguas de igual forma?
- Qual o grau de conhecimento necessário em cada língua para que um indivíduo seja considerado bilíngue?

O termo bilinguismo pode ter significados diferentes para pessoas diferentes, já que não há apenas uma definição para bilinguismo. Até mesmo os especialistas discordam uns dos outros neste assunto. Bloomfield definiu bilinguismo como a habilidade de “controlar duas línguas como um falante nativo”, enquanto Mackey (1972) entende bilinguismo como “o uso alternado de duas ou mais línguas pelo mesmo indivíduo”. Já Haugen via o bilinguismo como a habilidade de produzir “declarações completamente compreensíveis em outra língua” (MACKEY, 1972, p. 555). Macnamara (1967 apud HAMERS & BLANC, 2004, p. 6) propõe que “um bilíngue é qualquer pessoa que possua uma competência mínima em apenas uma das quatro habilidades linguísticas (compreensão auditiva, fala, leitura e escrita) em qualquer outra língua que não seja a sua língua mãe”.¹¹ Para Grosjean (1994, p. 1), bilíngues são aquelas

¹⁰ Muysken (2007) The use of a discourse marker from a different language often has a highlighting function in structuring the discourse. ...sometimes an element from a different language can help bring the conversation into a more informal domain.

¹¹ Macnamara (1967) ...a bilingual is anyone who possesses a minimal competence in only one of the four language skills, listening comprehension, speaking, reading and writing, in a language other than his mother tongue.

peessoas que usam duas (ou mais) línguas (ou dialetos) no dia a dia. Ainda segundo Grosjean (1994, p. 2),

os pesquisadores estão começando a ver o bilíngue não tanto como a soma de dois (ou mais) monolíngues completos ou incompletos, mas antes como um falante-ouvinte competente que desenvolveu uma competência comunicativa que é igual, mas diferente na natureza, àquela do monolíngue. (GROSJEAN, 1994, p. 2)¹²

Para Mackey (1972, p. 555), o ponto em que um falante de uma segunda língua se torna bilíngue é arbitrário ou impossível de determinar e, por isso, é preciso considerá-lo como algo inteiramente relativo. Assim sendo, ele considera bilinguismo simplesmente como o uso alternado de duas ou mais línguas.

Ainda segundo Mackey (1972, p.556), “bilinguismo é um padrão comportamental de modificar práticas linguísticas mutuamente, variando em grau, função, alternância e interferência. É em termos dessas quatro características inerentes que o bilinguismo pode ser descrito”.¹³ Abaixo faremos uma breve descrição de cada uma dessas características.

O grau de competência está relacionado ao quão bem um indivíduo conhece a língua que ele usa, ele a usa somente para comunicação oral, ou ele também escreve e lê nessa língua, ou ele a entende, mas não a fala. Para determinar o quão bilíngue um falante é, é preciso testar suas habilidades linguísticas (fala, leitura, escrita e compreensão auditiva) no uso de cada uma das línguas. O domínio do bilíngue pode não ser o mesmo em todos os níveis linguísticos. Ele poderá ter um vasto vocabulário, mas uma pronúncia não muito boa ou então, uma boa pronúncia, mas uma gramática imperfeita (MACKEY, 1972). Edwards (2004) sugere que a partir das quatro habilidades básicas podem haver mais subdivisões, ele cita o exemplo da habilidade de fala que inclui níveis de expressão divergentes em vocabulário, gramática e sotaque. Segundo o autor, ao considerarmos as habilidades básicas mais as suas subdivisões, teremos pelo menos vinte divisões de língua que podem ou devem ser avaliadas para determinar proficiência bilíngue.

A função é o para o que o falante usa a língua, com que objetivo e quando. Segundo Fishman (1965 apud BAKER, 2006), a função envolve o quando, o onde e o com quem as pessoas usam suas línguas. Em um contexto de língua minoritária e majoritária, pessoas mais

¹² Grosjean (1994) Researchers are now starting to view the bilingual not so much as the sum of two (or more) complete or incomplete monolinguals but rather as a specific and fully competent speaker-hearer who has developed a communicative competence that is equal, but different in nature, to that of the monolingual.

¹³ Mackey (1972) Bilingualism is a behavioural pattern of mutually modifying linguistic practices varying in degree, function, alternation, and interference. It is in terms of these four inherent characteristics that bilingualism may be described.

velhas podem preferir falar a língua minoritária. Pessoas mais jovens podem rejeitar a língua minoritária em favor da majoritária por essa ter mais status e uma imagem mais moderna (BAKER, 2006). Geralmente, as línguas minoritárias são confinadas a um papel privado e doméstico, consequência da depreciação histórica, do menosprezo e da ausência de status dessas línguas (BAKER, 2006). De acordo com Mackey (1972, p. 557-558), as funções para as quais o falante usa as suas línguas podem ser externas e internas. As funções externas são determinadas pelo número de áreas em contato e pela variação de cada uma em duração, frequência e pressão. As funções internas incluem os usos não comunicativos como a fala interna e a expressão de aptidões intrínsecas. Os usos internos (orar, contar, sonhar) refletem o bilinguismo de uma pessoa. Normalmente, o bilíngue usa somente uma das línguas e a mesma para desempenhar essas funções. A aptidão do indivíduo bilíngue em usar as suas línguas provavelmente será influenciada por fatores como sexo, idade, memória, motivação (MACKEY, 1972).

A alternância está ligada à frequência com que o bilíngue alterna as duas línguas, em que situações ele muda de uma língua para outra. O número de vezes que um falante bilíngue alterna de uma língua para outra envolve três fatores, o tópico sobre o qual ele está falando, a pessoa com quem ele está falando e a tensão existente na situação de fala (MACKEY, 1972).

Interferência está relacionada ao quão bem o falante consegue manter as duas línguas separadas, até que ponto ele as funde (MACKEY, 1972). Na fala de bilíngues o padrão e a quantidade de interferência não são os mesmos o tempo todo e em todas as circunstâncias. A interferência pode variar com o meio, o estilo, o registro (variedade da língua usada pelo falante de acordo com o seu papel social) e o contexto em que acontece a comunicação (MACKEY, 1972).

Para Romaine (1995), essas questões não podem ser tratadas isoladamente, o conhecimento que uma pessoa tem de uma língua, por exemplo, determinará as funções para as quais ela usará essa língua. Os contextos onde os indivíduos têm a oportunidade de usar uma língua, em específico, afetarão a competência deles nessa língua. A proficiência e a maneira como as línguas foram aprendidas têm sido ligadas ao tipo e grau de alternância envolvidos. Nesse sentido, todas as questões linguísticas interagem fortemente com as demandas de função e contexto (EDWARDS, 2004).

Na realidade, o bilíngue ideal de Bloomfield não existe ou é muito raro. Isto reside no fato de que, dificilmente, as pessoas desenvolverão igual fluência em ambas as línguas, pois as usam para propósitos diferentes. Geralmente a fluência alcançada em uma língua dependerá da

necessidade que o indivíduo sente em saber essa língua, e cada habilidade linguística pode ser mais ou menos desenvolvida. Alguns bilíngues, efetivamente, falam e escrevem nas duas línguas (competência produtiva), outros são mais passivos e podem ter uma habilidade receptiva (compreensão e leitura) (BAKER, 2006). Grosjean (1999) usa a denominação bilíngue dormente para aqueles que não mais usam suas diferentes línguas, mas que retiveram o seu conhecimento sobre elas.

Na verdade, há diversos graus de bilinguismo, e não há necessidade de falar as duas línguas com igual fluência para ser considerado bilíngue. Bilíngues podem ser melhores em cada uma das línguas em diferentes domínios. Grosjean (2008, p. 13-14) escreve que o bilíngue não é a soma de dois monolíngues completos ou incompletos, pelo contrário, ele tem uma configuração linguística única e específica, e a coexistência e a constante interação das duas línguas no bilíngue têm produzido um sistema linguístico diferente, mas completo.

De acordo com a visão holística de Grosjean (2008), o bilíngue é um falante-ouvinte de competência plena, ele desenvolveu competências nas duas línguas e possivelmente em um terceiro sistema, que é a combinação das duas primeiras, ao ponto exigido por suas necessidades e das do ambiente. O bilíngue usa as duas línguas – separadamente ou juntas – para propósitos diferentes, em domínios diferentes da vida e com pessoas diferentes, pois as necessidades e usos das duas línguas geralmente são bastante diferentes, o bilíngue raramente é igualmente ou completamente fluente nas duas línguas.

Os indivíduos bilíngues ainda podem ser distinguidos entre simultâneos e consecutivos, dependendo da época em que aprenderam as suas duas línguas. Na concepção de Baker (2006), bilíngues simultâneos são aqueles que aprenderam as duas línguas ao mesmo tempo desde o nascimento e bilíngues consecutivos são aqueles que aprenderam a segunda língua depois de, aproximadamente, três anos após o nascimento. Já De Heredia (1989) considera bilíngues simultâneos aqueles que aprenderam a falar as duas línguas ao mesmo tempo, durante o período da aquisição da linguagem, entre 0 e 5 anos, e bilíngues consecutivos aqueles que aprenderam a segunda língua depois deste período.

Alguns linguistas usam o termo bilinguagem em vez de bilinguismo. A bilinguagem seria o uso de duas ou mais línguas por um indivíduo, o que alguns autores chamam de bilinguismo individual; e o bilinguismo seria a presença de duas ou mais línguas em uma comunidade, chamado também de bilinguismo social (MACKEY, 2005). O trabalho de Hamers e Blanc (2000) foca no estudo dos dois termos, e segundo os autores,

o conceito de bilinguismo se refere ao estado de uma comunidade linguística em que duas línguas estão em contato, com o resultado que dois códigos podem ser usados na mesma interação, e que um número de indivíduos é bilíngue (bilinguismo social); mas ele também inclui o conceito de bilingualidade (ou bilinguismo individual). Bilingualidade é o estado psicológico de um indivíduo que tem acesso a mais de um código linguístico como um meio de comunicação social.¹⁴ (HAMERS; BLANC, 2000, p. 6).

Neste trabalho usaremos o termo bilinguismo tanto para o individual quanto para o social, seguindo autores como Mackey e Romaine.

Grosjean (1994, p. 2) diz que os “bilíngues, agora, estão sendo estudados em termos de seu repertório linguístico total, e que os domínios de uso e as funções das várias línguas do bilíngue estão sendo levadas em consideração”.¹⁵ Nesse sentido, o autor fala de um contínuo bilíngue, que induz diferentes modos de língua. Segundo ele, num final do contínuo os bilíngues estão no modo monolíngue total e no outro no modo bilíngue total. O bilíngue pode estar situado em diferentes pontos desse contínuo, o que irá depender dos interlocutores, da situação comunicativa, do espaço e outros aspectos internos e externos. Para descrever um indivíduo bilíngue, portanto, é preciso “dar conta de como os bilíngues utilizam e interagem com os recursos na comunidade” (CHIN; WIGGLESWORTH, 2007, p. 1) não apenas da competência linguística.

Como visto acima, bilinguismo é um termo complexo e varia muito de indivíduo para indivíduo. Para entender as habilidades linguísticas de um indivíduo bilíngue é preciso saber quando ele aprendeu suas línguas e como, em que contextos e com quem ele as usa e o quão proficiente ele é. Falantes bilíngues podem aprender suas línguas simultaneamente enquanto crescem ou sequencialmente, depois da primeira. O grau de proficiência que um bilíngue atinge em suas línguas, frequentemente, depende da atitude da sociedade, comunidade para com as línguas e as oportunidades disponíveis para usá-las. Falantes bilíngues podem usar suas línguas igualmente, mas geralmente eles as usam em contextos específicos, para propósitos específicos e com pessoas específicas. Uma pessoa bilíngue pode ser capaz de falar, ler e escrever fluentemente em duas línguas ou mais. Falar, escrever e ler numa língua, mas somente falar na outra. Falar, ler e escrever em uma língua, mas entender a outra só até certo ponto, ela pode,

¹⁴ Hamers e Blanc (2000) The concept of bilingualism refers to the state of a linguistic community in which two languages are in contact with the result that two codes can be used in the same interaction and that a number of individuals are bilingual (societal bilingualism); but it also includes the concept of bilinguality (or individual bilingualism). Bilinguality is the psychological state of an individual who has access to more than one linguistic code as a means of social communication.

¹⁵ Grosjean (1994) Bilinguals are now being studied in terms of their total language repertoire, and the domains of use and the functions of the bilingual's various languages are being taken into account.

ainda, entender o que seu interlocutor está dizendo, mas pode não ter confiança para se comunicar com ele/ela na língua em questão.

Para Mackey (1972, p. 556), “bilinguismo é um padrão comportamental de mutuamente modificar práticas linguísticas, variando em grau, função, alternância e interferência.” Ainda segundo ele, é através destas quatro características que o bilinguismo pode ser descrito. O grau tem a ver com o quão bem um indivíduo conhece as línguas que usa; a função tem a ver com as funções para as quais o bilíngue usa as línguas, com quem, quando e onde; a alternância é a frequência com que o bilíngue alterna entre uma língua e outra e em que condições; a interferência tem a ver com o quão bem o bilíngue consegue manter suas línguas separadas e até que ponto ele as funde.

Há, ainda, uma outra forma de bilinguismo chamada diglossia. Diglossia é uma palavra derivada do grego, na qual “di” significa dois e “glossa” língua. Em termos gerais, a palavra é usada para designar uma situação de bilinguismo em que há duas variedades linguísticas bem diferentes, e o uso delas depende da situação comunicativa, mais formal ou informal.

Na concepção de diglossia de Ferguson (1974), uma das línguas está ligada a uma tradição escrita e literária, enquanto a outra não tem uma tradição escrita e é aprendida em casa, nos relacionamentos do dia a dia. Ferguson refere-se a essas línguas como variante H (high) e variante L (low), como o nome já diz, a variante H é a de prestígio e a variante L é a de desprestígio. Vale mencionar ainda, que as duas línguas são formas diferentes de uma mesma língua.

Fishman (1967) declara que a diglossia não somente existe em sociedades multilíngues que reconhecem oficialmente mais línguas, mas também naquelas que são multilíngues e que não reconhecem as outras línguas como oficiais. Nesse sentido, Fishman (1967) considera bilinguismo como um fenômeno psicológico a nível individual, ou seja, a capacidade de um indivíduo de controlar mais de uma língua, e diglossia como algo social, a presença de uma ou mais variedades de uma língua num espaço e que são usadas para servir a funções distintas, necessidades comunicativas diferentes. Assim, Fishman fala de comunidades linguísticas caracterizadas pela diglossia e bilinguismo, bilinguismo sem diglossia, diglossia sem bilinguismo e sem bilinguismo e sem diglossia. Deter-me-ei em falar sobre a primeira e a segunda por serem elas mais comuns e relevantes para este trabalho.

Comunidades de fala com diglossia e bilinguismo são aquelas em que há uma grande e complexa comunidade de fala, normalmente um país inteiro, na qual os membros têm a sua disposição uma gama de funções e o pronto acesso a essas funções.

Comunidades de fala com bilinguismo sem diglossia caracterizam-se por possuir uma minoria bilíngue, geralmente imigrantes ou nativos, que possuem uma língua materna diferente da língua oficial. Não se fala aqui em diglossia, pois o bilinguismo se resume a comunidades linguísticas isoladas, não envolvendo um país inteiro que fale ambas as línguas. De acordo com Fishman (1967), o bilinguismo sem diglossia tende a ser transicional em termos do repertório linguístico, assim como em termos das variedades de fala envolvidas.

3.2 NIVELAMENTO DIALETAL

Com o advento da colonização, muitos imigrantes deixaram suas terras e rumaram a países cuja língua era diferente da deles. Isso ampliou e estendeu o espaço das línguas europeias. Línguas como o inglês, francês, espanhol, português, alemão e italiano foram exportadas para vários países ao redor do globo, onde elas entraram em contato com outras línguas nativas. A partir daí, surgiram o que Schreier denomina “overseas varieties” (variedades além-mar) (SCHREIER, 2010).

No caso do alemão no Brasil, inicialmente não havia muito contato com as línguas indígenas e o português, visto que as primeiras colônias eram isoladas e o contato com as línguas locais não era diário. No entanto, nem todos os imigrantes falavam a mesma variedade da língua alemã, pois tinham vindo de diferentes regiões e países da Europa e, conseqüentemente, falavam diferentes variedades da mesma língua. Com a eliminação das fronteiras dialetais que existiam no outro mundo, aqui, essas variedades entraram em contato e deram origem a uma *coine*, um dialeto comum (STEFFEN, 2013).

O nivelamento dialetal acontece quando diferentes dialetos de uma mesma língua entram em contato. Segundo Schreier (2010), há três fases anteriores ao nivelamento. No primeiro estágio, nenhuma das variedades ganha. Se assim fosse, ainda segundo o autor, o *Riograndenser Hunsrückisch* (ALTENHOFEN, 1996) seria não mais que uma forma transplantada do dialeto Hunsrückish, o que não é verdade, o Hunsrückish falado no Brasil é diferente do falado na Alemanha. O primeiro estágio é caracterizado pelo *mixing*. De acordo com Schreier (2010),

os dialetos se misturam e interagem à medida que os falantes se acomodam uns aos outros, e a formação de um novo dialeto é especialmente forte quando crianças crescem em um ambiente multidialetal. O resultado normal é que os *inputs* passem por um

estágio de *mixing*, de forma que a fase inicial de um novo dialeto exiba mecanismos de seleção de características e de retenção. (SCHREIER, 2010, p. 455, tradução nossa).¹⁶

Dessa maneira, os falantes vão selecionando características entre as muitas variedades que coexistem, reduzindo, assim, a variação estrutural e lexical entre os dialetos.

No segundo estágio, acontece o nivelamento. Nesta fase, a maioria das variantes, que se encontram numa mistura aleatória, desaparecem gradualmente, enquanto que uma é selecionada permanentemente (SCHREIER, 2010).

O terceiro estágio é denominado simplificação ou mudança linguística analógica, Mühlhäusler (1997 apud Schreier, 2010, p. 457) afirma que

A simplificação somente se refere à forma das regras em que a língua é codificada, indicando otimização de regras existentes e o desenvolvimento de regularidades para aspectos irregulares pré-existentes, como por exemplo, a gramaticalização do léxico. A simplificação é um conceito dinâmico. Ela expressa o fato de que *conforme alguém se movimenta ao longo de um contínuo em desenvolvimento, mais e mais regularidades aparecem*. (MÜHLHÄUSLER, 1997 apud SCHREIER, 2010, p. 457, grifo do autor, tradução nossa).¹⁷

Assim sendo, nivelamento dialetal é a assimilação, mistura ou erradicação de dialetos em contato devido à padronização da língua. Isso se deve à acomodação que é necessária na interação face a face entre os indivíduos. No momento em que o dialeto emergente se estabiliza, ele é o resultado de um processo chamado *focusing*. Dialetos derivados de contato podem desenvolver sua própria dinâmica, especialmente quando “o contato entre dois dialetos leva ao desenvolvimento de formas que, na verdade, não ocorriam originalmente em nenhum dos dialetos” (TRUDGILL, 1986 apud SCHREIER, 2010, p. 457)¹⁸. Uma vez que uma variedade está completamente focalizada, “os seus falantes entram em acordo sobre estruturas normativas e têm uma forte consciência de que o dialeto deles difere de outros no terreno linguístico” (SCHREIER, 2010, p. 457-458).¹⁹

¹⁶ Schreier (2010) Dialects mix and interact as speakers accommodate to each other, and new dialect formation is particularly strong when children grow up in a multi-dialect environment. The usual outcome is for the inputs to undergo a stage of *mixing* so that the inception phase of a new dialect displays mechanisms of feature selection and retention.

¹⁷ Mühlhäusler (1997) Simplification only refers to the form of the rules in which a language is encoded, indicating optimization of existing rules and the development of regularities for formerly irregular aspects, for example, grammaticalization of the lexicon. Simplification is a dynamic concept. It expresses the fact that *as one moves along a developmental continuum, more and more regularities appear*.

¹⁸ Trudgill (1986) Contact between two dialects leads to the development of forms that actually originally occurred in neither dialect.

¹⁹ Schreier (2010) Speakers of a fully focused variety are in agreement about normative structures and have a strong awareness that their dialect differs from others on linguistic grounds.

Considerando a situação atual da variedade alemã no Brasil, percebe-se que ela também passou por um processo de nivelamento e *focusing*. De todas as variedades alemãs que aqui chegaram, a que se sobressaiu foi o *Hunsrückisch*. No processo de *focusing* o *Hunsrückisch*, por ter tido o maior número de falantes e manteve mais os seus traços. O *Hunsrückisch* falado no Brasil, no entanto, não é o mesmo ao falado na Alemanha. Schreier (2010), citado acima, denomina a variedade brasileira de *Riograndenser Hunsrückisch*, enquanto Altenhofen denomina-a *Hunsrückisch* ou variedade hunsriqueana. Já Horst (2014), em sua dissertação de mestrado, conclui que nas cidades de Imigrante, Westfália, Teutônia e Colinas existe um contexto multilíngue em que coexistem pelo menos seis línguas: o westfaliano, o português, o alto alemão, o alemão padrão, o hunsriqueano e o italiano, e conclui que todos os informantes de sua pesquisa se comunicam em westfaliano na família, nas relações de amizade mais próximas ou com outros falantes da variedade westfaliana, e que a maioria dos informantes possui a habilidade de falar mais de uma língua, especialmente a variedade westfaliana, o alemão padrão e o português. Como é possível ver, apesar do nivelamento dialetal em favor do *Hunsrückisch*, outras variedades sobreviveram, como no caso, o westfaliano.

3.3 LÍNGUA E VARIEDADES DE UMA LÍNGUA

A variação linguística é as muitas formas que uma língua pode tomar, pois ela não é uma coisa só, ela muda de acordo com o contexto histórico, geográfico e sociocultural no qual os falantes estão inseridos. Uma das variações mais notável é a que acontece de uma língua para a outra, há muitas línguas no mundo, algumas com algumas similaridades entre si e outras completamente diferentes. No entanto, uma mesma língua pode ter suas próprias variações internas, é o que chamamos de variedade de uma língua. O português brasileiro, por exemplo, possui suas variedades regionais, como o falar gaúcho e o falar caipira.

Saussure definiu língua como um “produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos” (SAUSSURE, 2006, p. 17). Ao ler essa declaração, podemos incorrer em erro ao pensar que o pai da linguística estivesse interessado nas relações entre língua e a sociedade, ao contrário, Saussure estava interessado nas relações internas da língua, e para estudar essa estrutura, ele precisava crer que a língua era mais estável do que a fala dos indivíduos. Nesse sentido, a fala, a linguagem para Saussure pertence ao domínio individual e social, já a língua é um todo por si e um princípio de classificação. A parte social da linguagem,

exterior ao indivíduo, não pode ser modificada nem criada por ele, ela somente existe “em virtude de uma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade” (SAUSSURE, 2006, p. 22). Saussure separa a fala da língua e torna a língua o seu objeto de estudo, já que para ele a língua é mais estável e homogênea que a fala e, assim, mais fácil de ser estudada.

Até o surgimento da sociolinguística, a fala e suas variações e heterogeneidade foram deixadas de lado nos estudos linguísticos. Dessa forma, a sociolinguística estuda a língua como um fenômeno social, o comportamento linguístico dos membros de uma comunidade e de como ele é determinado pelas relações sociais, culturais e econômicas. A língua não é uma coisa estática, ela varia no espaço e no tempo, ela não é uma coisa só, homogênea, ela tem muitas formas, cada língua tem suas variações internas, e é através dessas variações que surgem as muitas variedades, dialetos de uma língua.

A palavra dialeto carrega uma conotação negativa, popularmente ela é usada para designar uma língua de menor valor. Para a sociolinguística, no entanto, a palavra dialeto é usada para se referir a uma variação regional de uma língua. Coseriu (1982, p. 10) define língua como ‘sistema de isoglossas comprovadas em uma atividade linguística completa, ...todo sistema que pode funcionar na fala é uma ‘língua’”²⁰. Nesse sentido, não há diferença entre dialeto e língua, pois o mesmo conceito usado para descrever língua também descreve dialeto. Coseriu vai mais além e declara “todo dialeto é uma língua, nem toda língua é um dialeto

A palavra dialeto vem do grego *diálektos* que significa modo de falar, conversação, nesse sentido, dialeto seria o *output* de uma língua. A diferença que existe, então, entre língua e dialeto é de status histórico, real ou atribuído. O termo dialeto, quando oposto à língua, designa uma língua menor, distinta da língua maior, que é uma língua histórica (COSERIU, 1982). Uma língua histórica pode ter muitos modos de falar que se opõem a outros modos de falar dentro da mesma língua histórica, nesse sentido, uma língua histórica é constituída por um conjunto de dialetos.

3.4 LÍNGUA MATERNA, LÍNGUAS DE IMIGRAÇÃO, LÍNGUA MINORITÁRIA E MAJORITÁRIA.

²⁰ Coseriu (1982) Sistema de isoglossas comprobadas en una actividad lingüística completa...todo sistema que pueda funcionar em el hablar es una “lengua”.

O conceito de “língua materna” não tem sido o mesmo no passar dos séculos. A princípio língua materna era a língua aprendida em casa através da mãe, pois em sociedades Europeias da Idade Média, presumia-se que era papel da mãe passar a sua língua para seus filhos. A educação e a criação dos filhos ficavam por conta das mulheres, aos homens cabia o sustento da casa, estes saíam para trabalhar e passavam pouco tempo com as crianças. A mãe, por sua vez, ficava em casa cuidando dos afazeres domésticos e das crianças, a língua que as crianças aprendiam era a transmitida pelas mães e vizinhança. Na época, o conceito tinha uma conotação negativa, pois se referia à língua das pessoas comuns, em contraste com o latim, que era a língua das pessoas cultas (ALTENHOFEN, 2002).

Com o passar do tempo, o termo ‘língua mãe’ foi recebendo uma conotação positiva, passou a ser ligado a um espaço geográfico onde as pessoas comuns falavam uma mesma língua. A língua materna tornou-se

[...] pouco a pouco uma noção oficial, ou pelo menos admitida pelos poderes religiosos e políticos, ela operou enquanto mito a unidade significativa do território, conferindo-lhe um poder – mais nacional que linguístico – de unidade de troca entre os falantes e de barreira simbólica das fronteiras. (DECROSSE, 1989, p. 21)

Essa noção de língua materna permitiu legitimar os usos nativos dos falantes, mas também deu origem ao mito de uma língua natural, única, própria de um Estado, resultando em um uso normativo da língua em detrimento da diversidade linguística. A língua materna tornou-se, assim, sinônimo de língua nacional.

Em algumas línguas eslavas os termos ‘língua paterna’ (Polônia) ou língua nativa (Rússia) são usados. Há linguistas que não concordam com o uso do termo “língua materna”, pois em alguns lugares a língua não é passada de mãe para filho e sim de pai para o filho, Romaine (1995, p. 20) cita os grupos da área de Vaupés, Amazônia Colombiana, que são patrilineares, ou seja, a primeira língua de um indivíduo é a língua do pai. Alguns pesquisadores, como Romaine (1995), preferem os termos: primeira língua, ou língua da comunidade. As Nações Unidas definem língua materna como “a língua geralmente falada no lar do indivíduo na sua primeira infância”²¹.

O censo canadense deixa bastante claro o que ele entende por língua mãe. No site da instituição, a língua materna é entendida como a primeira língua aprendida em casa na infância e ainda entendida pela pessoa no momento da coleta dos dados. Para as pessoas que aprenderam

²¹ <http://unstats.un.org/unsd/demographic/sconcerns/popchar/popcharmehods.htm> “Mother tongue, defined as the language usually spoken in the individual’s home in his or her early childhood”

duas línguas ao mesmo tempo na primeira infância, a língua materna é aquela que ele falou mais frequentemente em casa antes de ir para a escola, além disso, a pessoa somente terá duas línguas maternas se ambas forem usadas com a mesma frequência e se ainda forem entendidas. Se levarmos em consideração o que o censo canadense define como língua materna, muitas línguas minoritárias deixarão de ser línguas maternas, pois em muitos casos, as pessoas substituem a língua minoritária pela língua oficial quando começam a frequentar a escola e acabam por ter uma competência apenas passiva na língua materna.

Segundo Altenhofen (2002, p. 150), “nem sempre a primeira língua aprendida permanece viva e forte para o resto da vida do falante”, e também que “a língua materna de um falante pode mudar de um período de sua vida a outro” (p. 151). Altenhofen (2002) ainda contra-argumenta, citando o *Hunsrückish* como primeira língua aprendida no lar, língua essa que é essencialmente oral e cuja competência escrita é restrita a alguns poucos contextos e falantes.

Segundo Baker (2001, p. 8), “é típico que os bilíngues usem suas duas línguas em situações e com pessoas diferentes. Por isso, eles podem ser mais fortes em cada uma das línguas em domínios diferentes”.²² Pensemos então em uma pessoa que teve como a sua primeira língua a variedade alemã, mas que com a entrada na escola e o passar dos anos substituiu-a pelo português e perdeu a sua competência comunicativa na variedade alemã, ela, porém, continua a entender a variedade. Podemos dizer que a língua materna dessa pessoa não é mais a variedade alemã e sim o português? É possível apagar os anos iniciais dessa pessoa, a comunicação com os avós e a família que foi na variedade alemã? Nossa resposta é não, o fato é que a primeira língua será sempre a primeira língua, não há como apagá-la, de alguma forma ela permanece dormente no inconsciente do indivíduo, permanece viva nas lembranças da primeira infância junto com a família, sempre haverá um laço de afetividade.

Neste estudo, quando a expressão língua materna for empregada, será como sinônimo de primeira língua, não importando se o indivíduo ainda fala ou não essa língua, mas que a entenda até certo ponto.

Línguas de imigração são línguas não originárias do país em que são faladas, vieram de outro país junto com imigrantes, são as chamadas línguas alóctones e autóctones são as línguas de origem local, como as línguas indígenas no Brasil. Nesse sentido, a língua oficial do país, o

²² Baker (2001) bilinguals will typically use their two languages in different situations and with different people. Thus bilinguals may be stronger in each language in different domains.

português, também se trata de uma língua de imigração. Altenhofen (2011) denomina o português de “língua de colonização”.

Ferraz (2007) define línguas minoritárias como

aqueles faladas por grupos de pessoas num país que tem por oficial uma língua diferente, isto é, são línguas naturais, não criadas artificialmente, tradicionalmente usadas por parcelas da população de um país, e que não se confundem com dialetos da língua oficial. (FERRAZ, 2007, p. 45)

Nesse sentido, as línguas de imigração e as línguas indígenas podem ser consideradas línguas minoritárias. A língua oficial de nosso país é a língua portuguesa, é o que nos diz a Constituição Federal em seu Artigo 13. Com esse status, ela é a língua obrigatória nos documentos e atos oficiais e, principalmente, no ensino. Isso, no entanto, não quer dizer que a língua oficial e a língua materna coincidam (FERRAZ, 2007). O português é aquela língua que todos, em algum momento de suas vidas, aprendem, ou pelo menos, da qual adquirem certo conhecimento, e é por isso que a língua oficial é chamada de língua majoritária.

3.5 ATITUDE, COMPORTAMENTO LINGUÍSTICO E IDENTIDADE

Atualmente, o conceito de atitude conota a orientação psicológica de uma pessoa em vez da física (LASAGABASTER, 2004). O ser humano forma atitudes em relação a coisas, pessoas, instituições, eventos e ideias. As atitudes são diretamente influenciadas por fatores ambientais excepcionalmente poderosos. Dentre esses fatores, estão a família, o trabalho, a religião, os amigos ou educação. Eles influenciam as atitudes a tal ponto, que as pessoas tendem a ajustar as suas atitudes para se adequarem àqueles fatores que são mais predominantes nos grupos sociais aos quais elas pertencem (LASAGABASTER, 2004).

Segundo Vandermeeren (2005, p. 1319), visto de uma perspectiva mental, atitudes são processos mentais que agem como variáveis mediadoras entre estímulo e resposta (comportamento público). Dessa forma, podemos dizer que atitudes podem ser inferidas tanto da introspecção quanto do comportamento. Rosenberg e Hovland (1960 apud VANDERMEEREN, 2005, p. 1319) deixam bem claro que uma atitude é expressada em ações: atitudes são “predisposições para responder a algumas classes de estímulos com certas classes

de respostas”²³ (ROSENBERG e HOVLAND 1960, apud VANDERMEEREN, 2005, p. 1319). Por serem predisposições, as atitudes não podem ser medidas diretamente. No entanto, elas podem ser inferidas pela maneira como as pessoas reagem a certos estímulos (ROSENBERG e HOVLAND 1960, apud VANDERMEEREN, 2005, p. 1319).

“Na sociolinguística, atitudes são aplicadas para analisar fenômenos em relação ao comportamento linguístico, seja este comportamento vinculado a variantes específicas de uma variedade ou às variedades em si (KAUFMANN, 2011, p. 122). Quando falamos, vários mecanismos sociopsicológicos entram em ação, e através deles, podemos codificar/decodificar certos valores sociais ligados a traços linguísticos específicos. As atitudes são de grande importância para a sociolinguística, acredita-se que as reações das pessoas a diferentes línguas (numa situação bilíngue de língua majoritária e minoritária) revelam muito das percepções que elas têm dos falantes (LASAGABASTER, 2004).

Para Lasagabaster (2004), as atitudes são aprendidas. Nesse sentido, os pais e a educação têm grande influência sobre as atitudes das crianças, fazendo com que as atitudes originadas nesse ambiente social sejam bastante resistentes. Poder-se-ia dizer, então, que o comportamento reflete as atitudes de uma pessoa. No entanto, a relação entre atitude e comportamento não é tão simples. Segundo Kaufmann (2011, p. 123), “não faz sentido algum correlacionar atitudes gerais com um comportamento específico”, é preciso lembrar que há uma diferença entre o que as pessoas dizem e o que elas fazem ou entre o que elas pensam e fazem.

Por causa da ligação direta entre atitudes e comportamento linguístico, ações a respeito de uma dada língua servem como indicadores da atitude em relação a essa língua. Lembrando que atitudes têm consequências previsíveis, ao manipular atitudes, o comportamento também pode ser manipulado (VANDERMEEREN, 2005). Atitude não é comportamento, mas de acordo com Oskamp (1991 apud LASAGABASTER, 2004, p. 401), “uma preparação para o comportamento, uma predisposição para responder de uma maneira específica ao objeto da atitude”²⁴. Nesse sentido, a atitude de um indivíduo em relação a um certo objeto pode ser positiva ou negativa, mas o seu comportamento nem sempre irá transparecer essa atitude.

De acordo com Kaufmann (2011, p. 124), “para prever um único comportamento temos que avaliar a atitude do indivíduo em relação ao comportamento, e não sua atitude em relação à meta para a qual o seu comportamento é direcionado”. Em outras palavras, a atitude de uma

²³ Rosenberg e Hovland (1960) ...predispositions to respond to some class of stimuli with certain classes of responses.

²⁴ Oskamp (1991) ...a preparation for behavior, a predisposition to respond in a particular way to the attitude object.

pessoa em relação ao aprendizado de inglês pode ser negativa, prevê-se então que o comportamento também seja negativo, o que nem sempre ocorre. Mesmo não gostando de inglês, uma pessoa poderá se matricular num curso de inglês, pois sabe o quão importante é ter fluência nessa língua. Se avaliarmos a atitude em relação à meta, ela será positiva e em relação ao comportamento, ela será negativa. “Atitudes individuais só podem influenciar o comportamento linguístico (neste caso, a competência em e o uso de diferentes línguas) caso não haja normas sociais fortes que inibam a aplicação de atitudes individuais”. (KAUFMANN, 2011, p. 126).

As normas sociais são essenciais para as atitudes linguísticas de um falante, pois estas refletem as normas do grupo de pessoas com o qual ele se relaciona mais diretamente, especialmente quando essas atitudes e o comportamento que elas guiam funcionam como marcadores da identidade do grupo. Nesse sentido, o comportamento linguístico tem significado social e provoca categorização social (VANDERMEEREN, 2005, p. 1321). Assim sendo, cada uma das línguas de um bilíngue, ou comunidade bilíngue será usada de diferente forma, uma delas poderá ser usada pelo falante para demonstrar a sua adaptação às normas sociais e que ele pertence ao grupo, e a outra poderá ser usada com a esposa e os filhos.

Le Page (1968) e Le Page e Tabouret-Keller (1985) (apud HAMERS; BLANC, 2010, p. 201) afirmam que “o indivíduo se comporta de acordo com os padrões comportamentais de grupos com os quais ele acha interessante se identificar”.

Appel e Muysken (2005, p. 16) dizem que “se há uma relação forte entre língua e identidade, esta relação deveria achar a sua expressão nas atitudes dos indivíduos para com as línguas e seus falantes”.²⁵ Nesse sentido, as atitudes são um espelho da relação que existe entre uma língua e um grupo étnico.

Começemos por ver, então, como alguns autores definem identidade ou identidade étnica e etnicidade. Para Kim (1991 apud HAMERS; BLANC, 2004, p. 202) etnicidade é um conceito sociológico que se refere a indicadores de diferenças, como raça, religião, língua e origem nacional, usados na classificação de indivíduos. Identidade étnica, por outro lado, refere às experiências subjetivas de um indivíduo em definir sua própria afiliação ao grupo com o qual compartilha atributos nacionais, culturais e físicos comuns. A partir dessas definições, podemos dizer que identidade é posse do indivíduo e etnicidade do grupo. Etnicidade é a forma como os “de fora” veem o grupo e o definem. Identidade tem a ver com a forma como o próprio indivíduo

²⁵ Appel; Muysken (2005) ...if there is a strong relation between languages and identity, this relation should find its expression in the attitudes of individuals towards these languages and their users.

se vê, as características que ele tem em comum com o grupo e que o fazem sentir-se parte do grupo.

Ao analisar o conceito de etnicidade, percebe-se que o indicador religião foi empregado na colonização do oeste catarinense para manter dois grupos separados, os luteranos e os católicos. As cidades de São João e Mondaí são exemplos desse tipo de colonização. Havia os alemães luteranos e católicos, que pertenciam a uma mesma etnia, mas a grupos diferentes (religião). Assim como a religião, a língua também é um indicador de diferença. À época da colonização, o que identificava um “alemão” era a sua língua, isso para os de fora, já entre os próprios alemães, a variedade que cada um falava era o que os identificava. Para os alemães, no Brasil, até antes da nacionalização, a língua alemã era um fator de identificação, de pertença a um grupo. “Psicólogos sociais definem identidade étnica como um sentimento subjetivo de pertencer a um grupo étnico em particular” (HAMERS; BLANC, 2004, p.202).²⁶

A língua tem um papel importante na definição da identidade, ela não somente é um instrumento para a transmissão de mensagens, mas também distingue um grupo de outro. As normas culturais e os valores de um grupo são transmitidos através dela. Os sentimentos do grupo são enfatizados através do uso da língua do próprio grupo, e membros de outro grupo são excluídos dessa transação interna (GILES et al., 1977 apud APPEL; MUYSKEN, 2005, p. 11). A língua é o veículo usado para transmitir todo e qualquer tipo de atividade cultural ou valores étnicos, desta forma, não há como separá-los, a língua está conectada a eles. Na concepção de Fishman (1989), a etnicidade é vivenciada como algo herdado dos pais, algo que é passado dos pais para os filhos de geração em geração *ad infinitum*. O sentimento de afiliação é a base do vínculo sentido entre os membros de um grupo, ele é a base da solidariedade entre eles em tempos difíceis; é a base do direito de alguém presumir contar com a ajuda do grupo em tempos de necessidade; ele é a base da dependência, sociabilidade e intimidade entre os membros do grupo como uma questão lógica (FISHMAN, 1989, p.25).

De acordo com Fishman (1989), a etnicidade

pode ser a propriedade de unidades agregadas tão pequenas quanto bandos, clãs ou assentamentos ou, ainda, caracterizar unidades agregadas que ocupam regiões específicas em países em particular, países inteiros ou mesmo vários países vizinhos, ou seja, afiliações étnicas e políticas não precisam ser idênticas. A etnicidade se distende sobre uma base de agregação culturalmente autônoma de autocontenção e autossuficiência, ou seja, ela se distende sobre, e é experienciada como sendo

²⁶ Hamers; Blanc (2010) Social psychologists define ethnic identity as a subjective feeling of belonging to a particular ethnic group.

socialmente completa, contínua entre gerações e historicamente profunda (FISHMAN, 1989, p.5)²⁷

Nessa perspectiva, etnicidade apenas existe enquanto os humanos agregados a utilizam como uma base de agregação e de organização sociocultural, ela existe enquanto reconhecida, interpretada e experimentada (FISHMAN, 1989, p. 6). Etnicidade é corretamente entendida como um aspecto do autorreconhecimento de uma coletividade, assim como um aspecto de seu reconhecimento aos olhos dos estranhos.

Em cada estágio, a etnicidade está ligada à língua, ou de forma indexical, implementacional ou simbólica. Não há como escapar do sistema simbólico primário de nossa espécie, certamente não onde a fenomenologia da definição agregacional, a manutenção de fronteiras, quando ser étnico, o fazer e o saber estão envolvidos (FISHMAN, 1989, p. 7).

A etnicidade pode parecer bastante primitiva, mas ela reside, fundamentalmente, antes em bases sociológicas do que em biológicas, e categorias socialmente construídas estão sujeitas à mudança. As pessoas poderão redefinir a si mesmas quando as circunstâncias o fizerem desejável ou quando as circunstâncias as forçarem a isso. Conflitos e conquistas, voluntários ou involuntários, migração, escassez ou abundância de recursos, contato de comércio intenso, todos esses fatores podem levar a grandes mudanças. Populações que uma vez foram coesas podem se separar em grupos distintos, resumir-se a um fragmento e ser absorvidas ou desenvolver-se gradualmente em um subgrupo de alguma população maior na mesma região ou numa região vizinha (DORIAN, 1999, p. 25-26).

Nesse sentido, nem sempre a língua é um indicador de etnicidade, ela que uma vez foi um indicador de etnicidade, pode perder esse papel quando grandes mudanças, como as acima citadas, infligirem o grupo. O grupo pode abandonar a sua língua, não significando isso, que os outros valores e indicadores tenham mudado. Uma prova disso é que há mais línguas no planeta terra do que há países, isso significa que a maioria das línguas é falada em lugares em que outra língua é oficialmente reconhecida e favorecida. Muitas vezes, ela está acima de qualquer outra língua exclusivamente local. Um exemplo disso é a relação entre a língua portuguesa e as línguas indígenas no Brasil, apesar das línguas indígenas serem as línguas autóctones, elas perderam seu espaço para o português, uma língua alóctone.

²⁷ Fishman (1989) may be a property of aggregative units as small as bands, clans or settlements, or it may characterize aggregative units occupying specific regions in particular countries, entire countries or even several neighboring countries, i.e. ethnic affiliation and political affiliation need not be identical. Ethnicity strains toward a self-contained, self-sufficient, culturally autonomous basis of aggregation, i.e. it strains toward and is experienced as being societally complete, inter-generationally continuous and historically deep.

A posição social de um grupo de pessoas também é transferida para a língua que ele fala. Se as pessoas mais ricas e poderosas de um país falam duas línguas, essas línguas serão as prestigiadas e, conseqüentemente, as que as outras pessoas, cuja língua materna é outra, querem aprender. O contrário também pode acontecer, pessoas podem ser “bem claras sobre a sua identidade e sobre manter essa identidade e podem ser totalmente contra em dividir qualquer conhecimento sobre elas mesmas ou a língua delas” (DORIAN, 1999, p. 26). Os grupos étnicos manterão suas línguas minoritárias dependendo da “importância que as pessoas dão a sua etnicidade e do quanto elas querem expressá-la linguisticamente” (HUFFINES, 1991, p.09).

Hamers e Blanc (2004) chamam a identidade étnica de identidade etnolinguística, quando a língua tem um papel importante em definir a identidade cultural ou étnica. Dessa forma, “a identidade etnolinguística pode ser vista como um sentimento subjetivo de pertencer a um grupo etnolinguístico em particular e, para o qual, a língua falada pelo grupo é uma característica importante.”²⁸

Percepções culturais e linguísticas estão estreitamente ligadas a estereótipos e preconceitos que um grupo forma sobre outro. A fala é um fator poderoso de identificação. Indivíduos podem ser avaliados positiva ou negativamente de acordo com a língua ou a variedade que eles falam. Geralmente é a variedade padrão ou legítima, a norma imposta ou a língua majoritária que é valorizada e as outras línguas ou variedades são estigmatizadas (HAMERS; BLANC, 2004 p. 207).

Conforme Hamers e Blanc (2004, p. 210), “a socialização primária parece ter um papel mais importante no processo de identificação cultural do que a socialização secundária”.²⁹ Em outras palavras, a orientação cultural que as crianças recebem de casa e do entorno prevalece sobre a língua da escola em moldar a identidade cultural da criança. Os autores ainda concluem que “dominar a língua do grupo étnico não é requisito necessário para se ter consciência de pertença etnolinguística” (p.210).³⁰

Ainda, segundo os autores ,

parece que a competência bilíngue tem um papel em moldar a identidade etnolinguística. A decisão tomada por pais imigrantes e minoritários em manter a herança linguística e criar os filhos bilíngues tem implicações importantes para o

²⁸ HAMERS; BLANC (2000, p. 202) Ethnolinguistic identity can thus be viewed as a subjective feeling of belonging to a particular ethnolinguistic group for which the language spoken by the group is an important characteristic.

²⁹ HAMERS; BLANC (2000, p. 210) ...primary socialization appears to play a more important role in the process of cultural identification than secondary socialization.

³⁰ HAMERS; BLANC (2000, p. 210) ...mastering the ethnic-group language is not a necessary requisite for ethnolinguistic membership awareness

desenvolvimento da identidade das crianças. A identidade etnolinguística de crianças bilíngues depende, em grande parte, do processo de socialização primária. (HAMERS; BLANC, 2004, p. 210)³¹

“A língua falada por alguém e sua identidade como falante dessa língua são inseparáveis” (LE PAGE; TABOURET-KELLER, 1985 apud TABOURET-KELLER, 1998, p. 214).³²

3.6 PRECEITOS DA DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL

Devido à natureza dinâmica da língua, pode-se dizer que a mudança está sempre presente. Essa mudança pode ser de natureza fônica, mórfica, sintática e léxico-semântica. Essas mudanças não podem ser analisadas levando-se em consideração somente as relações internas do sistema, é preciso olhar para as relações externas, assim como, levar em consideração a comunidade linguística, o espaço em que ela se insere e as relações entre os falantes dessa comunidade. Segundo Labov (1974, p. 424), não se pode explicar a mudança linguística mediante argumentos extraídos, exclusivamente, das relações internas do sistema, mas é necessário reconhecer as relações sociolinguísticas como fatores adicionais de condicionamento.³³ Berruto (2010, p. 226) define espaço linguístico como “o espaço feito de variedades linguísticas, e ao mesmo tempo, uma língua é, largamente e metaforicamente falando, concebível como um espaço linguístico, ou seja, uma cena ocupada por entidades linguísticas”.³⁴ Este espaço, que constitui uma língua, não é de forma alguma um espaço homogêneo, pelo contrário, é um reino de heterogeneidade linguística e diferenças de toda espécie, que formam, no todo, a variação interna de uma língua. Nesse sentido, ao analisarmos uma variação linguística, precisamos olhar para os fatores internos e externos de mudança. Não seremos bem-sucedidos em detectar o fator que levou à variação ou à mudança, se olharmos somente para um ou para outro. Ainda segundo Berruto (2010),

³¹ HAMERS; BLANC (2000, p. 210) ...it seems that bilingual competence does play a role in shaping ethnolinguistic identity. The decisions taken by minority and immigrant parents to maintain the heritage language and to raise their children bilingually have important implications for the children's development of identity.

The ethnolinguistic identity of bilingual children depends to a large extent on the primary socialisation processes.
³² TABOURET-KELLER (1998, p. 214) The language spoken by somebody and his or her identity as a speaker of this language are inseparable.

³³ Labov (1974) El cambio lingüístico no puede explicarse mediante argumentos extraídos de las relaciones exclusivamente internas del sistema, aun si las relaciones sociolingüísticas se reconocen como factores adicionales de condicionamento.

³⁴ BERRUTO (2010, p. 226) ...space is made up of language varieties and at the same time a language is conceivable, broadly and metaphorically speaking, as a language space, i. e., a scene occupied by linguistic entities.

os fatores mais importantes na estrutura social em uma comunidade linguística que podem coocorrer com diferenças linguísticas internas são quatro tipos. Primeiramente, tempo e espaço; então estratificação social; e por último, situações sociais. A partir desses fatores quatro axiomas podem ser formulados: (i) uma língua varia com o passar do tempo; (ii) uma língua varia de acordo com a distribuição geográfica de seus falantes; (iii) uma língua varia de acordo com a classe ou grupo social de seus falantes; (iv) uma língua varia de acordo com as situações comunicativas em que é empregada. (BERRUTO, 2010, p. 226, tradução nossa).³⁵

Seguindo por este caminho, a dialetologia pluridimensional, diferente da dialetologia tradicional, não se limita à territorialidade, ela combina as superfícies da dialetologia tradicional com o eixo de grupos socialmente diferentes, criando, assim, um modelo de espaço tridimensional (THUN, 2010, p. 2).

A dialetologia tradicional é monodimensional no que diz respeito às variáveis extralinguísticas, ela se limita à territorialidade, considera apenas a variação diatópica, isolando, desta forma, “um objeto digno de estudos e a possibilitar a análise de dados relativamente homogêneos e não excessivamente numerosos” (THUN, 2009, p. 535). O crescimento das cidades e a expansão do mundo urbano, a facilidade de locomoção e comunicação cada vez mais velozes fizeram com que pesquisadores e estudiosos percebessem que a dialetologia tradicional não dava conta de todas as variáveis extralinguísticas envolvidas no processo da variação linguística. Surge, assim, a sociolinguística que, “na afirmação de sua identidade, distanciou-se explicitamente da geolinguística e da dialetologia tradicional, criticando a concentração dela num mundo rural em vias de desaparecimento, a exclusão das mulheres, dos jovens, das camadas sociais não camponesas etc.” (THUN, 2009, p. 535). Se a dialetologia tradicional peca por se ater à diatopia e desconsiderar a variação ligada aos diferentes estratos sociais, a sociolinguística peca por reduzir a variação diatópica à variação de um só ponto. Desse impasse entre a dialetologia tradicional e a sociolinguística, nasce a dialetologia pluridimensional, que casa a dialetologia tradicional com a sociolinguística. Ela, assim, procura

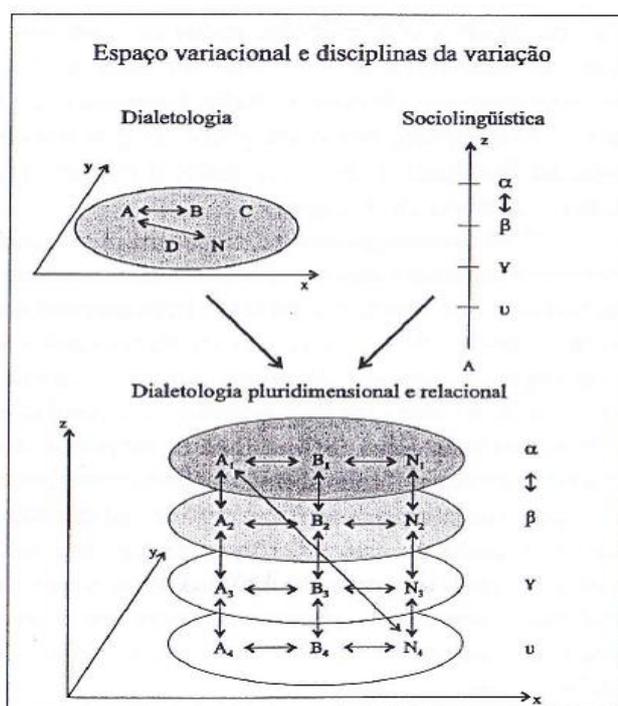
desenvolver sobre a base da variação diatópica toda uma gama de tipos de variações não areais, cuja utilidade foi comprovada pela sociolinguística, pela sociologia das línguas e, modestamente, pela mesma dialetologia em tempos passados. Através das variações não diatópicas, que se apresentam como cortes horizontais num eixo vertical erigido em cada ponto da pesquisa, e que cobrem, desta maneira, toda a superfície de uma sucessão de estratos sobrepostos, a dialetologia pluridimensional introduz a

³⁵ BERRUTO (2010, p. 226) The main factors in the societal structure of a given linguistic community that can co-occur with (inner) linguistic differences fall into four types. First, time and space; then, social stratification; and last, social situations. Correspondingly, we can formulate four axioms: (i) a language varies with the passing of time; (ii) a language varies with the geographical distribution of its speakers; (iii) a language varies with the social class/ group of its speakers; (iv) a language varies with the communicative situations in which it is employed.

geologia na geografia linguística e transforma a superfície plana da dialetologia monodimensional em espaço tridimensional” (THUN, 2009, p. 536).

O esquema abaixo mostra, claramente, como a dialetologia pluridimensional se apodera da dialetologia tradicional e da sociolinguística e cria um espaço tridimensional para estudar a variação linguística.

Figura 3 – esquema variacional e disciplinas da variação



Fonte: (THUN, 2005, p. 67).

Por meio do esquema, percebe-se que a geolinguística também é relacional, dessa forma,

“analisa relações de todos os tipos, não só as que unem os pontos da mesma superfície ($A \leftrightarrow B$) ou os que ligam os grupos de um mesmo eixo ($\alpha \leftrightarrow \beta$), mas estuda também os vínculos entre os pontos de uma superfície e os pontos análogos de uma outra superfície ($A_1 \leftrightarrow B_2$ e $A_2 \leftrightarrow B_1$) e as relações entre pontos diagonais ($A_1 \leftrightarrow B_2$)”. (THUN, 2005, p. 68).

Em outras palavras, a dialetologia pluridimensional concentra seu estudo em espaços distintos e relaciona os estratos sociais desses espaços, assim como os homens e as mulheres, os jovens e os idosos. Nesse sentido, a dialetologia compara e relaciona o homem idoso da classe alta de um ponto de pesquisa com o homem idoso da classe alta de outro ponto de pesquisa, assim como ao homem idoso da classe baixa dos dois pontos e depois com o jovem

da classe alta e baixa dos dois pontos. Desta forma, a dialetologia pluridimensional introduz as várias dimensões a serem consideradas ao investigar as variações de uma língua.

No que concerne ao informante, a dialetologia pluridimensional não considera somente o homem rural idoso, mas também o homem idoso urbano, assim como o jovem rural e urbano e a mulher jovem e idosa da área urbana e rural. Além disso, a geolinguística pluridimensional também tenta reunir pelo menos dois falantes que dividem as mesmas características e que se conhecem na entrevista, isso não só aumenta a representatividade num sentido quantitativo, mas também costuma ter efeitos qualitativos (THUN, 2010).

Outra característica da geolinguística tradicional diferente da geolinguística pluridimensional é que ela se atém ao estilo resposta e não admite comentários metalinguísticos do informante, ela não leva em consideração a variação estilística. Segundo Thun (2010, p. 3), “os falantes dispõem de um grande número de estilos. Quase não é possível registrar muitos deles durante a indagação linguística”. Ainda, segundo Thun (2009, p. 534), o método da geolinguística tradicional suprime

as conseqüências do contato de variedades que o falante poderia levar para fora de sua memória, e oculta, sobretudo, a existência de variedades regionais da língua comum. Caso não se registre a fala do informante em estilos distintos (variação diafásica), tampouco se pode saber se existe variação entre vários falantes da mesma localidade.

Nesse sentido, a dialetologia pluridimensional trabalha com outros estilos além do questionário, como a conversa livre e leitura de texto. A dialetologia tradicional se restringe à área do “homem rural idoso”, à procura do falante ideal do dialeto, na sua forma mais antiga e pura. Ela não quer influências da língua padrão e nem de outros dialetos. Já a geolinguística pluridimensional “abre o seu campo de observação para a ampla gama de variedades que ocupam o espaço linguístico, do padrão ao subpadrão” (THUN, 2010, p.3). As variedades subpadrão podem incluir variações regionais da variedade padrão.

Abaixo temos um resumo das dimensões consideradas na dialetologia pluridimensional, são elas:

Dialingual - A dialetologia pluridimensional expande seu campo de observação para toda uma gama de variedades que ocupa um espaço linguístico, ela vai do dialeto ao padrão, das variedades subpadrão e às variedades em contato. As variedades subpadrão podem incluir realizações regionais da variedade padrão.

Diatópica - A dialetologia pluridimensional não limita a sua pesquisa a uma área somente. No caso desta pesquisa, duas localidades serão consideradas e exige-se que os informantes sejam topostáticos, ou seja, os informantes precisam ter residência estável nos locais que são pontos de investigação e morar no local por pelos menos 3/4 de sua vida.

Diatópica-cinética - A dimensão diatópica-cinética é a diferença entre informantes topostáticos e topodinâmicos, estes circulam mais, têm mais mobilidade.

Diastrática - A geolinguística pluridimensional, em suas pesquisas, investiga duas classes sociais denominadas Ca (classe alta) e Cb (classe baixa). É interessante notar que para definir as classes sociais, a dialetologia não considera o poder aquisitivo dos informantes, mas a escolaridade. Desta forma, pertencem à Ca os informantes com curso superior completo ou em curso e à Cb os informantes com escolaridade até o ensino médio.

Diageracional - Geralmente a dialetologia trabalha com duas faixas etárias, a GI (dos 18 aos 36 anos) e a GII (acima de 55 anos), mas em algumas pesquisas as faixas etárias podem ser ampliadas. Neste estudo será usado o critério acima mencionado.

Diassexual - A dialetologia pluridimensional opta sempre por entrevistar um representante masculino e outro feminino, isso se deve às diferenças existentes entre os dois sexos no que concerne à mudança linguística e à língua, fato já comprovado por estudos nessa área.

Diafásica - É o estilo a ser usado, leitura, resposta, conversa livre. Segundo Thun (2010) “os falantes dispõem de um grande número de estilos” e é só através dos vários estilos usados na entrevista que é possível detectá-los. A dimensão do estilo pertence à categoria das variáveis linguística e extralinguística simultaneamente. Estilos são maneiras específicas de interações linguísticas configuradas por tradições sociais. A dimensão diafásica é um indicador importante de mudança linguística.

Diarreferencial - A dimensão diarreferencial consiste nos comentários metalinguísticos do informante, eles constituem, junto com e em contraste às declarações que referem ao mundo extralinguístico ou a formas linguísticas apresentadas (THUN, 2010, p. 3).

Diarreligiosa - Em alguns casos a religião tem um papel importante na manutenção ou substituição de uma língua e nesses casos, faz-se importante levar em conta a dimensão religiosa.

Para os objetivos dessa pesquisa, optou-se por não aplicar todas as dimensões. No capítulo 4, sobre a metodologia da pesquisa, serão expostas as dimensões a serem consideradas neste estudo.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Como já mencionado anteriormente, este estudo está pautado no modelo pluridimensional de análise e coleta de dados. Nesse sentido, foi preciso selecionar quais as dimensões e os procedimentos mais adequados para essa pesquisa, de forma que ela pudesse ser executada. Lembrando que o objetivo central deste estudo é descrever o bilinguismo alemão-português em Mondaí e São João do Oeste – SC, foi a partir dele que fizemos a escolha das dimensões a serem consideradas.

4.1 DIMENSÕES DE ANÁLISE

A dialetologia pluridimensional não se limita a uma área somente, nesse sentido, esta pesquisa se concentra em duas comunidades, dimensão diatópica, Mondaí e São João do Oeste.

A pesquisa estendeu-se, ainda, a duas gerações, a geração mais nova e a geração mais velha. A geração mais nova, GI, engloba jovens entre 18 e 36 anos de idade. Já a geração mais velha, GII, engloba idosos acima de 55 anos. Serão quatro informantes da GI e quatro informantes da GII em cada cidade.

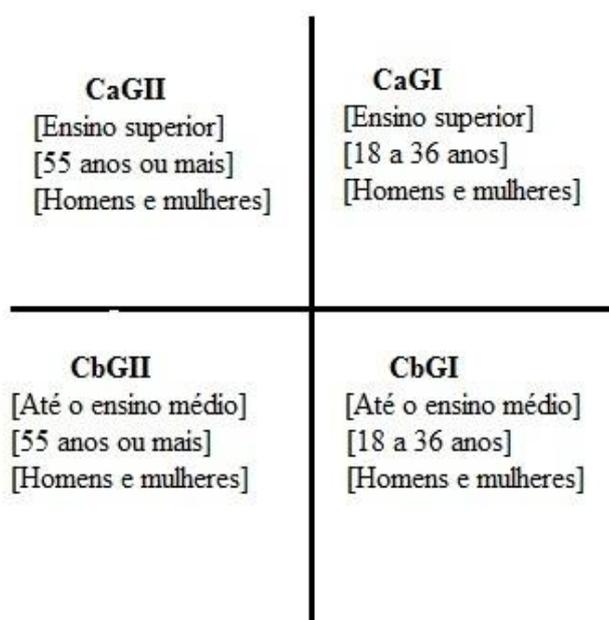
Foi levada em conta, também, a dimensão diassexual, homem e mulher. Foram escolhidos quatro homens e quatro mulheres de cada cidade. Eles foram divididos em dois representantes da classe alta, sendo que um da GI e outro da GII e dois representantes da classe baixa, GI e GII. Tivemos, ainda, a dimensão diastrática, classe alta (Ca) e classe baixa (Cb). Sendo que, os informantes da Ca correspondem àqueles com curso superior completo ou em andamento, e os da Cb correspondem àqueles informantes com escolaridade até o ensino médio. Tivemos, assim, quatro informantes da Ca e quatro informantes da Cb em cada cidade.

No que concerne à coleta de dados, foram levadas em conta as dimensões diarreferencial e diafásica. A primeira consiste nos comentários metalinguísticos e a segunda diz respeito ao estilo. Para realizar esta pesquisa, lançamos mão de quatro estilos: questionário, um texto para leitura, conversa livre e escrita.

4.2 SELEÇÃO DOS INFORMANTES E DEFINIÇÃO DAS ENTREVISTAS

A seleção dos informantes foi feita seguindo o modelo de cruz proposto por Thun (1996, 2005, 2009). Foram entrevistados 8 informantes em cada comunidade, o que dá um total de 16 informantes. Dos oito informantes escolhidos, temos 4 homens e 4 mulheres, destes, dois homens e duas mulheres da GI (geração um), sendo um homem e uma mulher da Ca (classe alta) e um homem e uma mulher da Cb (classe baixa) e dois homens e duas mulheres da GII (geração dois), sendo um homem e uma mulher da Ca e um homem e uma mulher da Cb. Os requisitos usados na escolha dos informantes foram: ser teuto-brasileiro, ter vivido 3/4 da vida nestas comunidades, ter o alemão como língua materna e, além disso, era imprescindível que os informantes entendessem a língua alemã, não necessariamente que a falassem. Temos, assim, o esquema abaixo:

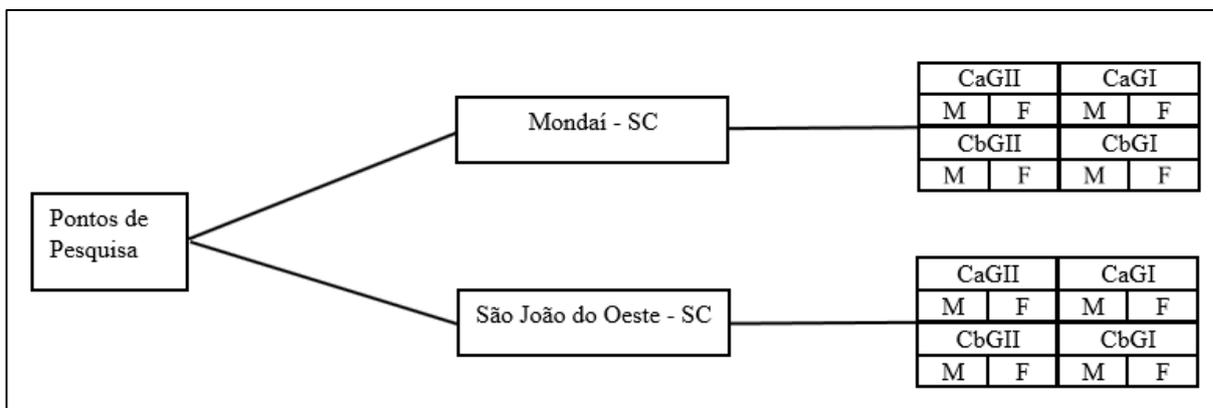
Figura 4 – Esquema da cruz



Fonte: (THUN, 2005).

O esquema acima representa os informantes em cada cidade, são dois por eixo, um homem e uma mulher, representantes da dimensão diastrática (Ca e Cb) e diageracional (GI e GII). Para que a escolha dos informantes fique mais clara, criamos a figura 5 baseada na cruz de Thun (2005). Ela mostra os informantes de SJO e MO distribuídos nas dimensões diatópica, diastrática, diageracional e diassexual.

Figura 5: Distribuição dos inf.(s) teuto-brasileiros nos municípios de SJO e MO - SC conforme as dimensões diatópica, diageracional, diassexual e distrática



Para chegar até os dezesseis informantes, conversamos com habitantes das duas comunidades que nos indicaram algumas pessoas que possuíam o perfil traçado por nós. O contato inicial com estes informantes foi feito através das mídias sociais e telefone, e foi nesse primeiro contato que conseguimos as informações necessárias para saber se o indivíduo possuía ou não os requisitos necessários para fazer parte da pesquisa e se estava interessado em participar. A maioria das pessoas com que falei foram muito receptivas e mostraram grande interesse em participar da pesquisa, alguns, inclusive, prontificaram-se em vir até nós, devido a nossa dificuldade de locomoção, mas também tiveram aquelas pessoas que se mostraram um pouco apreensivas em participar da pesquisa, nestes casos nós não insistíamos e íamos à procura de um ou uma substituta.

A escolha dos informantes de São João do Oeste já foi mais complicada, não pela resistência dos informantes, pelo contrário, eles mostraram-se muito prestativos e solícitos. A dificuldade estava na locomoção, não há linhas de ônibus de Mondaí ou Chapecó que entrem na cidade de São João, somente até o trevo, que fica a 7 Km da cidade. Dessa forma, pedimos a um membro da família que nos levasse até lá. O primeiro dia não foi muito produtivo, entrevistamos pessoas que não possuíam os requisitos necessários para fazer parte da pesquisa, e assim tivemos que descartar as entrevistas. Também não foi fácil encontrar os informantes, pois nós não conhecíamos a cidade e não possuíamos alguém que pudesse nos ajudar nesta tarefa, mas graças a solicitude das pessoas com quem falamos, encontramos todos os informantes de que precisávamos. Não é uma tarefa difícil encontrar alguém que fale alemão em São João, quando lá chegamos, costumávamos nos dirigir às pessoas falando em alemão e não tivemos problemas de comunicação, embora alguns nos respondessem em português,

apesar de nós falarmos em alemão. Obtivemos ajuda dos funcionários da escola municipal de São João, assim como da funcionária do museu e outras pessoas que encontramos na rua.

Em ambas as cidades tentamos entrevistar pessoas que moram na área urbana e rural, em Mondaí, entrevistamos dois informantes que ainda moram na área rural, dois que se mudaram para a cidade para dar prosseguimento aos estudos, ou seja, faz apenas alguns anos que se mudaram para o centro e os pais ainda moram no interior. Dos representantes da GII, dois informantes sempre moraram na cidade e os outros dois mudaram-se para a cidade já faz bastante tempo. Em São João, entrevistamos três informantes da área rural e cinco da área urbana. Dos informantes da área rural, dois trabalham na cidade, mas moram no interior. Dos informantes urbanos, quatro moraram no interior na sua juventude e mais tarde mudaram-se para a cidade, e um deles sempre morou na zona urbana.

4.3 INSTRUMENTOS DE COLETAS DE DADOS

A fim de realizar as entrevistas, lançamos mão de um questionário base elaborado a partir do projeto Atlas das Línguas em Contato na Fronteira: missões no Brasil e misiones na Argentina (KRUG, 2013). O questionário está dividido em duas partes, a primeira parte está subdividida em:

- Questões de identidade – as questões dessa parte estão relacionadas à identidade do informante, o seu sentimento em relação às línguas e a sua origem. O informante responderá perguntas como: “Em que língua gosta de conversar mais?”; “Como acha que as pessoas de fora veem os originários daqui?”.
- Identificação de padrões identitários – nesta seção o objetivo é verificar a variação e intensidade da identidade e como o informante vê a si e os outros. Aqui o informante responderá questões como: “O que identifica o alemão típico daqui?”; “Características do brasileiro. Como é esse brasileiro?”.
- Papel da língua na constituição da identidade – nesta parte os informantes darão informações sobre a variedade alemã, como eles se sentem em relação a ela. Serão feitas perguntas como: “Acha importante que os filhos aprendam alemão dos pais? Por quê?”; “Existem situações em que você sente vergonha de falar alemão?”.
- Grau de bilinguismo dos informantes da sua comunidade e o reconhecimento da identidade – nesta seção será investigada a função para a qual os informantes

usam a variedade alemã, em que situações e com quem. Estas perguntas servirão para satisfazer o objetivo de número 4.

A segunda parte do questionário é fonológica:

- Fonológica – aqui será pedido aos informantes que digam o correspondente da palavra em português na variedade alemã. O objetivo aqui é investigar os traços fonológicos dos falantes, se eles falam *Deitsch* ou *Deutsch*.

No total, o questionário é composto de 41 (quarenta e uma) questões, destas analisamos somente aquelas relacionadas ao bilinguismo, ou seja, relevantes ao nosso objeto de estudo. Outras questões ajudaram-nos a desenhar nosso contexto de pesquisa, como o comportamento e a atitude dos informantes. É preciso lembrar que este trabalho está inserido no projeto Atlas das Línguas em Contato na Fronteira: Oeste Catarinense (ALCF – OC) e, portanto, todo material coletado nesta pesquisa irá para o banco de dados deste projeto e será usado para pesquisas futuras.

Para investigar as quatro competências linguísticas dos informantes, lançaremos mão de um texto, “Parábola do filho pródigo”, impresso em *Hochdeutsch*, *Hunsrückish* e português para averiguar o grau de competência em leitura dos informantes; para verificar a habilidade de redação dos informantes na variedade, será pedido a eles que escrevam um pequeno texto falando sobre si; a competência oral e auditiva serão investigadas a partir da entrevista e a conversa livre que serão conduzidas na variedade alemã local nos dois municípios.

As entrevistas foram gravadas com um gravador portátil H4n da Zoom com cartão de memória e com um smartphone. As entrevistas foram conduzidas pela autora deste trabalho e aconteceram em sua maioria pela parte da manhã e tarde em dias diferentes da semana. Em São João, devido à dificuldade de se chegar à cidade e à distância, fez-se necessário fazer as gravações em três dias, tornando-se, assim, bastante cansativo. A fim de evitar a influência de terceiros nas respostas dos informantes, todas as entrevistas foram individuais. Em alguns casos algum membro da família queria ficar para ouvir, mas intromissões não eram permitidas.

4.4 PROCEDIMENTO DE DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados foi feita a partir de respostas específicas dadas pelos informantes para se chegar a uma questão mais geral. Todas as questões requeriam uma resposta objetiva dos informantes, nesse sentido, somente a primeira resposta foi levada em consideração, não fazíamos sugestões. É preciso lembrar, também, que algumas questões eram mais abertas que

outras, permitindo respostas não tão diretas dos informantes. Um destes exemplos é a pergunta sobre “que língua você fala no(a) ...” A essa pergunta muitos informantes responderam: depende, ambas as línguas e não somente português ou alemão. Neste caso, montamos os gráficos e procedemos à análise de acordo com o que nos era informado pelos informantes. Algumas questões foram trabalhadas de forma particular enquanto que outras foram usadas para nos dar uma visão geral do comportamento linguístico dos informantes, significando que não analisamos todas as questões de forma direta, mas somente aquelas diretamente relacionadas aos objetivos da pesquisa. Na parte da tradução, levamos em consideração somente a primeira resposta do informante, ou seja, não fizemos sugestões, se o informante não lembrava de como dizer alguma palavra ou expressão em alemão, deixávamos sem resposta. Obviamente que o informante nos perguntava como se dizia tal palavra ou expressão em alemão, e ao respondermos eles imediatamente lembravam do termo, mas tal fato não foi levado em consideração no nosso trabalho. Para a descrição e registro das respostas, comentários e partes de diálogos, optamos por fazer uma transcrição grafemática, pois o intuito é descrever a realidade linguística das comunidades em questão e examinar os dados coletados na perspectiva de sua interface com outras áreas de conhecimento afins – história, sociologia, antropologia e outras – para que assim possamos fundamentar e definir nossas posições teóricas. Para as transcrições fonéticas da fala dos informantes, lançamos mão do Alfabeto Fonético Internacional (IPA), já para a escrita partimos da escrita do *Hochdeutsch* e do *Hunsrückisch*. No que diz respeito à escrita do *Hunsrückisch*, muitas vezes foi usado o *Wiktionary: Verzeichnis:Deutsch/Hunsrücker Mundart*³⁶. Para a transcrição fonética das palavras em *Hochdeutsch*, fizemos uso dos símbolos do dicionário online *Duden*³⁷.

Para a representação gráfica dos resultados obtidos através do questionário, escrita, leitura e da tradução léxico-fonológica, lançamos mão de tabelas, de quadros, do método da representação em cruz, aplicado por Harald Thun em seus estudos (2005, 2009, 2010). Quando necessário, a cruz foi aplicada tanto para os homens quanto às mulheres em separado, pois desta forma é possível visualizar melhor os resultados.

As variedades *Deutsch* e *Deitsch* faladas em Mondaí e São João são línguas orais, ou seja, não possuem sistema de escrita. Desta forma, partimos dos códigos de escrita com que os informantes estão familiarizados e dos quais terão influência: o português e o *Hochdeutsch*. Acreditamos que o pré-conhecimento de elementos gráficos do *Hochdeutsch* não esteja

³⁶ Domínio público: https://de.wiktionary.org/wiki/Verzeichnis:Deutsch/Hunsr%C3%BCcker_Mundart

³⁷ Domínio público: <http://www.duden.de/hilfe/aussprache>

totalmente ausente, pois de uma forma ou de outra, em maior ou menor grau, os informantes têm ou tiveram algum contato com a escrita do *Hochdeutsch*, como sobrenomes, bíblias, publicações locais e nomes de festas, etc.³⁸

Para a leitura, fizemos uso de um texto em *Hochdeutsch*, *Hunsrückisch* e português. Prestamos atenção, aqui, em influências que os informantes possam ter das línguas com que estão familiarizados, por isso uma versão em *Hochdeutsch* e outra em *Hunsrückisch*. Também valorizou-se, aqui, a capacidade de entender o texto e não a pronúncia das palavras. A pronúncia, no entanto, foi-nos útil para mostrar as influências linguísticas dos informantes.

Para averiguar as competências auditiva e oral, levou-se em consideração toda a fala dos informantes durante a entrevista, desde o questionário até a conversa livre. Prestou-se atenção às mudanças de código, aos fenômenos de *switching* e *mixing* e ainda às transferências e interferências da língua portuguesa no alemão.

³⁸ Altenhofen, Cléo Vilson. **Fundamentos para uma escrita do Hunsrückisch falado no Brasil.** <http://www.hunsriqueano.riolingo.com/blog/?p=504>

5 ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo apresenta a análise dos dados colhidos através da pesquisa de campo. Ela está estruturada em três partes conforme o objetivo de pesquisa que esteja sendo tratado.

5.1 Impressão dos informantes sobre a sua condição bilíngue e tipos de bilíngue – neste tópico verificamos a impressão dos informantes sobre a sua condição bilíngue, se eles se consideram bilíngues ou não, que tipo de bilíngues eles são: simultâneos ou consecutivos e comparamos os resultados nas dimensões diatópica, diastrática, diageracional e diassexual.

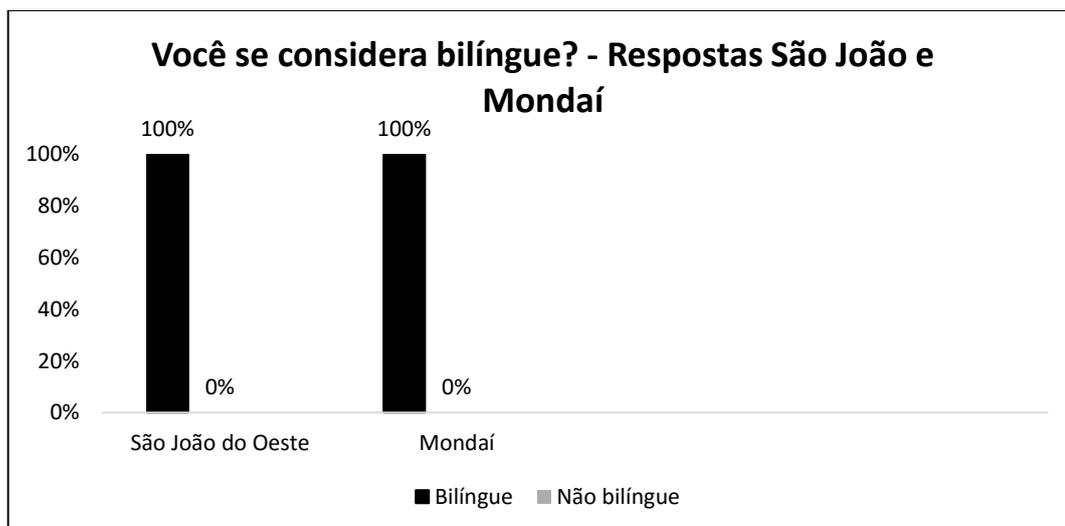
5.2 Grau de bilinguismo – aqui serão discutidas as competências escrita, leitura, fala, compreensão auditiva e tradução dos informantes nas dimensões diatópica, diastrática, diageracional e diassexual

5.3 Funções para as quais os informantes usam suas línguas – aqui serão averiguadas as funções para as quais os informantes usam as suas duas línguas, onde e com quem nas dimensões diatópica, diastrática, diageracional e diassexual

5.1 IMPRESSÃO DOS INFORMANTES SOBRE SUA CONDIÇÃO BILÍNGUE E TIPOS DE BILÍNGUE

Um dos objetivos deste trabalho é registrar a impressão que os informantes têm sobre a sua condição bilíngue, para tanto, perguntou-se a eles: “você se considera bilíngue?”. Através desta pergunta, esperava-se que os informantes refletissem sobre a sua condição e que fossem capazes de dar uma resposta. A expectativa era que os informantes dessem uma resposta negativa, devido ao baixo status que as línguas minoritárias têm no Brasil, e também à concepção errada que as pessoas leigas têm sobre bilinguismo. No entanto, 100% dos informantes declararam-se bilíngues alemão-português. O gráfico 1 mostra a síntese dos resultados:

Gráfico 1 – Síntese das respostas à pergunta sobre bilinguismo



Fonte: dados da pesquisadora (2015)

Dentre os dezesseis informantes, oito de Mondaí e oito de São João, todos declararam-se bilíngues, três (GIICb F de São João e os informantes da GICb M e da GIICa F ambos de Mondaí), no entanto, titubearam ao responder à pergunta, declararam-se “meio” bilíngues em razão de julgarem saber melhor uma língua do que a outra. Percebe-se incrustada, aqui, a ideia do bilíngue equilibrado, que tem domínio igual das duas línguas, como é possível ver nos trechos das entrevistas abaixo:

Entrevistadora: *Bist du zweisprachig?* **GIICb F (São João):** *Deutsch ja, aber Português net so ganz complet.*³⁹

Entrevistadora: *Bist du zweisprachig, bilíngue?* **GIICaF (Mondaí):** *Ein bisschen...doch.*⁴⁰

Entrevistadora: *Bist du zweisprachig?* **GICbM (Mondaí):** *Net so gut, aber ich tun mich anstrengen.*⁴¹

Conforme as declarações acima, podemos perceber que o conceito de bilinguismo está atrelado à ideia de dominar duas línguas igualmente. Enquanto a informante da GIICb de São João acha que o conhecimento dela da língua alemã é maior do que o conhecimento dela da língua portuguesa, os informantes da GIICa F e da GICb M de Mondaí acham que eles têm um

³⁹ Entrevistadora: Você é bilíngue? GIICb M (São João): Alemão sim, mas português não tão completa.

⁴⁰ Entrevistadora: Você é bilíngue? GIICa M (Mondaí): Um pouco... sim.

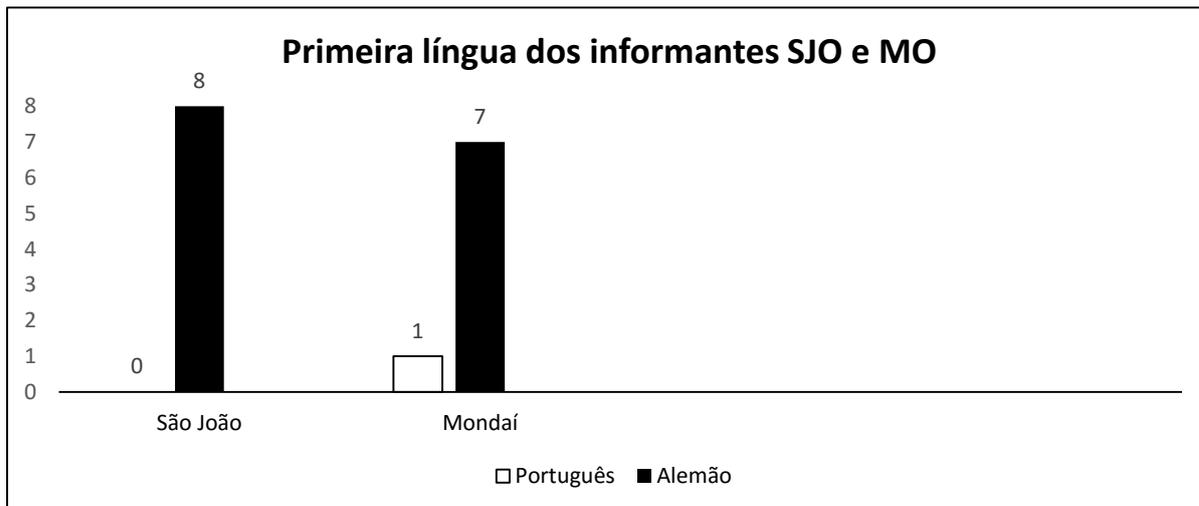
⁴¹ Entrevistadora: Você é bilíngue? GICb H (Mondaí): Não tão bem, mas eu me esforço.

maior conhecimento da língua portuguesa, por isso é possível perceber uma certa hesitação em responder à pergunta positivamente.

Como já visto anteriormente, dependendo do período de aquisição das línguas, teremos os bilíngues simultâneos ou consecutivos. Os bilíngues simultâneos são aqueles que aprenderam as suas duas línguas simultaneamente, e bilíngues consecutivos são aqueles que aprenderam as duas línguas em momentos diferentes da vida. De Heredia (1989, p. 183) declara que “o período de aquisição da linguagem é fixado entre 0 e 5 anos”, sendo, portanto, bilíngue simultâneo aquele indivíduo que aprendeu as duas línguas neste período. Já para Baker (2001), bilíngues simultâneos são aqueles que aprenderam as duas línguas desde o nascimento até os três anos de idade. Como é possível perceber, não há uma concordância quanto ao período de aquisição de ambas as línguas, mesmo porque há inúmeras variáveis a serem consideradas, não há uma idade fixa para uma criança balbuciar suas primeiras palavras, algumas começam a falar mais cedo, outras mais tarde, o que importa é a frequência e a duração do contato entre as línguas na fase de aquisição da linguagem. Neste trabalho, portanto, consideramos bilíngues simultâneos aqueles, que, de certa forma, foram expostos a ambas as línguas ao mesmo tempo antes de entrar para a escola e bilíngues consecutivos aqueles cujo primeiro contato com a língua portuguesa foi na escola, entre os seis e os sete anos de idade.

Para inferir que tipos de bilíngues os informantes são, foram feitas duas perguntas: “qual língua você aprendeu primeiro” e “como aprendeu português?” À primeira pergunta, os 8 informantes de São João responderam alemão e em Mondaí, 7 dos informantes responderam alemão e 1 respondeu português. O gráfico 2 mostra esses resultados mais claramente:

Gráfico 2 – Síntese das respostas à pergunta sobre a primeira língua dos informantes de SJO e MO.



Fonte: dados da pesquisadora (2015)

Quadro 1 - Respostas à pergunta “Qual língua você aprendeu primeiro?”

| | CaGIIM | CaGIIF | CbGIIM | CbGIIF | CaGIM | CaGIF | CbGIM | CbGIF |
|----------|--------|-----------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|
| São João | Alemão | Alemão | Alemão | Alemão | Alemão | Alemão | Alemão | Alemão |
| Mondai | Alemão | Português | Alemão | Alemão | Alemão | Alemão | Alemão | Alemão |

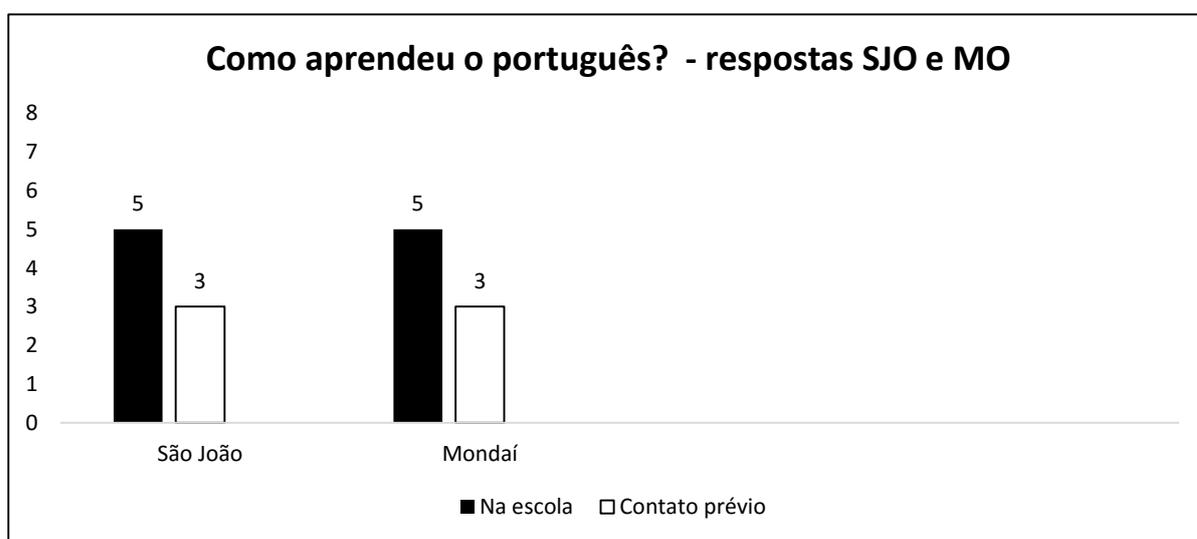
Fonte: dados da pesquisadora (2015)

Ao analisarmos os dados do gráfico 2 e do quadro 1, parece-nos que a questão é muito simples, a resposta, porém, é mais complexa. Quando a informante da GIICa de Mondai respondeu que a primeira língua que aprendeu foi o português, outra pergunta veio a nossa mente: em que momento ela aprendeu alemão se ela nunca estudou a língua? Percebemos, então, que a questão não era tão simples, outras perguntas deveriam ser feitas. Então, além de perguntar “como aprendeu o português”, também fizemos perguntas como: “foi difícil para você na escola?”, “você já sabia um pouco de português quando entrou na escola?” E para a informante acima mencionada, fizemos as perguntas: “como você aprendeu alemão então?; “você aprendeu as duas línguas ao mesmo tempo?” À primeira pergunta, ela respondeu que aprendeu alemão em casa com a avó e à segunda pergunta, ela respondeu que sim, que havia aprendido as duas línguas ao mesmo tempo.

Foi através das outras perguntas mencionadas acima, que inferimos que alguns dos informantes já tinham um conhecimento prévio da língua portuguesa, caracterizando o bilinguismo simultâneo. O que acontece nesses casos é que, geralmente, as crianças têm irmãos

e irmãs mais velhos, amigos, vizinhos que falam português com elas e, às vezes, até os próprios pais, resultando num bilinguismo passivo, ou seja, a criança entende o português, mas não consegue ou não quer se expressar nesta língua, e quando ela entra na escola, esse conhecimento passivo vem à tona e em pouco tempo o português torna-se a língua dominante (DE HEREDIA, 1989). No gráfico 3 é possível ver os resultados da pergunta “como aprendeu o português?”

Gráfico 3 – Síntese das respostas à pergunta sobre como a língua portuguesa foi aprendida em São João e Mondaí.



Fonte: Dados da pesquisadora (2015)

Vejamos, agora, quem são esses informantes: em SJO, os informantes correspondentes aos que aprenderam o português na escola são: GICb M, GIICa M, GIICa F, GIICb M e GIICb F e os que já tinham um contato prévio são: GICa M, GICa F e GICb F. Em Mondaí os informantes correspondentes aos que aprenderam português na escola são: GICa M, GICb F, GIICa M, GIICb M, GIICb F, e os que já tinham contato prévio são: GICa F, GICb M e GIICa F. Conforme quadros 2, 3,4 e 5.

Quadro 2: Resposta à pergunta "como aprendeu português?" Mulheres - SJO.

| | |
|--|---------------------------------|
| CaGII F Aprendeu português na escola | CaGI F Contato prévio |
| CbGII F Aprendeu português na escola | CbGI F Contato prévio |

Fonte: dados da pesquisadora 2015

Quadro 3: Resposta à pergunta "como aprendeu português?" Homens SJO

| | |
|--|---------------------------------|
| CaGII M Aprendeu português na escola | CaGI M Contato prévio |
| CbGII M Aprendeu português na escola | CbGI M Contato prévio |

Fonte: dados da pesquisadora 2015

Através dos quadros 2 e 3 é possível ver que em SJO os informantes da GII são bilíngues consecutivos e os informantes da GI são bilíngues simultâneos. Percebe-se que, neste caso, as

dimensões diastrática e diassexual não exercem um papel importante na definição dos tipos de bilíngues e sim a dimensão diageracional. Vejamos agora os resultados em Mondáí:

Quadro 4: Resposta à pergunta "como aprendeu português?" Mulheres MO

| | |
|--|---|
| <p>CaGII F Contato prévio</p> | <p>CaGI F Contato prévio</p> |
| <p>CbGII F Aprendeu português na escola</p> | <p>CbGI F Aprendeu português na escola</p> |

Fonte: dados da pesquisadora 2015

Quadro 5: Resposta à pergunta: "Como aprendeu português?" Homens MO

| | |
|--|---|
| <p>CaGII M Aprendeu português na escola</p> | <p>CaGI M Contato prévio</p> |
| <p>CbGII M Aprendeu português na escola</p> | <p>CbGI M Contato prévio</p> |

Fonte: dados da pesquisadora 2015

Em Mondaí, assim como em SJO, a GII é de bilíngues consecutivos, com exceção da informante CaGII F, que aprendeu as duas línguas simultaneamente, português com os pais e alemão com a avó. Na GI, temos os representantes da CbGI F e da CaGI M que aprenderam o português na escola. Talvez isso se deva ao fato de os dois terem crescido em comunidades do interior, rodeados por pessoas que só falavam alemão.

Através da análise dos dados das duas comunidades, é possível constatar que 5 informantes com conhecimento prévio de português ao entrar para a escola pertencem à GI e 1 informante apenas à GII. Provavelmente isso se deva ao fato da GI ter tido acesso a um maior número de áreas em contato quando na infância, o que já era mais difícil na infância da GII, naquela época a mobilidade era baixa e as comunidades viviam mais isoladas e os avós e pais de muitas crianças eram monolíngues em alemão, ademais, os meios de comunicação em massa não eram tão difundidos. Outro fator favorável para que a GI tenha contato com a língua oficial mais cedo é o jardim de infância, como mencionado pelo informante da GICbM de Mondaí.

5.2 GRAU DE BILINGUISMO

Quando falamos em grau de bilinguismo precisamos considerar as quatro competências linguísticas básicas, a saber: fala, compreensão auditiva, leitura e escrita.

Quadro 6 - As quatro competências linguísticas básicas

| | Oralidade | Letramento |
|-----------------------|----------------------|------------|
| Competência Receptiva | Compreensão auditiva | Leitura |
| Competência Produtiva | Fala | Escrita |

Fonte: BAKER (2001, p. 5)

Como é possível observar no quadro 6, as quatro competências linguísticas estão divididas em receptivas e produtivas, sendo a compreensão auditiva e a leitura competências receptivas e a fala e a escrita competências produtivas.

Começaremos então com a análise da escrita.

5.2.1 Escrita

Como já mencionado anteriormente neste trabalho, quando os imigrantes alemães vieram para o Brasil, trouxeram consigo seus muitos dialetos, sendo o maior número originário da região do *Hunsrück* e falantes das variedades dialetais do francônio-renano e francônio-moselano (STEFFEN, 2013). Aqui no Brasil, então, aconteceu um nivelamento dialetal, dando origem a uma coíné, um dialeto comum, chamada de hunsriqueano ou *Hunsrückisch*. Esta variedade, então, dominava no âmbito da oralidade, mas no âmbito da escrita e do ensino formal usava-se o *Hochdeutsch* (STEFFEN, 2013). Essa situação perdurou até o momento em que o presidente Getúlio Vargas, nos anos 30 e 40, proíbe o uso de qualquer língua que não seja o português. Medida essa que, paulatinamente, causou a substituição do *Hochdeutsch* pelo português no âmbito da escrita, mas no âmbito da oralidade, persistia a variedade alemã, que, aos poucos, foi perdendo o contato com o *Hochdeutsch*. Em razão disto, o português foi substituindo o *Hochdeutsch* no âmbito da escrita e as variedades dialetais mantiveram seu papel como língua oral, com uma influência cada vez mais forte do português (STEFFEN, 2013).

Dentre os dezesseis entrevistados, somente sete informantes aceitaram escrever algo em língua alemã. Em Mondaí, tivemos quatro, os representantes masculino e feminino da CaGII, o representante da CaGI M e o representante da CbGI M. Em São João, tivemos três, os representantes masculino e feminino da CaGII e o representante da CbGI M. Dentre esses, o informante da CbGI M de São João conseguiu escrever apenas uma sentença; a informante da CaGII de Mondaí escreveu frases aleatórias dando algumas informações sobre si assim como os representantes masculinos da CaGI e CbGI de Mondaí. Já os representantes masculinos da CaGII de Mondaí e de São João escreveram textos um pouco mais elaborados, falando um pouco de suas vidas. Através destes dados, foi possível constatar, apesar de alguns terem escrito mais e de forma diferente, que todos têm uma forte influência da oralidade na escrita, tanto do português como das variedades *Deitsch* e *Deutsch*.

Quadro 7 – Resumo dos informantes que aceitaram escrever em alemão

| | CaGIIM | CaGIIF | CbGIIM | CbGIIF | CaGIM | CaGI F | CbGIM | CbGI F |
|-----|--------|--------|--------|--------|-------|--------|-------|--------|
| SJO | ● | ● | ○ | ○ | ○ | ○ | ● | ○ |
| MO | ● | ● | ○ | ○ | ● | ○ | ● | ○ |

Fonte: dados da pesquisadora (2015)

Legendas: ● escreveram ○ não escreveram

Como é possível ver no quadro 7, tanto os representantes femininos como os masculinos da CaGII aceitaram escrever. Conforme conversa com os informantes, nenhum deles teve ensino formal de alemão, mas tiveram contato com a escrita e leitura em casa e depois aprenderam por conta própria. Já o informante da CaGI M de Mondaí teve aulas de alemão na escola, o que proporcionou um conhecimento prévio, e o informante da CbGI M canta músicas em alemão e, conseqüentemente, tem contato com a escrita do *Hochdeutsch*. Já o informante da GICb M de São João não teve aula de alemão na escola e também não teve ou tem muito contato com a escrita do *Hochdeutsch*, acredita-se ser esta a razão de ele não ter sido capaz de escrever muito e de ter forte influência do português na escrita do alemão.

Procederemos, agora, à análise da escrita dos informantes. Em geral, foi possível notar a influência de três línguas na escrita dos informantes: português, *Hochdeutsch* e a variedade *Deutsch* ou *Deitsch*, dependendo da língua materna do informante. Os informantes das Ca demonstraram ter maior conhecimento do código escrito da língua alemã.

Durante a análise, percebeu-se a influência do português na ordem da frase, como neste exemplo: *Ich bin in die Schule gegang mit acht Jahren* (Eu fui à escola com oito anos), enquanto que na escrita do *Hochdeutsch* escrever-se-ia: *Ich bin mit acht Jahren in die Schule gegangen*. Pela tradução para o português, percebe-se que o informante transferiu a ordem da sentença do português para a variedade, pois na escrita padrão do *Hochdeutsch* o particípio passado do verbo é inserido no final da sentença e a ordem dos advérbios geralmente é T K M L (temporal, causal, modal, local) conforme a gramática da língua alemã *Lehr-und Übungsbuch der Deutschen Grammatik*. Outro exemplo: *Ich bin geboren in Itapiranga* (Eu nasci em Itapiranga), já no *Hochdeutsch* se escreveria: *Ich bin in Itapiranga geboren*, mais uma vez, o particípio passado do verbo está no meio da oração. Outro exemplo de transferência do português para a variedade alemã é a substituição do verbo ser pelo ter para falar sobre a idade, por exemplo: *Ich habe nainzen Jahre* (eu tenho dezenove anos) enquanto que no *Hochdeutsch* fala-se *Ich bin neunzehn Jahre alt* (tradução literal: eu sou dezenove anos velho), já a escrita do número dezenove teve a influência da variedade oral *Deitsch*, que troca o som –eu /ɔy/ pelo som –ei /ai/, aqui, o informante escreveu como ele fala.

Outro aspecto interessante, é a transferência da forma oral para a escrita, os informantes escrevem conforme a pronúncia das palavras e conforme a língua portuguesa, na qual eles têm competência escrita, como por exemplo: *zwai* (dois) para dizer *zwei* (transcrição fonética [tʃvai]), outros exemplos: *tzeichnet* (mostra) para dizer *zeigt* (transcrição [tʃaigt]). É interessante notar que os dois exemplos são do mesmo informante, no primeiro exemplo ele parece ter consciência de

que a pronúncia do z é [ts], provavelmente porque já tenha visto esta palavra escrita em algum momento, no segundo exemplo, porém, ele escreve como se fala, com [tz]. Outros exemplos: *ertzelen* (contar) que na escrita do *Hochdeutsch* se escreve *erzählen* ([ɛʁˈt͡sɛ:lən]); substituir o v, que no alemão tem som de f, pela letra f do português, como em: *füll* (muito) em vez de *viel*, aqui também é possível perceber a generalização do uso da vogal *ü* [y:] no lugar de *ie* [i:], neste caso, os informantes devem ter algum conhecimento da escrita do *Hochdeutsch*. No quadro 8 temos mais alguns exemplos da escrita dos informantes.

Quadro 8 – Exemplos da escrita dos informantes

| Escrita dos Informantes | Escrita <i>Hochdeutsch</i> |
|-------------------------|----------------------------|
| Bin geboa (nasci) | Bin geboren |
| Vond (mora) | Wohnt |
| Mit mier (comigo) | Mit mir |
| Lerer (professor) | Lehrer |
| Mer (mais) | Mehr |
| Venet (senão) | Wenn nicht |
| Nimer (não mais) | Nie mehr |
| Sinn (são) | Sind |
| Chenne (bonito) | Schöne |
| Ton | Tun |
| Sprächen | Sprechen |

Fonte: Dados da pesquisadora (2015)

Também é possível observar a influência da variedade *Deitsch* na escrita, como por exemplo, a troca, na escrita, do – *eu* /ɔy/ por –*ei* /ai/, como em: *eich* (vocês) em vez de *euch*. Um dos informantes escreveu ora *eich* e ora *euch*, isto pode ser em função do contato entre as variedades *Deutsch* e *Deitsch* que tem em Mondaí ou em função do contato com a escrita do *Hochdeutsch*. É preciso lembrar que o informante acima mencionado cresceu em meio à variedade *Deitsch*, e mais tarde mudou-se para a área urbana, onde prevalece a variedade *Deutsch*. O mesmo informante declarou ler em *Hochdeutsch*, de onde a influência pode vir. Outra diferença entre as variedades *Deitsch* e *Deutsch* é que na variedade *Deitsch* fala-se o [a] da variedade *Deutsch* [o], o que também é transferido para a escrita, como o informante fez

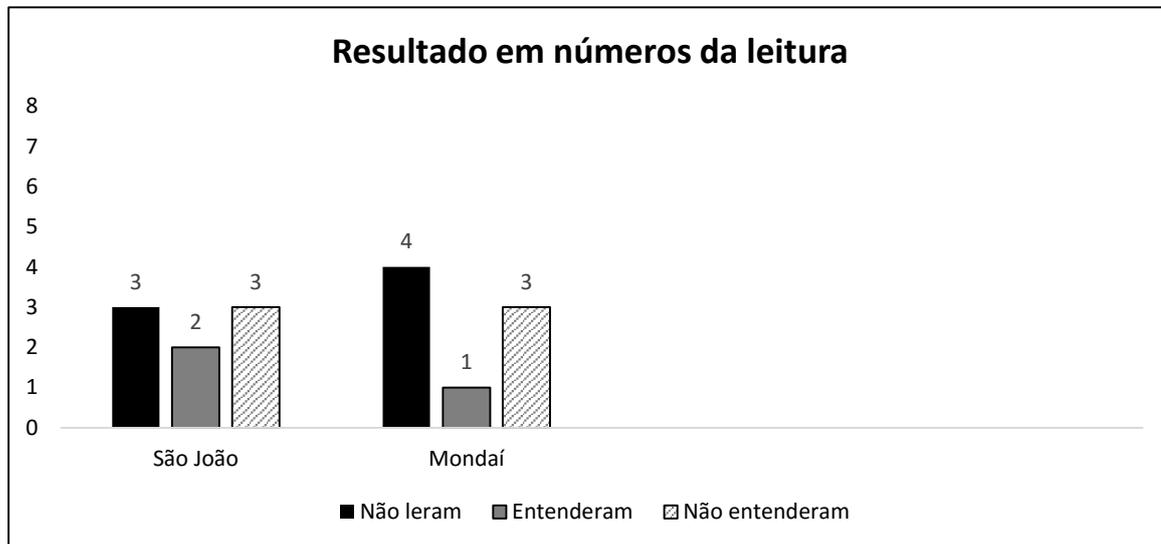
com a conjugação na primeira pessoa do presente do verbo *lassen* (deixar), ele escreveu *losse* (variante do *Deitsch*) e não *lasse* (variante do *Deutsch*).

A influência da forma oral na escrita é muito normal nos casos de línguas minoritárias que não possuem um código escrito. As variedades *Deistch* e *Deutsch* presentes nas comunidades de São João e de Mondai são variedades da língua alemã, que é uma língua oficial e possui um código escrito, desta forma é natural que a escrita dos informantes tenha os traços da língua minoritária e da majoritária (português), visto que são estes os dois códigos com os quais eles estão familiarizados.

5.2.2 Leitura

No que concerne à leitura, os resultados foram parecidos com os da escrita, ou seja, nem todos se disponibilizaram a ler, outros tentaram, mas não conseguiram. Verifiquemos os números no gráfico 4.

Gráfico 4 – Números da Leitura



Fonte: dados da pesquisadora (2015)

Vejam agora quem são esses informantes no quadro 9:

Quadro 9: Comportamento dos informantes em relação à leitura

| | CaGII H | CaGII M | CbGII H | CbGII M | CaGI H | CaGI M | CbGI H | CbGI M |
|-----|----------|--------------|---------|--------------|--------------|---------|--------------|---------|
| SJO | Entendeu | Entendeu | Não leu | Não entendeu | Não entendeu | Não leu | Não entendeu | Não leu |
| MO | Entendeu | Não entendeu | Não leu | Não leu | Não entendeu | Não leu | Não entendeu | Não leu |

Fonte: dados da pesquisadora (2015)

Os representantes masculinos da CaGI de São João e Mondaí não conseguiram ler e entender muito bem o texto, no entanto, eles tiveram mais facilidade com o texto em *Hunsrückisch*, acreditamos que isso tenha acontecido por ambos terem a variedade *Deutsch* como língua materna e por terem pouco contato com a escrita do *Hochdeutsch*. Apesar das dificuldades com a leitura, ambos conseguiram inferir o conteúdo do texto. O informante de SJO declarou que no passado já leu melhor em alemão. O informante de Mondaí apresentou traços do *Hochdeutsch* estudado na escola, como o fato de pronunciar o “r” final das palavras, o que não acontece na fala corrente do *Hochdeutsch*, geralmente é um traço do ensino de alemão nas escolas.

Já as informantes femininas da CaGI de ambas as comunidades, não conseguiram ler o texto nem em *Hochdeutsch* nem em *Hunsrückisch*. A representante de Mondaí disse que conseguia entender um pouco, mas que não conseguia pronunciar as palavras. A informante de São João do Oeste disse não ter entendido nada, não conseguiu deduzir sobre o que era o texto, mas que havia entendido algumas palavras.

Os informantes da CbGI de Mondaí e São João não conseguiram inferir o assunto do texto, o informante de Mondaí, porém, conseguiu ler (falar as palavras), cometeu alguns erros de pronúncia, como trocar o som /f/ representado pela letra [v] pelo som do /v/ do português em palavras que não conhecia, como *vedere*. Já em palavras conhecidas, como *Vater* leu /f/. Já o informante de São João leu muito pouco e leu as palavras conforme a fonética do português.

As informantes da CbGI de Mondaí e São João não quiseram ler o texto, a de São João disse que não consegue e a de Mondaí disse que entendia algumas palavras e que não adiantava tentar ler, pois iria “chutar”.

Os informantes da CaGII das duas comunidades conseguiram inferir o conteúdo do texto. O informante de São João leu parte do texto e conseguiu entendê-lo, além disso teve mais facilidade com o texto em *Hochdeutsch*, não teve problemas com a pronúncia das palavras, já com o texto em *Hunsrückisch* teve dificuldade na pronúncia das palavras. O informante ainda

disse que costuma ler e ouvir canções em alemão. Com o informante de Mondaí já foi o contrário, ele teve mais facilidade com o texto em *Hunsrückisch*. Na leitura em *Hochdeutsch* teve algumas dificuldades fonéticas, como produzir o /r/ final de palavras como *er, der, Vater*, e não produziu o som do /ü/, falando-o como /u/. Na leitura do *Hunsrückisch*, o informante leu a palavra *zweu* /tsvɔy/ *zwei* /tsvai/, fato interessante já que a sua língua materna é a variedade *Deutsch*, a provável explicação para isso pode ser a influência do *Hochdeutsch*, já que o próprio informante disse ler em *Hochdeutsch*.

A informante feminina da CaGII de São João leu parte do texto em *Hunsrückisch* e disse que o entendeu e ainda explicou em alemão o que havia entendido. Ao ler o texto em *Hochdeutsch*, foi possível perceber que este era mais difícil para ela, com o que ela concordou. É interessante mencionar que ao ler em *Hunsrückisch*, a informante leu duas palavras não da forma como estavam escritas, *veteelt, Errebteel*, mas as leu /fɛɣ'tailt/ e /ɛrb'tail/ conforme a fonética do *Hochdeutsch*. Já a informante de Mondaí achou o texto em alemão mais acessível, quanto ao texto em *Hunsrückisch*, disse que o achou feio e difícil. Ainda segundo ela, entendeu alguma coisa da leitura em *Hochdeutsch*, mas que havia palavras que ela não entendia. A respeito da pronúncia das palavras, ela está mais próxima da variedade *Deutsch*.

Tanto o informante masculino da CbGII de Mondaí quanto o de São João não leram os textos, disseram que não conseguem ler em alemão e que não foram alfabetizados nessa língua. O mesmo aconteceu com as informantes femininas de ambas as comunidades, a de São João leu umas duas linhas e não continuou, disse que às vezes lê em alemão e dependendo sobre o que é, consegue entender, já a informante de Mondaí não tentou.

5.2.3 Fala

Como visto no capítulo 3, a alternância de código, *code switching* e *code mixing* são fenômenos comuns entre bilíngues. Segundo Auer (1984, p. 1), o uso alternado de mais de uma língua é uma das características mais notáveis de muitas interações em comunidades bilíngues. Ele é frequentemente menosprezado pelos mesmos falantes que mudam de código no dia a dia, assim como foi menosprezado por linguistas até recentemente. A frequência com que um falante alterna de código pode variar muito num mesmo indivíduo, dependendo do tópico abordado, da pessoa com quem ele fala e da tensão da situação em que ele se encontra (MACKEY, 1972).

Durante a conversa livre e entrevista foi possível perceber a influência da língua portuguesa na língua alemã falada pelos informantes, em alguns em maior grau e em outros em menor grau. Em geral, os informantes da GI foram os que mais apresentaram fenômenos de mudança de código. Frequentemente usavam palavras e frases inteiras do português no meio de declarações em língua alemã. O que mais chamou a atenção é a transferência da ordem frasal do português para a língua alemã, como já constatado na escrita, esta interferência parece se repetir na oralidade.

Outro aspecto perceptível na conversa livre e na entrevista foi que alguns informantes de São João e de Mondaí têm influências de dialetos distintos, já que a pronúncia de algumas palavras é diferente como: *Elder* e *Eltre*, sendo a primeira forma a do informante da CaGI H de São João do Oeste e a segunda a do informante da CaGI H de Mondaí. Em geral, o informante de Mondaí mudou de código com mais frequência que o de São João.

Os informantes masculinos da CaGI de Mondaí e São João fizeram, ambos, uso de *code switching*, usando palavras do português, especialmente para designar palavras relacionadas ao mundo acadêmico, como: faculdade, pós-graduação, vaga, terceira série, creche. Também foram percebidos alguns fenômenos de *code mixing*, como: *municip*, palavra do português integrada à fonética da variedade; *Ross*, que vem do português roça e que também foi integrada à fonética do alemão; *Sacfabrik* que é a junção de saco do português e *Fabrik* do alemão; *mulig*, que vem do português mula, palavra usada pelo informante para dizer que ele foi bobo. No caso de *mulig*, temos um substantivo da língua portuguesa que foi transformado em adjetivo na variedade através da adição do sufixo *-ig*, usado na língua alemã para a formação de adjetivos, configurando, assim, o que os linguistas chamam de palavras híbridas ou *loanblends*.

Já as informantes femininas da CaGI de ambas as comunidades usaram bastante a língua portuguesa durante a entrevista. As informantes da CbGI de São João e Mondaí, no entanto, apresentaram algumas diferenças na competência oral, enquanto a informante de São João usava mais o português, inclusive sentenças inteiras, a de Mondaí usava menos o português, fazia uso de apenas algumas palavras em português, como comércio, aposentado, brasileiro, mas não usou frases inteiras.

Tanto o informante masculino de Mondaí quanto o de São João da CaGII usaram pouco o português ao se comunicarem em alemão, geralmente usavam palavras não conhecidas na língua materna. Na conversa livre, o informante de São João fez o *switch* do alemão para o português quando falou sobre a Coluna Prestes, creio que para ele ficou mais fácil falar sobre um evento histórico e seus ideais na língua em que leu sobre isso. Outro fato interessante é que

a pronúncia do informante e as palavras usadas por ele estão mais próximas da variedade *Deutsch* e não da *Deitsch*, que é a variedade local. Acredita-se que o informante tenha conhecimento das duas variedades e que tenha optado pela variedade *Deutsch* por ser essa a que tem mais prestígio. Já o informante de Mondaí mescla a variedade *Deitsch* e *Deutsch*, sua língua materna é o *Deitsch*, que é falada na comunidade em que cresceu. No centro de Mondaí, no entanto, fala-se uma variedade mais próxima do *Deutsch*, e por saber as duas variedades o informante parece ter optado pela de mais prestígio, que é a variedade *Deutsch*, pois em Mondaí a variedade *Deitsch*, chamada de *Hunsrückisch* por alguns, sofre preconceito dos falantes da variedade *Deutsch*.

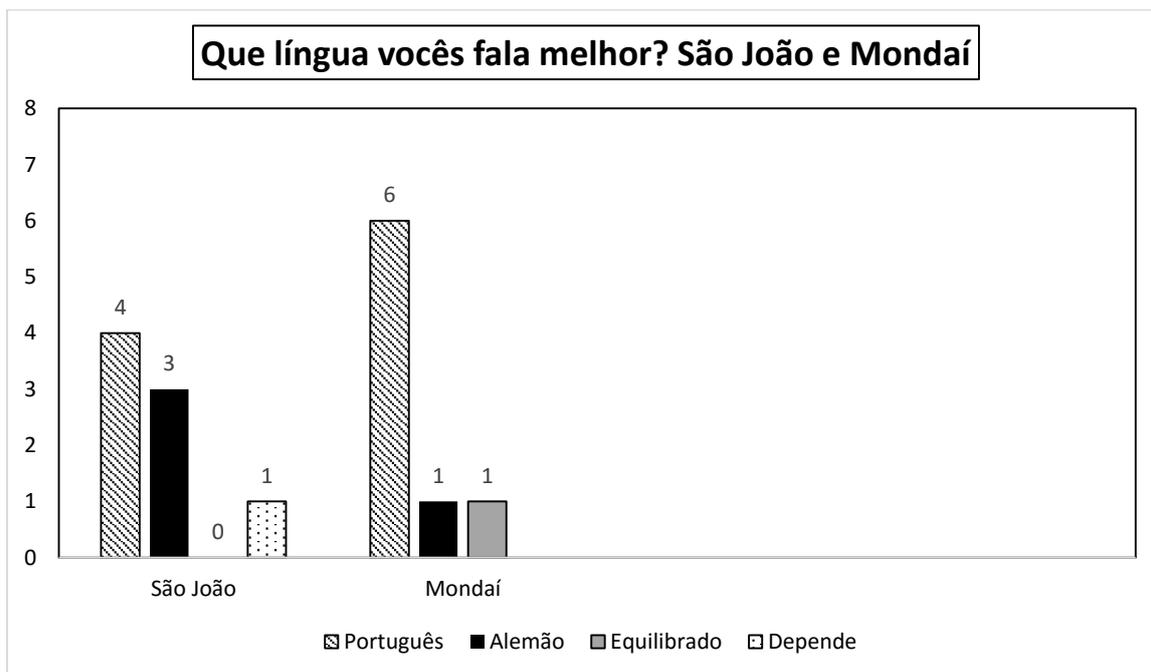
A informante mondaiense da GIICa F comunica-se bem em alemão, mas se percebe a ausência de conectores em sua fala e os *switches* para o português são frequentes, o que deve ser consequência do pouco uso que faz da língua alemã, pois só a usa quando necessário, em casa fala somente o português. A informante de São João fala a variedade *Deitsch* enquanto que a de Mondaí fala a variedade *Deutsch*. Como a informante de Mondaí, ela também fez uso do português, na fala dela, no entanto, foi possível notar a presença de code-mixing no limite da palavra, ou seja, *loanblends*, como nos exemplos a seguir: *separiert*, *pariert*, produções muito comuns na fala dos teuto-brasileiros, que consiste em adicionar o sufixo *-ieren* ao verbo em português e então conjugá-lo conforme o modelo alemão.

O informante masculino da CbGII diz não saber muito português e que, na maioria das vezes, usa o alemão. Apesar disso, foi possível perceber a presença do português em sua fala, ele também usa a mudança de código como estratégia para se comunicar, e acreditamos que, muitas vezes, não se dá conta que faz uso da sua segunda língua. O informante de Mondaí mistura menos palavras do português na sua fala e a mudança de código também não é tão frequente, talvez isso se deva ao fato de ele não ter falado muito, ateu-se a responder as perguntas. Chamou-nos a atenção, porém, o fato de ele usar os números ordinais em alemão, enquanto a maioria dos falantes faz uso deles em português, talvez isso se deva ao fato de ele ter estudado *Hochdeutsch* por três anos na escola. Quanto à variedade falada pelos informantes, o informante de São João fala a variedade *Deitsch* e o de Mondaí a variedade *Deutsch*.

Quando perguntado aos informantes “que língua você fala melhor?” 10 informantes responderam ser o português, 4 o alemão, 1 equilibrado e 1 depende. Dos 10 que disseram falar melhor o português, 6 são de Mondaí (CaGI M, CaGI F, CbGI M, CbGI F, CaGII M, CaGII F) e 4 são de São João (CaGI M, CbGI M, CaGII M, CaGII F). Dos 4 que disseram falar melhor o alemão, 3 são de São João (CbGI M e CbGII M e CbGII F) e 1 de Mondaí (CbGII M). A

informante da CbGII F de Mondaí disse que fala as duas de forma quase igual e o informante da CaGI M de São João disse que depende, que as coisas do trabalho, por exemplo, ele fala melhor em português, e as coisas do dia a dia melhor em alemão. No gráfico 5, temos a síntese das respostas.

Gráfico 5 – Que língua você fala melhor?



Fonte: dados da pesquisadora (2015)

Quando perguntado aos informantes que língua era a mais difícil de aprender, 13 informantes declararam ser o alemão. O informante da CbGI M de São João disse ser o português, para ele a pior disciplina na escola. Já para o informante da CaGII M de Mondaí, ambas foram fáceis e a informante da CbGI F declarou que se alguém fala bem o alemão, aprender o português é mais difícil.

5.2.4 Compreensão auditiva

Durante as entrevistas, foi possível perceber que todos os informantes têm uma boa compreensão auditiva, poucas vezes fez-se necessário traduzir as perguntas para a língua portuguesa, em alguns momentos, porém, os informantes não entendiam alguma palavra pelo

fato da nossa pronúncia ser um pouco diferente da deles, apesar de termos tentado chegar o mais próximo possível da pronúncia da variedade *Deitsch*, muitas vezes alternávamos, sem perceber, para a variedade *Deutsch*. Como exemplo, podemos citar o fato de um dos informantes não ter entendido a palavra *Kirche* (igreja, na pronúncia do *Hochdeutsch*), mas quando repetimos a palavra usando a pronúncia *Keerisch* da variedade *Deitsch*, o informante entendeu-a. Outra palavra que causou estranhamento foi *Unterschied* (diferença), muitas vezes tive que perguntar aos informantes se haviam entendido a palavra e então traduzi-la. Desconfiamos que o estranhamento seja devido ao fato dos informantes da variedade *Deitsch* conhecerem a palavra como *Unnerschied* e não *Unterschied*.

Outras vezes, os informantes tinham dificuldades em entender algumas perguntas, mas não em função da língua e sim da própria pergunta, momento em que eu alternava o código para o português a fim de explicar o sentido da pergunta.

5.2.5 Tradução

A parte fonológica do questionário foi usada para verificar a habilidade de tradução e a pronúncia dos informantes, se é mais *Deutsch* ou mais *Deitsch*. Aos informantes foi pedido que traduzissem 09 palavras e 06 frases, expressões.

Os informantes não apresentaram grandes dificuldades em traduzir o que lhes foi pedido para o alemão e, de forma geral, os informantes usaram a mesma variável para cada item pedido. Abaixo um quadro com as variantes apresentadas para cada item a ser traduzido.

Quadro 10 – Variantes usadas pelos informantes na tradução para o alemão

| Variantes usadas pelos informantes na tradução de palavras e expressões para o alemão | | | | | | | | | | | | | | | | | |
|---|-------------------|---|------|---|-------|---|-------|---|------|--------|------|---|-------|---|-------|---|---|
| SAO JOAO DO OESTE | | | | | | | | | | MONDAI | | | | | | | |
| TERMOS | CaGI | | CbGI | | CaGII | | CbGII | | CaGI | | CbGI | | CaGII | | CbGII | | |
| | M | F | M | F | M | F | M | F | M | F | M | F | M | F | M | F | |
| 1 | Kisse | ☉ | ☉ | ☉ | ☉ | | ☉ | | ☉ | ☉ | ☉ | ☉ | ☉ | ☉ | ☉ | ☉ | ☉ |
| | Kobbkisse | | | | | ☉ | | ☉ | | | | | | | | | |
| | Koberkisse | | | | | | ☉ | | | | | | | | | | |
| 2 | Grin | ☉ | ☉ | ☉ | ☉ | ☉ | ☉ | ☉ | ☉ | ☉ | ☉ | ☉ | ☉ | ☉ | ☉ | ☉ | ☉ |
| 3 | Dungel | | ☉ | ☉ | ☉ | | ☉ | ☉ | | ☉ | | ☉ | | ☉ | | ☉ | |
| | Dunkel | | | | | ☉ | | | ☉ | | ☉ | | | | | | ☉ |
| | Tungel | ☉ | | | | | | | | | | | | | | | |
| 4 | Bodem | ☉ | | ☉ | ☉ | ☉ | ☉ | ☉ | ☉ | ☉ | ☉ | ☉ | ☉ | ☉ | | ☉ | ☉ |
| | Boorem | | ☉ | | | | | | | | | | | | | | |
| 5 | Spassiche Weder | | | | | | | | | ☉ | | | | | | | |
| | Schlecht Weder | ☉ | ☉ | ☉ | ☉ | | ☉ | ☉ | ☉ | | | | | ☉ | ☉ | | |
| | Schlimmer Weder | | | | | | | | | | ☉ | | | | | | |
| | Schlecht Witrum | | | | | | | | | | | ☉ | | | | | |
| | Egliches Weder | | | | | | | | | | | | | | | ☉ | |
| | Schlechtes Weder | | | | | ☉ | | | | | | | | | | | ☉ |
| 6 | Nebel | | ☉ | | | | | | | ☉ | | ☉ | | | | | ☉ |
| | Nevel | ☉ | | ☉ | ☉ | ☉ | ☉ | | ☉ | | ☉ | | ☉ | | | | ☉ |
| | Taun | | | | | | | | | | | ☉ | | | | | |
| | Nevlich | | | | | | | ☉ | | | | | | | | | |
| 7 | De Jung | | | | | | | | | ☉ | ☉ | | | ☉ | | | |
| | De Pup | | | | | ☉ | | | | ☉ | | | | ☉ | | | |
| | Der Kerl | | | | | | | | | | | ☉ | | | | | |
| | Ein Jung | | | | | | | | | | | ☉ | | | | ☉ | |
| | Dieser Jung | | | | | | | | | | | | | | | | ☉ |
| | Jung | | | | ☉ | | | | | | | | | | | | |
| | De Guri | ☉ | ☉ | ☉ | | | | ☉ | | | | | | | | | |
| Der Jung | | | | | ☉ | | | ☉ | | | | | | ☉ | | | |
| 8 | Ein Tass Kaffee | | | | | | | | ☉ | ☉ | ☉ | | | ☉ | | | ☉ |
| | En Tass Kaffee | ☉ | ☉ | ☉ | ☉ | | ☉ | | | | | | | | | | |
| | Eine Koffee | | | | | | | | | | | ☉ | | | | | |
| | En Tässche Kaffee | | | | | | | ☉ | | | | | | | | | |
| | Eine Tass Kaffee | | | | | ☉ | | | | | | | ☉ | ☉ | | | ☉ |
| 9 | Weeder | ☉ | ☉ | ☉ | | ☉ | ☉ | ☉ | ☉ | | ☉ | ☉ | ☉ | | | | |

Como é possível ver no quadro 10, a diferença entre as variantes apresentadas é mais fonológica, lexicalmente falando, as variantes são, em sua maioria, variações de uma mesma palavra. Para o primeiro termo, os informantes de Mondaí usaram todos a mesma variante, *Kisse*, já em SJO três variantes distintas foram usadas: *Kisse*, *Kobbkisse* e *Koberkisse*, sendo *Kobbkisse* a variante do *Hunsrückisch*. Para o segundo termo, todos os informantes usaram a mesma variante. Para o quarto termo, duas variantes foram usadas, sendo *Boorem* a variante do *Hunsrückisch* e *Bodem* a variante do *Hochdeutsch*, somente um informante de SJO usou a variante *Boorem*. Seis variantes foram usadas para traduzir “tempo ruim” e é possível perceber aqui, que os informantes não usaram a declinação requerida no *Hochdeutsch*, *schlechtes Wetter*. Para o termo nevoeiro, quatro variantes foram usadas, sendo *Nevel* e *Nebel* as mais usadas. A variante hunsriqueana *Nevel* foi a mais usada, principalmente em SJO. A variante *Nebel* do *Hochdeutsch* foi usada três vezes em Mondaí e uma só vez em SJO. Para “o rapaz” três variantes se destacaram *de Jung* (*Deustch*), *de Pup* (*Deitsch*) e *de Guri*. A variante *de Jung* foi mencionada três vezes em Mondaí e nenhuma vez em SJO; *de Pup* apareceu duas vezes em Mondaí e uma vez em SJO e a variante *de Guri* apareceu três vezes em SJO e nenhuma vez em Mondaí. Na tradução da frase “uma xícara de café”, foi possível distinguir as variedades *Deitsch* e *Deutsch*. Em SJO a variante mais usada foi *en Tass Kaffee*, sendo *en* a variante do *Hunsrückisch* para *ein* do *Hochdeutsch*, já em Mondaí a variante mais próxima da variedade *Deutsch*, *ein Tass Kaffee*, foi usada quatro vezes. Lembrando que *Tasse* é uma palavra do gênero feminino no *Hochdeutsch* e a forma nominal do artigo indefinido feminino no *Hochdeutsch* é *eine*, mais uma vez percebe-se aqui que na língua falada pelos informantes não há a declinação de gênero. Para o plural de “palavras”, a maioria dos informantes de SJO usou a palavra hunsriqueana (*Deitsch*) *weeder*, em Mondaí ela foi usada quatro vezes, mas destes, dois informantes também mencionaram a variante *Worder*, que foi mencionada por mais três informantes em Mondaí, já em SJO ela foi mencionada apenas uma vez. Duas variantes, no entanto, chamaram-nos a atenção, *Taun* e *Witrum*, estas variantes foram mencionadas por uma única informante, a representante da CbGI F de Mondaí, no *Hochdeutsch* elas correspondem a *Tau* e *Witterung*. Outras variantes que apareceram uma única vez foram *Trepfe* e *raus werfen*, a variante *Trepfe* é encontrada em alguns textos do século XVIII, como nas cartas entre Johann Christian Dieterich e Johann Gottwerth Müller⁴², parece-nos que naquela época a palavra *Trepfe* era uma variante da palavra *Treppe*. A palavra Rua, traduzida como *Strooss* por 5

⁴² Alexander Ritter fez uma pesquisa sobre as correspondências entre Johann C. Dieterich e Johann G. Müller. Disponível em: http://www.goethezeitportal.de/fileadmin/PDF/db/wiss/mueller_itzehoe/ritter_briefe_dieterich.pdf

informantes de SJO e como *Strass* por 5 informantes de MO, deixou nítida a diferença de variedades que existe em SJO e MO.

Em Mondaí, duas informantes tiveram dificuldades em lembrar de alguns itens em alemão. A informante da CaGI não conseguiu traduzir “palavras” para o alemão e a informante da CaGII demorou um pouco para traduzir “chão” e não conseguiu traduzir “nevoeiro” para o alemão, e o informante da CbGI não conseguiu traduzir “travesseiro” e “xícara” para o alemão, mas quando a palavra *Kisse* foi sugerida por nós, ele imediatamente se lembrou dela, mas não reconheceu a palavra *Tasse* para xícara. Em São João do Oeste, todos os informantes conseguiram traduzir todos os itens, dois informantes, porém, traduziram a palavra “o rapaz” como *de guri*, configurando *code mixing*.

Ao prestarmos atenção aos dados acima apresentados, podemos constatar a presença de duas variedades distintas da língua alemã nas duas comunidades. Sendo que, em São João a variedade dominante é a *Deitschi* (mais próxima do *Hunsrückisch*) e em Mondaí a *Deutsch* (mais próxima do *Hochdeutsch*).

5.3 FUNÇÕES PARA AS QUAIS OS INFORMANTES USAM SUAS LÍNGUAS

5.3.1 Onde

Os bilíngues de Mondaí e São João do Oeste interagem tanto com indivíduos monolíngues em português ou alemão, o último caso já mais raro, quanto com outros indivíduos bilíngues e, desta forma, eles precisam adaptar o seu comportamento linguístico de acordo com o interlocutor. É preciso ter em mente também, que os bilíngues geralmente adquirem e usam suas línguas por razões diferentes, nos diferentes domínios da vida e com pessoas diferentes (GROSJEAN, 2004). Nesse sentido, o nível de fluência, competência de um indivíduo bilíngue depende em muito da necessidade e do uso das línguas, além disso, o repertório linguístico dos bilíngues pode mudar com o passar do tempo. Segundo Romaine (2004),

as escolhas feitas por indivíduos em uma variedade de situações podem ser institucionalizadas no nível social em comunidades onde o bilinguismo é difundido. Frequentemente cada língua ou variedade numa comunidade multilíngue serve a uma

função especializada e é usada para propósitos específicos. (ROMAINE, 2004, p. 393).⁴³

Pensando no que foi mencionado acima e na função para as quais os bilíngues das duas comunidades estudadas usam as suas línguas, foi feita a eles a seguinte pergunta “Que línguas você fala nas seguintes ocasiões no seu município: no correio, no supermercado, nas lojas, no sindicato, no restaurante, na prefeitura, no posto de saúde, com o padre ou pastor, nas festas e nos bailes, no posto de gasolina e no trabalho?” Esta pergunta tem a ver com as funções externas (MACKEY, 1972) do uso de ambas as línguas. Segundo o autor, as funções externas são determinadas pelo número de áreas de contato e pela variação, frequência e pressão que essas áreas sofrem. Os contatos linguísticos de um indivíduo podem ocorrer com as línguas faladas em casa, na comunidade, na escola, nos meios de comunicação em massa e correspondência (e-mail, chats, mídia social).

Os números referentes à questão acima mencionada são os que seguem:

No correio – em São João, quatro (4) informantes disseram falar português neste estabelecimento, sendo os representantes da GICaF, GICbF, GIICaM e GIICaF; dois (2) disseram usar a língua alemã, correspondendo aos representantes da GICbM e da GIICbF e dois (2) disseram depender da presença de falantes de alemão neste local, correspondendo a dois informantes, sendo o representante da GICaM e o da GIICbM. Em Mondaí os números são diferentes, os oito (8) informantes disseram usar a língua portuguesa neste local.

No supermercado - em São João do Oeste, quatro (4) informantes disseram usar a língua alemã no supermercado, sendo os representantes da GICaM, GICbM, GICbF e GIICbF e quatro (4) (GICa F, GIICa M, GIICa F, GIICb M) responderam que usam ambas, dependendo das pessoas que lá trabalham. Em Mondaí, três informantes disseram falar português, GICaF, GIICaM e GIICaF, e cinco (5) (GICa M, GICb M, GICb F, GIICb M, GIICb F) responderam que depende, esse depende inclui mercado e pessoas que trabalha no mercado e se elas falam alemão ou não.

Nas Lojas - três dos informantes de São João usam a língua alemã nas lojas (GICaM, GICbM, GIICbF), quatro (4) responderam que depende (GICaF, GIICaM, GIICaF, GIICbM), e um (1) (GICb F) respondeu que usa ambas. Em Mondaí três (3) dos informantes disseram usar o português (GICaF, GIICaF, GIICbF), quatro (4) disseram que usam o alemão dependendo da loja e de alguém lá falar a língua (GICaM, GICbF, GIICaM, e GIICbF), um (1) disse usar o alemão às vezes (GICbM).

⁴³ Romaine (2004) The choices made by individuals in a variety of situations may become institutionalized at the societal level in communities where bilingualism is widespread. Often each language or variety in a multilingual community serves a specialized function and is used for particular purposes.

No sindicato - dos informantes de São João, dois (2) informantes usam o alemão no sindicato (GICaM, GIICbM), UM (1) usa o português (GICaF), UM (1) (GIICa m) usa ambas as línguas e quatro (4) (GIICb F, GIICa F, GICb M, GICb F) dos informantes disseram não frequentar o sindicato. Em Mondaí, quatro informantes disseram usar o português (GICaF, GIICaM, GIICaF, GICbM), três (3) disseram não frequentar o estabelecimento (GICaM, GIICbM, GIICbF) e um (1) usa o alemão (GICbF).

No restaurante - em São João há um restaurante cujo proprietário não fala alemão, desta forma, 4 informantes responderam que usam o alemão dependendo do restaurante a que vão (GICbM, GIICaF, GIICbM, GIICbF), um (1) disse usar ambas (GIICaM), dois usam o português (GICaF, GICbF) e um só não usa o alemão quando há alguém que não o entende. Em Mondaí, 7 dos informantes usam o português (GICaF, GICbM, GICbF, GIICaM, GIICaF, GIICbM, GIICbF) e um respondeu que depende de quem atende (GICaM).

Na prefeitura - em São João, cinco informantes disseram falar ambas as línguas, dependendo do interlocutor e da situação, se formal ou informal (GICaM, GICaF, GICbF, GIICaM, GIICbM), dois usam a língua alemã (GIICbF, GICbM) e um usa o português (GIICaF). Em Mondaí, seis dos entrevistados disseram falar português na prefeitura (GICaF, GICbM, GICbF, GIICaM, GIICaF, GIICbF) e dois responderam que depende (GICaM, GIICbM).

No posto de saúde - em São João, quatro dos informantes falam alemão no posto de saúde (GICaM, GICbF, GIICaM, GIICbF), três usam o português (GICaF, GICbM, GIICaF) e um disse que depende (GIICbM). Em Mondaí, sete informantes disseram usar o português (GICaM, GICaF, GICbM, GICbF, GIICaM, GIICaF, GIICbF) e um respondeu que depende (GIICbM).

Com o padre - cinco dos informantes de São João disseram falar alemão com o padre (GICaM, GICbM, GICbF, GIICbM, GIICbF); um disse falar português (GICaF) e dois disseram falar ambas (GIICaM, GIICaF). Em Mondaí, dois dos informantes disseram falar ambas as línguas (GICaF, GIICbF); dois responderam que falam alemão se o padre ou o pastor também o falam (GIICaF, GIICbM); dois usam o alemão (GICbF, GICbM) e dois usam o português (GICaM, GIICaM).

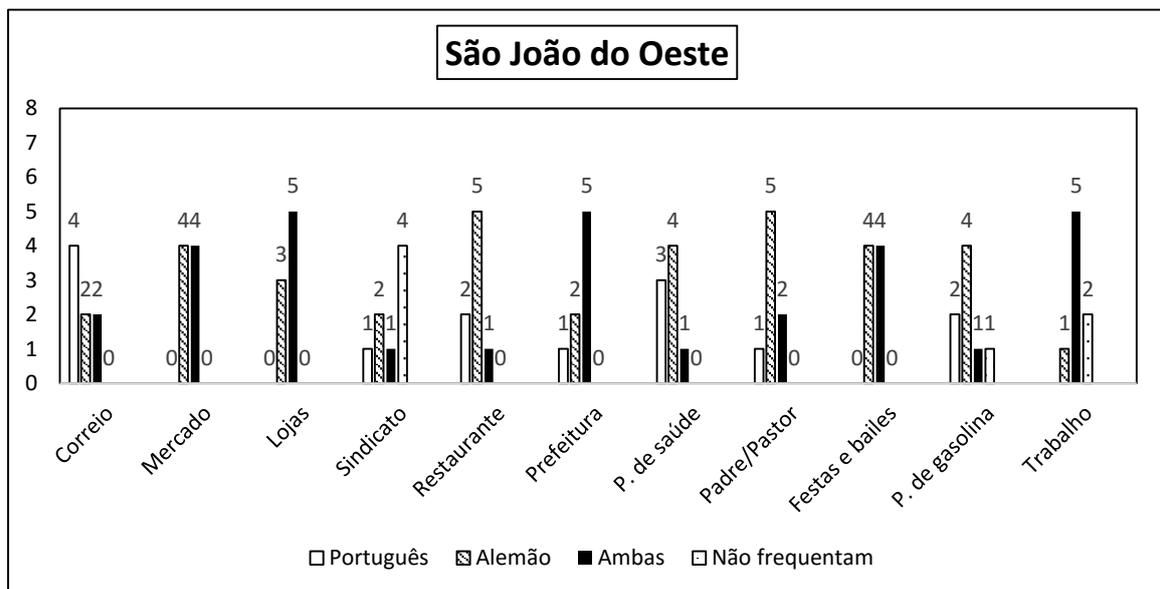
Nas festas e bailes - quatro dos informantes de São João usam o alemão (GICaM, GICbM, GIICbM, GIICbF) e os outros quatro usam ambas as línguas, em maior ou menor grau, dependendo da situação. Em Mondaí, quatro dos informantes responderam que depende do interlocutor e que sempre acontece alguma conversa (GICaM, GICbF, GIICaM, GIICaF), um disse que fala alemão (GIICbM), dois disseram falar português (GIICbF, GICaF) e resposta não entendida uma (GICbM).

No posto de gasolina - quatro dos informantes de São João usam a língua alemã no posto de gasolina (GICaM, GICbM, GICbF, GIICbM), dois usam o português (GICaF, GIICaF), um usa ambas (GIICaM) e um disse não ir ao posto de gasolina (GIICbF). Em Mondaí, seis dos informantes falam português no posto de gasolina (GICaM, GICaF, GICbM, GICbF, GIICaM, GIICaF), um disse usar alemão num posto de gasolina específico (GIICbM) e um disse não ir ao posto de gasolina (GIICbF).

No trabalho - Em São João, cinco informantes disseram usar as duas línguas no ambiente de trabalho (GICaM, GICaF, GICbF, GIICaM, GIICaF), um usa o alemão (GICbM) e dois não trabalham. Em Mondaí, dois dos informantes usam ambas as línguas no ambiente de trabalho (GICaM, GICbM), dois usam a língua alemã, sendo que uma das informantes é agricultora e fala alemão com os sogros (GICaF e GICbF) e dois falam português (GIICaM, GIICaF) e dois não trabalham.

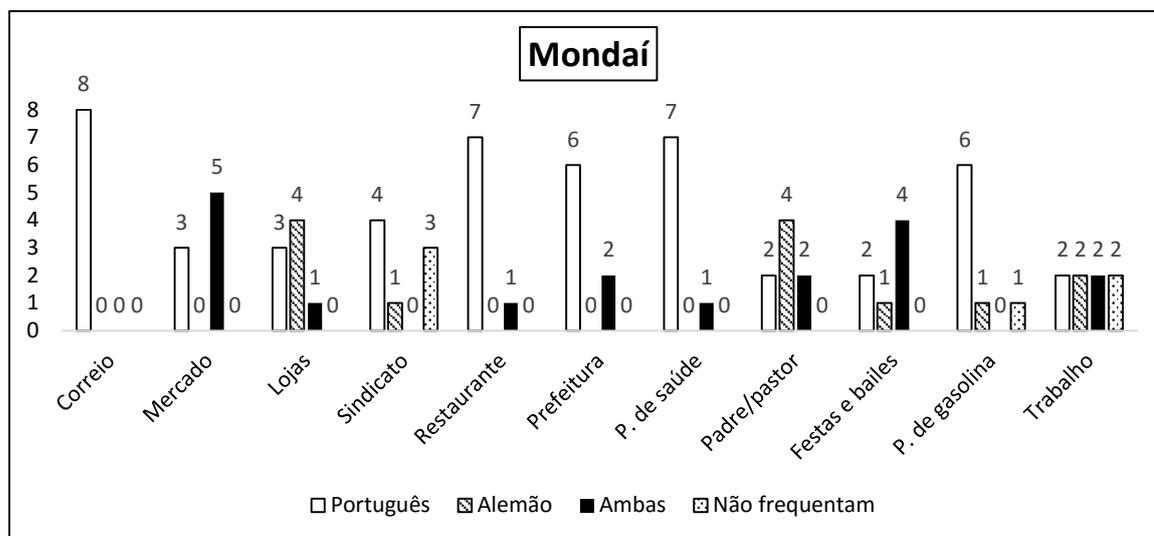
Para visualizar melhor, colocamos os dados adquiridos nos gráficos abaixo:

Gráfico 6 – Onde os informantes usam as suas línguas em São João



Fonte: dados da pesquisadora (2015)

Gráfico 7 – onde os informantes usam as suas línguas em Mondaí



Fonte: dados da pesquisadora (2015)

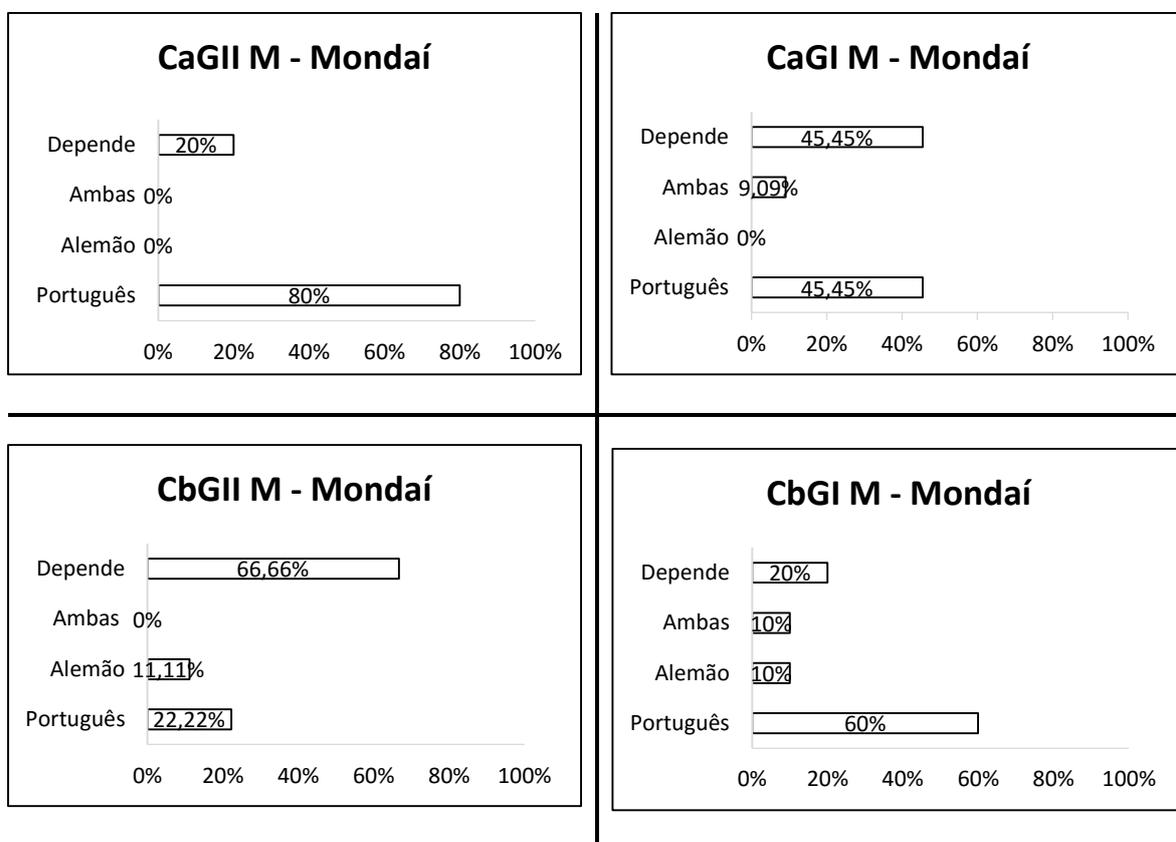
A partir dos gráficos 6 e 7, é possível perceber que São João possibilita um maior número de áreas de contato do que Mondaí. No correio, por exemplo, a diferença entre as duas cidades é bastante grande, enquanto que em Mondaí 100% das pessoas usam a língua portuguesa no correio, em São João apenas 50% usam o português, 25% usam o alemão e os outros 25% usam ambas as línguas. Isso é possível, porque em São João há um funcionário no correio que fala a língua alemã, o que já não acontece em Mondaí. Outro aspecto interessante observável no gráfico é que, em alguns lugares, o uso do alemão em São João ultrapassa o da língua portuguesa, enquanto que em Mondaí acontece o contrário, o uso da língua portuguesa ultrapassa o do alemão, na verdade, o gráfico de Mondaí mostra a hegemonia da língua portuguesa. Outro aspecto interessante é que, na maioria dos lugares em São João, é possível usar ambas as línguas, pois sempre há alguém que fala ambas. De acordo com os informantes, no banco há um atendente de caixa que fala a variedade e que atende, especialmente, aos falantes de alemão que não conhecem muito bem a língua portuguesa. Ainda segundo os informantes, na cidade há dois restaurantes, um cujo proprietário fala alemão e outro cujo proprietário não fala alemão, desta forma, os informantes dizem adequar o seu comportamento linguístico ao ambiente.

Para entender essa diferença entre as duas comunidades, é preciso levar em conta que as duas cidades têm um histórico de colonização diferente. São João foi colonizada somente por alemães descendentes e imigrantes católicos, e Mondaí deveria ter sido colonizada por

alemães luteranos, o que não deu muito certo, tanto que a cidade hoje possui várias crenças religiosas, enquanto que em SJO 95% da população é de credo católico. Outro aspecto diferencial é a extensão territorial, Mondaí possui uma área de 200. 98 Km² e uma população de 11034 habitantes, enquanto SJO possui uma área de 163,65Km² e uma população de 6235 habitantes.

Vejamos agora os números nas diferentes dimensões em forma de cruz.

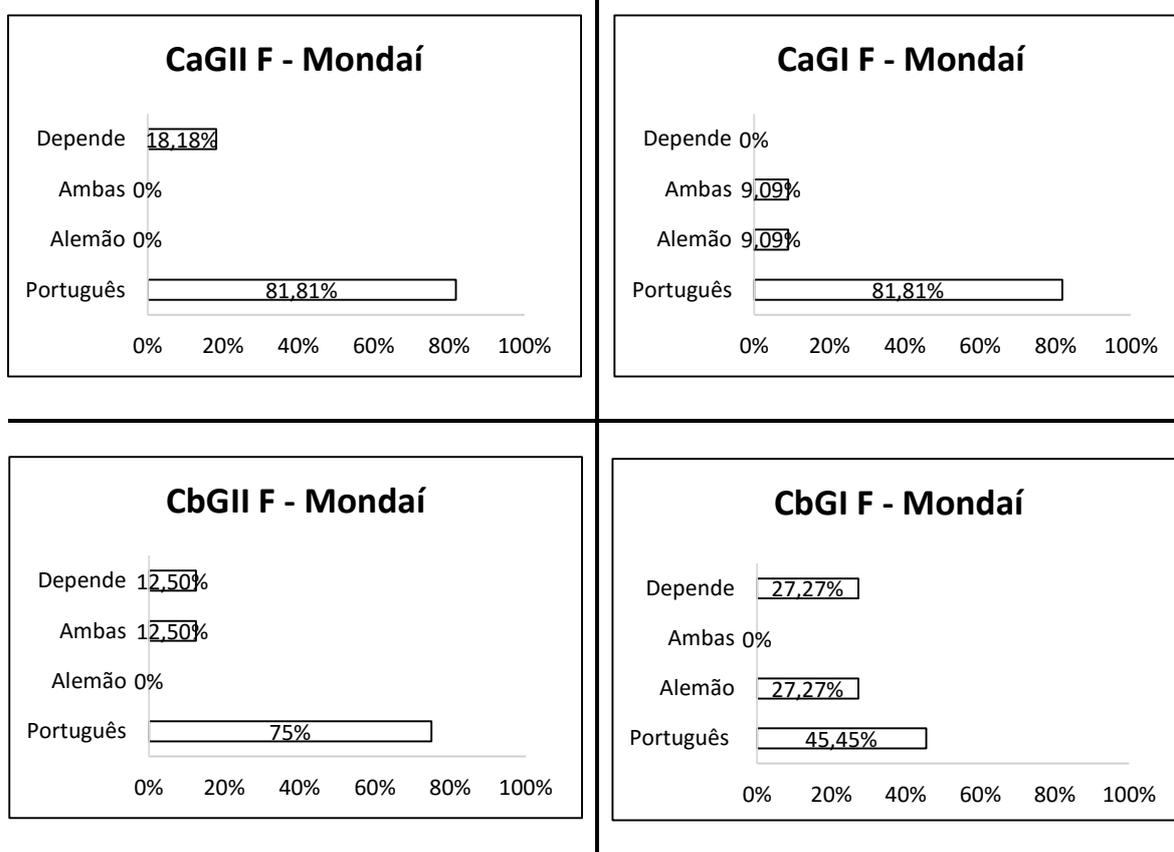
Quadro 11 – Uso das línguas dos informantes masculinos de Mondaí em diferentes lugares



Fonte: dados da pesquisadora (2015)

Através do quadro 11, podemos ver que o informante masculino da CaGII de Mondaí usa mais a língua de prestígio do que os outros e que, os informantes que mais usam a língua alemã são os representantes da CbGII M e da CbGI M. Vejamos agora, no quadro 12, como é esse comportamento entre as mulheres:

Quadro 12 - uso das línguas dos informantes femininos de Mondaí em diferentes lugares

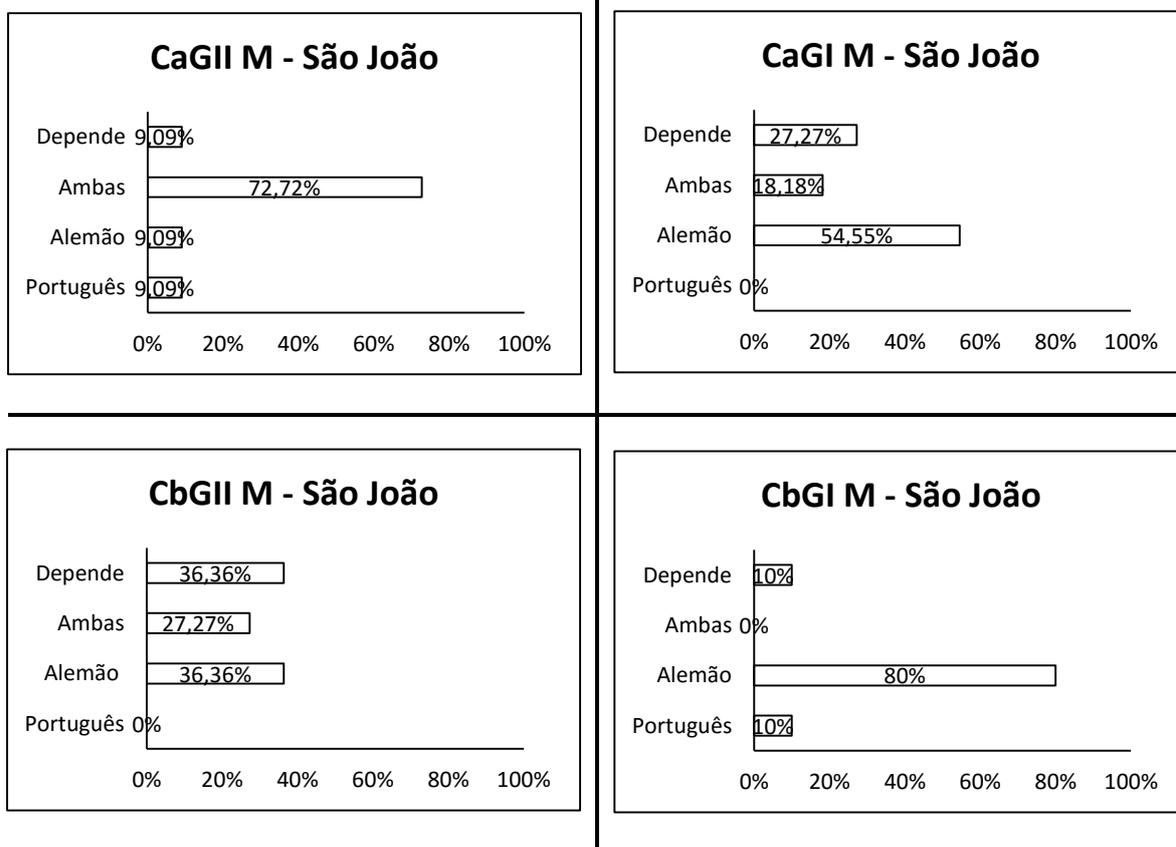


Fonte: dados da pesquisadora (2015)

Entre as mulheres, foi possível observar que as representantes da Ca usam muito mais a língua majoritária do que as da Cb. Entre os representantes da Ca tanto os homens quanto as mulheres usam mais a língua de prestígio. Já na Cb há um equilíbrio maior entre o uso das línguas, apesar da porcentagem do uso único da língua alemã ser parecida com a da Ca, os números são maiores no uso de ambas as línguas e quando depende do interlocutor. Entre as gerações, a GI parece usar mais a língua alemã do que a GII. Tanto o representante masculino quanto a feminina da CaGII usam mais a língua portuguesa do que a língua alemã. O primeiro usa a língua portuguesa em 80% das ocasiões e a segunda em 81,81% das ocasiões.

Vejamos agora, nos quadros 13 e 14, essa dinâmica em São João:

Quadro 13 - uso das línguas dos informantes masculinos de São João em diferentes lugares

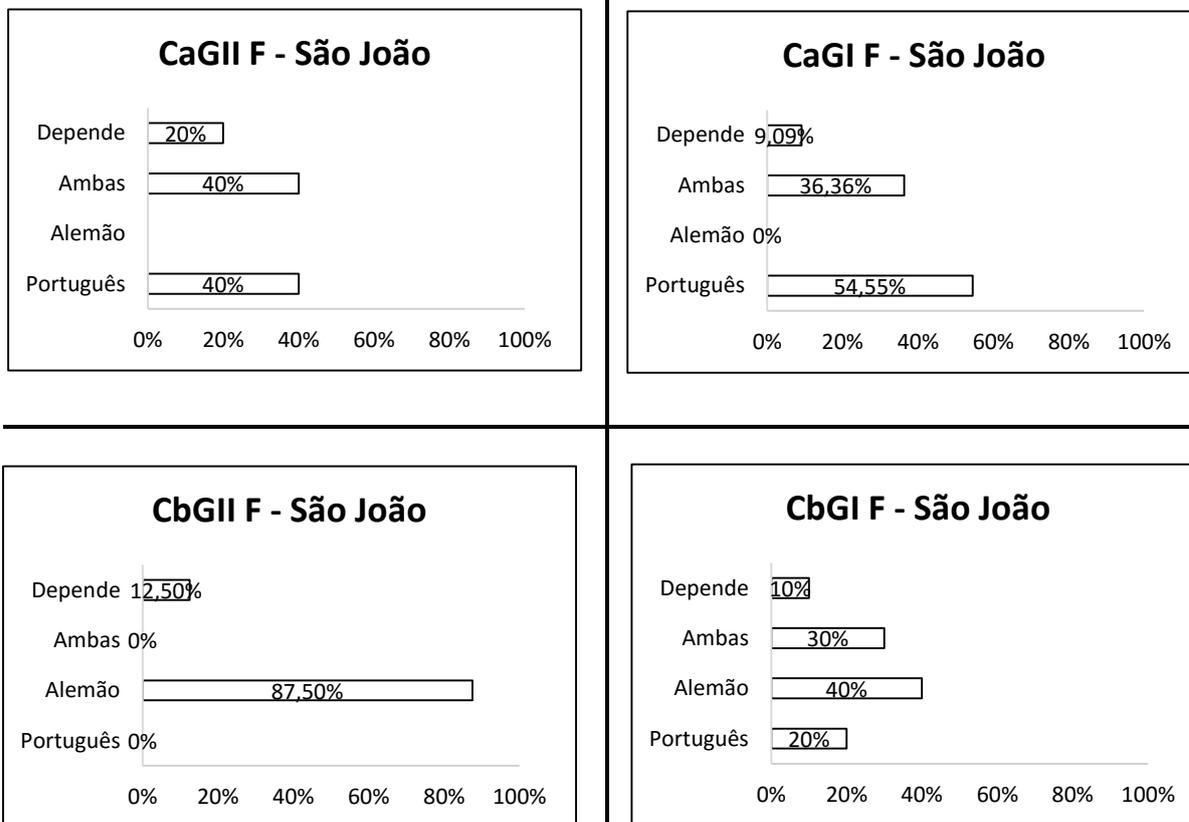


Fonte: dados da pesquisadora (2015)

Através do quadro 13, podemos ver que os informantes masculinos da Cb usam a língua minoritária em mais lugares do que os da Ca, mas se comparado a Mondáí, os representantes da Ca de São João usam mais o alemão do que os daquela cidade. Outro fato interessante, é que os informantes da GI, tanto da Ca quanto da Cb, usam mais a língua alemã do que os representantes da GII. Além disso, os números para o uso único da língua portuguesa em São João são baixos, se comparados a Mondáí.

Vejamos agora, no quadro 14, os números entre as mulheres:

Quadro 14 - uso das línguas dos informantes femininos de São João em diferentes lugares



Fonte: dados coletados pela pesquisadora (2015)

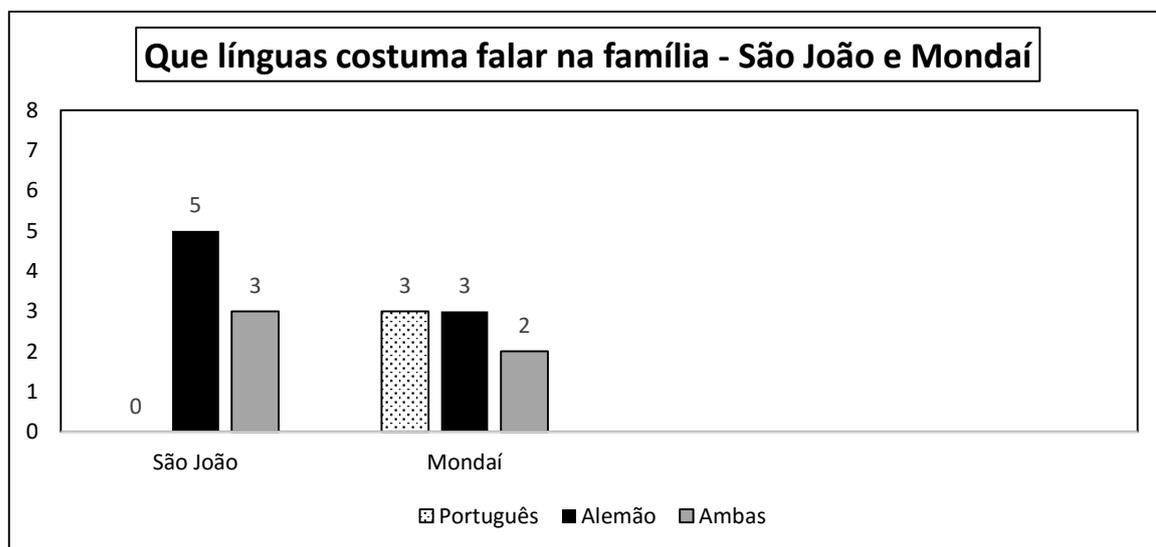
Mais uma vez é possível constatar que as mulheres têm preferência pela língua majoritária. As representantes da Ca, de ambas as gerações, fazem mais uso da língua portuguesa do que as da Cb. Já nas classes baixas os números entre homens e mulheres são equilibrados, tanto o representante masculino quanto a feminina da GII dizem não usar unicamente o português em lugar algum.

5.3.2 Com quem

A família ainda parece ser o reduto da língua alemã, dentre os dezesseis entrevistados, treze (81,25%) ainda falam alemão em casa, uns mais, outros menos, mas sempre há alguém na família com quem se fala alemão. Destes 13, cinco (5) são de Mondai e oito (8) são de São João. Interessante notar que, em São João, todos os informantes disseram ainda falar a língua alemã em casa, destes, 3 declararam também falar português. Já em Mondai esses números são

diferentes, 3 informantes declararam falar português em casa, 3 revelaram ainda falar alemão em casa e 2 declararam falar ambas as línguas em casa.

Gráfico 8 – Que línguas costuma falar na família



Fonte: dados da pesquisadora (2015)

Através dos dados, é possível perceber que a maioria das vezes a escolha de falar uma língua ou outra está ligada a um membro específico da família, geralmente porque este membro fala melhor uma língua do que a outra ou porque não fala uma delas. Quando se trata do alemão, essa ligação é com os pais ou avós, mas é com os mais jovens quando se trata do português. Um exemplo disso é a representante feminina da CaGI de Mondaí:

Entrevistadora: *Was fo Sprach sprichst du der mehrste in die Familie? CaGIF: Zu Haus mit Papa und die Mama und mein Eltre immer Deutsch.*⁴⁴

Segundo a informante acima, a mãe dela não fala muito bem o português, por isso fala-se o alemão em casa. Já o representante da CbGI M de Mondaí declarou que na família falam português em função do irmão mais novo, que não fala alemão. Como é possível ver no trecho da entrevista abaixo:

Entrevistadora: *Was fo Sprach sprichst du mehr in die Familie? CbGI M: Portugiesisch. Entrevistadora: Und mit deiner Mama und Papa, Portugiesisch oder*

⁴⁴ Trad.: **Entrevistadora:** Que línguas costuma falar na família? **GICa M:** Em casa com o pai e a mãe e meus pais sempre Alemão.

*Deutsch? CbGI M: Weche mein Bruder, de kann nicht richtig, das, de Deutsch spreche. Entrevistadora: Und wie alt ist er? CbGI M: Er is 15 Jahr. Entrevistadora: Und dann hat er kein Deutsch gelernt? CbGI M: Ne.*⁴⁵

As declarações acima confirmam que as gerações mais velhas têm um papel importante na manutenção da língua minoritária, fazendo com que as gerações mais novas ainda se interessem em aprender ou falar a língua em função deles. Já o contrário pode acontecer quando os mais jovens não querem ou não aprenderam a falar a língua minoritária, a família deixa de falá-la em função deles, como é possível perceber nas declarações do informante da CbGI M de Mondaí.

⁴⁵ **Trad.: Entrevistadora:** Que língua você mais fala na família? **CbGI H:** Portuguesisch. **Entrevistadora:** E com sua mãe e pai, português ou alemão? **CbGI H:** Por causa do meu irmão, ele não consegu falar direito o alemão. **Entrevistadora:** E qual é a idade dele? **CbGI H:** Ele tem 15 anos. **Entrevistadora:** Então ele não aprendeu alemão? **CbGI H:** Não

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este capítulo visa estabelecer conclusões a respeito do trabalho desenvolvido nesta dissertação. Esta pesquisa procurou, através dos dados coletados e das leituras feitas, descrever aspectos do bilinguismo alemão-português nas cidades de Mondaí e São João do Oeste. A fim de alcançar tal meta, registrou-se a impressão dos informantes sobre a sua condição bilíngue e inferiu-se os tipos de bilíngues; investigou-se o grau de bilinguismo dos informantes, prestando atenção às quatro habilidades; e averiguou-se, ainda, para que funções os informantes usam suas duas línguas. Os resultados alcançados estão expostos a seguir.

1)

- a) Impressão dos informantes sobre a sua condição bilíngue – uma das nossas hipóteses para este objetivo era que os informantes fossem negar a sua condição bilíngue, mas fomos surpreendidos positivamente pela resposta dos informantes. Os 16 informantes declararam-se bilíngues alemão-português, destes, 3 titubearam antes de responder à pergunta afirmativamente, deixando transparecer a ideia do bilíngue perfeito, aquele que domina igualmente duas línguas. Ao contrário do que pensamos, não houve diferença de opinião entre Ca e Cb.
- b) Tipos de bilíngues – Os 8 informantes de São João declararam ter aprendido primeiro a língua alemã e depois o português. Em Mondaí, tivemos uma exceção, a representante da CaGII declarou ter aprendido primeiro o português e depois o alemão. Esses números, porém, mudaram um pouco após os informantes responderem à pergunta “como aprendeu português?” Através desta pergunta foi possível inferir que muitos dos informantes eram bilíngues simultâneos, ou seja, aprenderam as duas línguas entre 0 e 5 anos. Vamos então à **dimensão diatópica**, como previsto, não houve diferença significativa nos tipos de bilíngues nas duas comunidades. Tanto em SJO quanto em MO, pudemos constatar que 5 dos informantes realmente aprenderam português na escola, enquanto que 3 já haviam tido um contato prévio com o português e, conseqüentemente, um conhecimento prévio de português antes da entrada para a escola. Muitos dos informantes que responderam ter tido um contato prévio com o português, disseram que ele aconteceu através dos irmãos mais velhos que já falavam português, dos pais, dos vizinhos ou da ida ao jardim de infância. Como previsto, a **dimensão diastrática** não exerceu influência sobre os tipos de bilíngue e, ao que parece, nem mesmo a área em que os informantes cresceram, pois alguns deles, apesar de terem crescido no interior, tiveram um contato prévio com a língua majoritária. Ao que nos

parece, as escolhas linguísticas das pessoas que cercam os falantes são o fator determinante. No que concerne à **dimensão diageracional**, constatamos que 7 dos 9 bilíngues consecutivos pertencem à GII (7 dos 8 informantes da GII são bilíngues consecutivos) e 2 à GI, confirmando a nossa hipótese de que a GII seria de bilíngues consecutivos. Já na GI, 6 dos 8 informantes são bilíngues simultâneos e 2 são bilíngues consecutivos. Esses números deixam claro que as áreas de contato entre português e alemão aumentam ano após ano e que a língua minoritária está perdendo espaço para a língua majoritária. Quanto à **dimensão diassexual**, confirmamos a nossa hipótese de que o gênero não exerce influência nos tipos de bilíngues e sim, como já dito anteriormente, o ambiente e as escolhas linguísticas feitas pelas pessoas que cercam as crianças no período de aquisição da linguagem.

2)

- a) Grau de bilinguismo dos informantes – a fim de conseguirmos investigar o grau de bilinguismo dos informantes, testamos as quatro competências linguísticas dos informantes, a saber: fala, compreensão auditiva, escrita, leitura e tradução. Quanto à **fala**, foi possível perceber que alguns informantes possuem dialetos distintos, principalmente no que concerne à pronúncia. Em geral, nenhum dos informantes teve dificuldades em se comunicar em alemão, alguns, porém, fizeram mais uso da língua portuguesa do que outros. Na **dimensão diageracional**, conforme previsto, os informantes da GI alternaram de código com mais frequência do que os da GII, aqueles também fazem mais uso de fenômenos de *code mixing*. Quanto à hipótese de alguns informantes da GI possuírem competência passiva, ela não aconteceu. Mas foi possível perceber que alguns informantes da GI tinham mais dificuldade em se expressar em língua alemã. Percebeu-se ainda que as mudanças de código são inerentes aos informantes, a maioria das vezes eles não se dão conta que fazem o *switch* de uma língua para a outra. Na **dimensão diassexual**, confirmamos a nossa hipótese de que as mulheres tendem a usar mais a língua de prestígio. Em geral, as mulheres fizeram mais uso da língua portuguesa do que os homens. Quanto à **dimensão diastrática**, confirmamos a nossa hipótese de que a Ca está mais inclinada a usar a língua de prestígio, mas isso parece ser verdade somente para as mulheres da Ca e não para os homens, pois estes usaram bem menos a língua majoritária durante a entrevista e esforçaram-se em usar somente a língua minoritária.

- b) No que concerne à **competência auditiva**, não foi possível perceber diferenças entre as dimensões. Na **dimensão diatópica**, no entanto, percebemos uma certa dificuldade dos informantes de São João em entenderem certas expressões usadas por nós. Acreditamos que isso possa ter acontecido devido a diferenças entre a nossa pronúncia e a dos entrevistados. Após analisar os dados, porém, concluímos que essa diferença não se resume à dimensão diatópica e sim às variedades *Deitsch* e *Deutsch* que têm falantes tanto em SJO quanto em MO. Nesse sentido, os falantes da variedade *Deitsch* tiveram alguma dificuldade em entender certas expressões da variedade *Deutsch* (falada pela entrevistadora).
- c) Na **escrita**, como havíamos previsto, a competência dos informantes é limitada. Somente 7 informantes aceitaram a tarefa de escrever algo em alemão. No que concerne à **dimensão diageracional**, como previsto em nossas hipóteses, a GII foi a que se sobressaiu na competência escrita, 4 dos informantes que escreveram pertencem à GII e 3 à GI. Como previsto por nós, a **dimensão diastrática** foi outro fator determinante na competência escrita. 5 dos informantes que possuem certa habilidade na escrita pertencem à Ca e somente 2 à Cb.
- d) Como previsto, no que concerne à **leitura**, a maioria dos informantes não tem a habilidade da leitura em alemão, alguns, no entanto, conseguiram inferir o conteúdo do texto. Dos 16 informantes entrevistados, 7 não quiseram ler o texto, 6 não o entenderam e 3 entenderam-no. Na **dimensão diatópica** assim como na **diassexual** não percebemos diferenças significativas. Na **dimensão diageracional** e na **dimensão diastrática**, no entanto, confirmamos as nossas hipóteses de que a GII e a Ca possuíssem alguma competência na leitura. Os três informantes a entender o texto foram: CaGII M (SJO), CaGII M (MO) e CaGII F (SJO), todos pertencentes à GII e à Ca. Pode-se concluir, então, que a habilidade de leitura se limita a célula GIICa. Vale mencionar ainda que o texto em *Hunsrückisch* foi mais acessível aos falantes *Deitsch* do que para os falantes *Deutsch*.
- e) No que diz respeito à **compreensão auditiva**, parece-nos que os informantes não tiveram maiores problemas para entender o que lhes era perguntado. Por vezes, surgiam algumas dificuldades devido às diferenças dialetais entre entrevistador e entrevistado.
- f) Na parte da **tradução**, os informantes não apresentaram dificuldades em traduzir para o alemão o que lhes era pedido. No entanto, apareceram várias variantes para uma mesma palavra, o que mostra a influência dos vários dialetos na formação da língua

local. Foram percebidas diferenças fonológicas como: *Strass (Deutsch)/Strooss(Deitsch); Nebel (Deutsch)/Näwel(Deitsch)*. O exercício de tradução, além da entrevista, ajudou-nos a reconhecer a presença das variedades *Deitsch* e *Deutsch* nas comunidades de SJO e MO.

3)

- a) Funções para as quais os informantes usam suas línguas – através dos dados foi possível constatar que na **dimensão diatópica** os informantes de São João têm a sua disposição mais áreas de contato que os de Mondaí, ou seja, eles podem usar as suas duas línguas praticamente em qualquer lugar em seu município, inclusive no Banco e no correio, pois há pessoas nesses locais que falam o alemão. A realidade de Mondaí já é diferente, há lugares na cidade em que se fala somente a língua majoritária.
- b) No que diz respeito à **dimensão diastrática**, confirmamos a nossa hipótese de que os informantes da Cb usariam a língua minoritária em mais ocasiões, isso, porém, não significa que a Ca não use a língua minoritária, eles apenas parecem ter bem definido quando usar uma língua ou outra, em lugares públicos com pessoas menos próximas a escolha recai sempre sobre a língua majoritária.
- c) Quanto à **dimensão diageracional**, a nossa hipótese era de que a GII usasse mais a língua minoritária do que a GI, mas os dados nos provaram errados. Em Mondaí, a célula que mais faz uso da língua portuguesa é a CaGII feminina e masculina e a célula CaGI masculina. Entre as outras células os números são mais equilibrados, parece-nos que o fator determinante na escolha de uma língua ou outra está na classe social dos falantes.
- d) Na **dimensão diassexual** os informantes masculinos de Mondaí que mais usam a língua minoritária são os pertencentes à Cb. Já entre as mulheres a língua mais usada é a majoritária, percebe-se, porém, um equilíbrio maior entre o uso das línguas na Cb. Em São João, também pudemos constatar que entre os informantes masculinos os que mais usam a língua minoritária são os da Cb e entre os informantes masculinos da GI e da GII os que mais usam a língua minoritária são os da GI, o que nos causou uma certa surpresa. No que diz respeito às mulheres de São João, mais uma vez foi possível constatar que elas assim como a Ca são as precursoras da mudança linguística. Tanto a representante da GII quanto a da GI da Ca fazem mais uso da língua portuguesa. Já na Cb os números entre homens e mulheres são mais equilibrados.

- e) No que tange a **com quem** os informantes usam suas duas línguas, a família ainda parece ser o reduto da língua alemã. Oito dos entrevistados ainda falam a língua alemã em casa, destes, 3 são do município de Mondaí e 5 de São João. Dos informantes de São João, os 8 disseram ainda falar a língua alemã em casa e destes, 3 declararam também falar português. Já em Mondaí, esses números são diferentes, 3 dos informantes declararam falar português em casa, 2 revelaram ainda falar alemão em casa e 3 declararam falar ambas as línguas em casa.
- f) Já o **quando** os informantes falam uma língua ou outra parece estar ligado ao ambiente, mais formal e menos formal. Em ambientes menos formais, a língua usada parece ser o alemão. Segundo o informante da CaGI de São João, em seu ambiente de trabalho ele usa ambas as línguas, mas nos momentos mais formais, faz uso somente do português. A língua minoritária parece ser a preferida na hora de contar uma piada, segundo os informantes, em alemão elas são mais engraçadas.

Com os dados analisados neste trabalho, podemos inferir que o grau de bilinguismo das células CaGII é mais elevado que o das outras, pois esses informantes possuem certo conhecimento da escrita do *Hochdeutsch* e também da leitura, além da competência oral e auditiva. Poder-se-ia deduzir daí que essa célula também usa mais a língua minoritária do que as outras células, mas não é isso o que acontece. As células que mais usam a língua alemã são as da Cb, sendo os números equilibrados entre as gerações. As mulheres, no entanto, parecem ser as que mais usam a língua majoritária. Através dos dados, também é possível inferir que a geração mais nova possui menos competência na língua minoritária que a geração mais velha, confirmando o que já foi concluído em outros estudos com línguas minoritárias no Brasil, a sua substituição pela língua majoritária.

Nesse sentido, esperamos que esse trabalho possa contribuir para a valorização e manutenção das línguas minoritárias no Brasil, em especial das variedades do alemão. Este trabalho objetivou responder algumas perguntas relacionadas ao bilinguismo alemão-português, mas também levantou outras, como a existência da variedade *Deutsch* e *Deitsch*. Esperamos que estudos futuros possam abordar e investigar melhor essa questão.

7 REFERÊNCIAS

ALTENHOFEN, Cléo V. Áreas linguísticas do português falado no sul do Brasil: um balanço das fotografias geolinguísticas do ALERS. In: AGUILERA, V. de A. (Org). **A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer**. Londrina: Eduel, 2005. p. 177-208.

_____. O conceito de língua materna e suas implicações para o estudo do bilinguismo (alemão-português). **Martius-Staden-Jahrbuch**, São Paulo, n. 49, p. 141-161, 2002.

_____. Política lingüística, mitos e concepções linguísticas em áreas bilíngues de imigrantes (alemães) no Brasil. **Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana (RILI)**, Frankfurt a.M., n. 1(3), p. 83-93, 2004.

_____. Migrações e contatos linguísticos na perspectiva da geolinguística pluridimensional e contatual. In: **Revista de Letras Norteamentos: Estudos Linguísticos**, Sinop, v. 6, n. 12, 2013. Disponível em: <<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/norteamentos/article/view/1216/860>>. Acesso em: 20 jun. 2015.

_____. O “território de uma língua”: ocupação do espaço pluridimensional por variedades em contato na Bacia do Prata. In: **Seminário Internacional línguas em contato**. Pelotas: Ed. UFPel, 2011. [no prelo].

APPEL, René; MUYSKEN, Pieter. **Language contact and bilingualism**. Amsterdam: Amsterdam Academic Archive, 2005.

AUER, J.C.P. **Bilingual Conversation**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1984.

BAKER, Colin. **Foundations of bilingual education and bilingualism**. 3. ed. Clevedon: Multilingual Matters, 2001.

BERRUTO, Gaetano. Identifying dimensions of linguistic variation in a language space. In: AUER, Peter & SCHMIDT, Jürgen Erich (Eds) **Language and space: theories and methods**. Berlin/New York: de Gruyter, 2010. p. 226-241.

BOUMA, Gary D.; AARONS, Haydn. Religion. In: AMMON, Ulrich; DITTMAR, Norbert; MATTHEIER, Klaus J.; TRUDGILL, Peter (Eds). **Sociolinguistics: an international handbook of the science of language and society** (v. 1). 2. ed. Berlin: Walter de Gruyter, 2004. p. 351-354.

CAMPOS, Cynthia Machado. **A política da língua na era Vargas: proibição do falar alemão e resistências no Sul do Brasil**. 1998. 348 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 1998.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, Peter. **Dialectology**. 2. Ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

COSERIU, Eugenio. **Sentido y tareas de la dialectología**. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1982.

DE HEREDIA, Christine. Do bilinguismo ao falar bilingue. In: VERMES, Geneviève & BOUTET, Josiane [orgs.]. **Multilinguismo**. Trad. Celene M. Cruz et al. Campinas (SP): Ed. Da UNICAMP, 1989.

DECROSSE, Anne. Um mito histórico, a língua materna. In: VERMES, Geneviève & BOUTET, Josiane [orgs.]. **Multilinguismo**. Trad. Celene M. Cruz et al. Campinas (SP): Ed. Da UNICAMP, 1989.

DORIAN, Nancy G. The language and ethnicity link: ideal and actual. In: FISHMAN, Joshua A. (ed). **Handbook of language and ethnic identity**. New York: Oxford University Press, 1999. p. 25-41.

DREYER, Hilke; SCHMITT, Richard. **Lehr- und Übungsbuch der deutschen Grammatik**. Ismaning, Deutschland: Max Hueber Verlag, 2000.

EDWARDS, John V. Foundations of bilingualism. In: BHATIA, Tej K.; RITCHIE, William C. **The handbook of bilingualism**. Malden: Blackwell Publishing Ltd, 2004. p. 7-31.

FERRAZ, Aderlande Pereira. O panorama linguístico brasileiro: a coexistência de línguas minoritárias com o português. In: **Filologia e linguística portuguesa**, Brasil, n. 9, p. 43-73, jun. 2007. ISSN 2176-9419. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/flp/article/viewFile/59772/62881>>. Acesso em: 5 jan. 2015.

FISHMAN, Joshua A. **Language and ethnicity in minority sociolinguistic perspective**. Clevedon: Multilingual Matters LTD, 1989.

GAL, Susan. Language and political spaces. In: AUER, Peter & SCHMIDT, Jürgen Erich (eds) **Language and space: theories and methods**. Berlin/New York: de Gruyenter, 2010. p. 33-49.

GROSJEAN, François. Individual bilingualism. In: **The encyclopedia of language and linguistics**. Oxford: Pergamon Press, 1994. Disponível em: <www.signwriting.org/forums/.../Indiv%20bilm.rtf> Acesso em: 12 de abril 2015.

_____. **Studying Bilingualism**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

_____. Studying bilinguals: methodological and conceptual issues. In: BHATIA, Tejk; RITCHIE, William C. **The handbook of bilingualism**. Malden: Blackwell Publishing Ltd, 2004. p. 32-58.

HAMERS, Josiane F.; BLANC, Michel H. A. **Bilinguality and Bilingualism**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

HORST, Aline. **Variação e contatos linguísticos do vestfaliano rio-grandense falado no Vale do Taquari**. 2014. 232 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-graduação em Letras, Porto Alegre, 2014.

HORST, Cristiane. **Quando o Heinrich casa com a Iracema, a Urmutter vira bisa: a dinâmica dos nomes próprios de pessoas e comuns de parentesco em uma comunidade de contato alemão-português do sul do Brasil**. Kiel: Westensee-Verl., 2011.

HORST, Cristiane ; KRUG, Marcelo Jacó . Línguas em contato no sul do Brasil: um estudo de caso do português e da variedade alemã Hunsrückisch. *Papia* (Brasília), v. 22 (1), p. 367-383, 2012.

Houaiss: dicionário eletrônico da língua portuguesa 3.0. 2009.

HUFFINES, Marion Lois. Pennsylvania German: “Do they love it in their hearts?”. In: DOW, James R. (ed). **Language and ethnicity** (v. 2). Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1991. p. 9-22.

JANSSEN, Maria Gertrudes. **Desbravando caminhos: histórias contadas pelos pioneiros**. Mondaí: Improeste Editora Gráfica Ltda, 2006.

JOHNSTONE, Barbara. Language and geographical space. In: AUER, Peter & SCHMIDT, Jürgen Erich (Eds) **Language and space: theories and methods**. Berlin/New York: de Gruyter, 2010. p. 1-17.

_____. Place, globalization, and linguistic variation. In: FOUGHT, Carmen (ed). **Sociolinguistic variation: critical reflections**, p. 65-83. Oxford: Oxford University Press, 2004.

JUNGBLUTT, Roque. **Documentário histórico de Porto Novo**. São Miguel do Oeste: Arco Íris Gráfica e Editora, 2000.

KAUFMANN, Göz. Atitudes na sociolinguística: aspectos teóricos e metodológicos. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso (Orgs). **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 121-137.

KOELLN, Arno. **Porto Feliz a história de uma colonização às margens do Rio Uruguai**. 2. ed. Mondaí: Improeste, 2004.

KRUG, Marcelo Jacó. **Identidade e comportamento linguístico na percepção da comunidade plurilíngue alemã-italiano-português de Imigrante – RS**. 2004. 131 f. Dissertação (Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de pós-graduação em Letras, Porto Alegre, 2004.

LABOV, William. **Principles of linguistic change: cognitive and cultural factors** (v. III). Malden: Wiley-Blackwell, 2010. p. 197-202.

_____. Sobre el mecanismo del cambio lingüístico. In: GARVIN, Paul L. & SUÁREZ, Yolanda Lastra de. **Antología de estudios de etnolingüística y sociolingüística**. Universidad Nacional Autónoma de México, 1974, p. 425-475.

LASAGABASTER, David. Attitude. In: AMMON, Ulrich; DITTMAR, Norbert; MATTHEIER, Klaus J.; TRUDGILL, Peter (Eds). **Sociolinguistics: an international handbook of the science of language and society** (v. 1). 2. ed. Berlin: Walter de Gruyter, 2004. p. 399-405.

LUERSEN, Rosane Werkhausen. A situação de contato plurilíngue no sul do Brasil. In: **Revista Científica da Faculdade Salesiana Maria Auxiliadora**. 8. ed. 2009. Disponível em: <http://www.fsma.edu.br/visoes/ed08/Edicao_8_artigo_4.pdf>. Acesso em: 04 nov. 2014.

MACKEY, William F. Bilingualism and multilingualism. In: **Sociolinguistics: an international Handbook of the science of language and society**. 2 ed. Volume 2. Berlin: Walter de Gruyter, 2005.

_____. The description of bilingualism. In: FISHMAN, Joshua A., ed. **Readings in the sociology of language**. 3. ed. The Hague & Paris: Mouton, 1972, p. 554-584.

McCLEARY, Leland. **Sociolingüística**. UFSC, 2007.

MEYER, Martina. **Deutsch ou Deutsch? Macroanálise pluridimensional da variação do Hunsrückisch Rio-grandense em contato com o português**. 2009. 46 f. TCC –LET – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Curso de Letras, Porto Alegre, 2009.

MÜLLER, Lauro Telmo. **Antes e depois de 1824: A imigração alemã no Rio Grande do Sul**. Disponível em: <http://www2.brasilalemanha.com.br/1824_antes.htm>. Acesso em: 23 nov. 2014.

MUYSKEN, Pieter. Mixed Codes. In: AUER, Peter & WIE, Li (eds) **Handbook of multilingualism and multilingual communication**. Berlin: New York: Mouton de Gruyter, 2007. p. 315-339.

- MÆLUM, Brit. Language and social spaces. In: AUER, Peter & SCHMIDT, Jürgen Erich (eds) **Language and space: theories and methods**. Berlin/New York: de Gruyter, 2010. p. 18-32.
- NG, Bee Chin; WIGGLESWORTH, Gillian. **Bilingualism: An advanced resource book**. New York: Taylor & Francis Routledge, 2007.
- PILLER, Ingrid; PAVLENKO, Aneta. Bilingualism and gender. In: BHATIA, Tejk; RITCHIE, William C. **The handbook of bilingualism**. Malden: Blackwell Publishing Ltd, 2004. p. 489-510.
- RASO, Tommaso; MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V. Os contatos linguísticos e o Brasil: Dinâmicas pré-históricas, sócio-históricas e políticas. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso (orgs.). **Os contatos linguísticos no Brasil**. BeloHorizonte: Editora UFMG, 2011. p. 13-56.
- RENK, Valquíria Elita. Nacionalização compulsória das escolas étnicas e resistência, no governo Vargas. In: **Anais VIII Educere**. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/620_436.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2014.
- ROMAINE, Suzanne. **Bilingualism**. 2. ed. Oxford: Blackwell, 1995.
- _____. **Language in society: an introduction to sociolinguistics**. 2. ed. New York: Oxford University Press, 2000.
- ROMANO, Valter Pereira; AGUILERA, Vanderci de Andrade. In: **Revista Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 43, n. 01, 2014. p. 575-587. Disponível em: <<http://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/460/342>>. Acesso em: 28 jun. 2015.
- SALGADO, Ana Claudia Peters. **Medidas de bilinguidade: uma proposta**. PUCRJ, Rio de Janeiro, 2008.
- SANKOFF, Gillian. Linguistic outcomes of language contact. In: **Hanbook of Sociolinguistics**. Oxford: Basil Blackwell. 2001. Disponível em: <<http://www.ling.upenn.edu/~gillian/Interlang.doc.pdf>> Acesso em: 16 de outubro de 2013.
- SCHREIER, Daniel. The consequences of migration and colonialism II: Overseas varieties. In: AUER, Peter & SCHMIDT, Jürgen Erich (eds) **Language and space: theories and methods**. Berlin/New York: de Gruyter, 2010. p. 451-467.
- STEFFEN, Joachim. Aspectos históricos do contato linguístico entre o alemão e o português no sul do Brasil através de cartas antigas: interferências fonéticas no português dos imigrantes. In: **Revista de Letras Noroeste: Estudos Linguísticos**, Sinop, v. 6, n. 12, 2013. Disponível em: <<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/noroeste/article/view/1219/862>>. Acesso em 12 jul. 2015.
- TABOURET-KELLER, Andrée. Language and Identity. In: COULMAS, Florian (ed). **The handbook of sociolinguistics**. Blackwell Publishing, 1998. Blackwell reference online, 28 de dezembro 2007. Disponível em: <<https://kencil.files.wordpress.com/2012/01/the-handbook-of-sociolinguistics.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2015.
- THOMASON, Sarah G. **Language Contact**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2001.
- THUN, Harald. A dialetologia pluridimensional no Rio da Prata. In: ZILLES, Ana Maria (Org.). **Estudos de variação linguística no Brasil e no Cone Sul**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

_____. A geolinguística pluridimensional, a história social e a história das línguas. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). **Para uma história do português brasileiro, volume III: vozes, veredas, voragens**. Londrina: EDUEL, 2009. Tomo II, p. 531-558.

_____. Pluridimensional cartography. In: LAMELI, Alfred; KEHREIN, Roland & RABANUS, Christian (eds.). **Language mapping**. Berlin: de Gruyter Mouton, 2010. p. 506-523.

_____. Variety complexes in contact: a study on Uruguayan and Brazilian fronterizo. In: AUER, Peter & SCHMIDT, Jürgen Erich (eds) **Language and space: theories and methods**. Berlin/New York: de Gruyter, 2010.

TROUCHE, Lygia Maria Gonçalves. O Marquês de Pombal e a implantação da língua portuguesa no Brasil reflexões sobre a proposta do diretório de 1757. **Anais IV Congresso de linguística e filologia**. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br>>. Acesso em: 22 jan. 2015.

VANDERMEEREN, Sonja. Research on language attitudes. In: AMMON, Ulrich; DITTMAR, Norbert; MATTHEIER, Klaus J.; TRUDGILL, Peter (eds). **Sociolinguistics: an international handbook of the science of language and society (v.2)**. 2. ed. Berlin: Walter de Gruyter, 2005. p. 1318-1332.

WENDLING, Elena Ruscheinsky. **“Uma vez falando em alemão”**: o uso da variante *uma vez* no português falado em Itapiranga e São João do Oeste – SC. 2014. 119 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Programa de pós-graduação em Letras, Chapecó, 2014.

8 ANEXOS

Anexo A1

Questionário

TEXTO INTRODUTÓRIO PARA SER GRAVADO NO INÍCIO DA GRAVAÇÃO

Hoje é o dia _____

Estamos em _____

Meu nome é _____

Estamos com _____

Que pertence ao grupo da _____

Você está de acordo que esta conversa seja gravada e que seja usada para fins de pesquisa e publicações de cunho científico?

Wie alt bist du? _____

Was ist dein Beruf _____

Was is deine Religion? _____

Bist du zur Uni gegangen? _____

I – Questões de identidade (KRUG, 2013)

1. Você se considera bilíngue? **AP:** Meinst du, dass du zweisprachig bist? **VA:** Bist du zweisprachig?
2. Que línguas você fala? **AP:** Welche Sprache sprichst du? **VA:** Was fo Sprache sprechst du?
3. Qual você aprendeu primeiro? **AP:** Welche hast du zuerst gelernt? **VA:** Was fo hast du zuerst gelernt?
4. Qual você fala melhor? **AP:** Welche sprichst du besser? **VA:** Was fo sprechst du besser?
5. Qual você acha mais bonita? **AP:** Welche findest du schöner? **VA:** Was fo ist die schönste?
6. Para você, qual é a mais difícil de aprender? **AP:** Für dich, welche ist die schwieriger zu lernen? **VA:** Was fo ist die schlimmste zu lernen?

7. Que línguas costuma falar na família? (quantas vezes? Quando, com quem? (Krug, 2004, Steffen 2007) **AP:** Welche Sprachen sprechen Sie normalerweise in der Familie? (wie oft? Wann, mit wem?) **VA:** Was fo Sprach sprechst du der mehrste in die Familie? (wie oft? Wenn? Mit wem?)
8. Que tipo de alemão é? Como se chama? Poderias falar “um pouquinho sobre o que é típico alemão”? O que disse que você colocou você acha que apresenta? **AP:** Was für ein Deutsch ist es? Wie heißt es? Können Sie ein bißchen über was typisch Deutsch ist reden? Von diesen, welche haben Sie? **VA:** Was fo Deutsch? Wie heißt er? Was ist fo dich typisch Deutsch? Was von das, hast du?
9. Tem diferença entre o alemão da Alemanha e o daqui? Qual é a diferença? (Vide KRUG, 2004) **AP:** Gibt es einige Unterschieden zwischen das Deutsch, das man in Deutschland spricht und das man hier spricht? Was ist der Unterschied? **VA:** Sehst du Unterschied zwische unse Deutsch und de Deutsch von Deutschland? Was ist die Unterschied?
10. Em que língua gosta de conversar mais? **AP:** Auf welche Sprache sprechen Sie lieber? **VA:** Was von Sprache sprechst du lieber? Deutsch oder Brasilianisch/Portugiesisch?
11. De modo geral, costuma falar mais a língua minoritária, ou português? **AP:** Im Allgemeinen sprechen Sie mehr die Minderheitensprache oder Portugiesisch? **VA:** Was von Sprache sprechst du mehr, Deustch oder Brasilianisch?
12. Quando vem visita, que língua prefere usar? (Vide KRUG, 2004) **AP:** Wenn Besuch kommt, welche Sprache benutzen Sie lieber? **VA:** Wenn du Besuch kriegst, was von Sprache sprechst du lieber? Deutsch oder Brasilianisch?
13. E se a visita só fala português? Se sente melhor quando é uma visita que também fala alemão? (Vide KRUG, 2004) **AP:** Und wenn der Besuch nur Portugiesisch spricht? Fühlen Sie sich besser wenn es ein Besuch ist, der auch Deutsch spricht? **VA:** Und wenn der Besuch nur Portugiesisch spricht? Fühlst du dich besser wen de Besuch auch Deutsch spricht?Is es besser wenn de Besuch auch Deutsch weis?
14. O que acha das pessoas que só falam português e nunca sua língua de casa, alemão? **AP:** Was denken Sie über Leute, die nur Portugiesisch sprechen und nie die Sprache von zu Hause, Deutsch? **VA:** Was finst du von die Mensche wo nur Portugiesisch spreche und nie die Sprach von zu Haus? /Baheim
15. Já lhe aconteceu de estar com alguém que sabia a sua língua de casa, alemão, mas insistia em só falar português? **AP:** Ist es dir schon passiert, mit jemandem zu sein, der seine Sprache von zu Hause wusste, Deutsch, aber der nur Portugiesisch sprechen wollte? **VA:** Ist dich schon passiert mit einer sein wo wusst Deutsch spreche, aber hat immer insistiert nur Português spreche?
16. Como aprendeu o português? **AP:** Wie haben Sie Portugiesisch gelernt? **VA:** Wie hast du Português gelernt?
17. Como é/foi o uso do alemão na escola e na igreja? (Vide KRUG, 2004) **AP:** Wie war/ist das Deutsch in der Schule und in der Kirche benutzt? **VA:** Wie ist/war das Deutsch in die Kirch und in die Schul benutzt?

18. Como acha que as pessoas de fora veem os originários daqui? (Vide KRUG, 2004) **AP:** Was denken Sie, wie sehen die Außenseiter die Leute, die hier leben? **VA:** Was denkst du, wie sehen die Leut von draußen die Leut von hier?
19. Como se sente mais? Alemão, Brasileiro ou Catarinense? **AP:** Fühlen Sie sich mehr Deutsch, Brazilianer(in) oder Catarinense? **VA:** Wie fühlst du dich mehr? Deutsch, Brazilianer oder Catarinense?
20. Quem nasce em Santa Catarina é... **AP:** Wer in Santa Catarina geboren ist, ist... **VA:** Wer in Santa Catarina gebohr ist , ist...
21. E quando pensa no alemão? **AP:** Und wann denken Sie an das Deutsch? **VA:** Und wenn denkst du an die Deutschsprache?
22. Se a seleção brasileira de futebol joga contra a alemã, para quem você torce? **AP:** Wenn die brasilianische Fußball-Nationalmannschaft gegen die Deutschemannschaft spielt, wem drücken Sie die Daumen? **VA:** Wenn die seleção brasileira gegen Alemanha Fußball spiele tut, fo wen torciest du?

II Identificação de padrões identitários (variação e intensidade da identidade) (KRUG, 2013)

1. O que identifica o alemão típico daqui? **AP:** Was identifiziert den lokalen typischen Deutscher? **VA:** Wie ist der Deutscher von hier?
2. E o brasileiro? **AP:** Und der Brazilianer? **VA:** Und de Brazilianer?
3. Como são chamadas as pessoas que não são de origem alemã? (na língua do imigrante e no português) (Vide KRUG, 2004). **AP:** Wie nennen Sie die Leute, die nicht von Deutsche abstammen? **VA:** Wie heiße die Mensche, wo nicht von Deutsch abstammen?
4. Características do brasileiro. Como é esse brasileiro? (Vide KRUG, 2004) **AP:** Eigenschaften des Brazilianer, wie ist er? **VA:** Wie ist der Brazilianer?
5. O que sabe da língua do (outro) alemão? Citar palavras ou expressões. (Vide KRUG, 2004) **AP:** Was wissen Sie von der Sprache der anderen? Erwähnen Sie Worte oder Ausdrücke. **VA:** Was kennst du von der andere Sprache? Sag ma Worte und Audruck.
6. De modo geral, de todos os tipos de pessoas aqui, quem preserva mais a sua língua e costumes de origem? **AP:** Im Allgemeinen, **wer erhielt am besten** **VA:** Von alle Menschen von hier, wer passt mehr sein Sprache uff.
7. Tem diferença entre o alemão falado em Mondaí e São João? A que se deve isso? Dê alguns exemplos. **AP:** Gibt es Unterschiede zwischen das Deutsch, das man in Mondaí spricht und das man in São João spricht? Warum ist das? Geben Sie Beispiele. **VA:** Gebt es Unterschiede zwischen das Deutsch wo man in Mondaí sprecht und São João?

8. De modo geral, quem fala melhor o português, o alemão ou o italiano? **AP:** Im allgemeinen, wer spricht besser Portugiesisch, die Deutsche oder die Italiener? **VA:** Wer spricht besser Portugiesisch, der Deutsch oder de Italiener?

III Papel da língua na constituição da identidade (relação da língua com outros ícones da cultura) (KRUG, 2013)

1. Acha importante que os filhos aprendam alemão dos pais? Por quê? (vide Krug 2004) **AP:** Was denken Sie, ist es wichtig, dass die Kinder Deutsch Von seinen Eltern lernen? Warum? (Vide KRUG, 2004) **VA:** Finst du important das die Kinder die Sprach Von die Elder lerne? Warum? /Fo was?
2. Muitos jovens não falam mais a língua dos pais (alemão) ... O que acha disso? **AP:** Viele junge Leute sprechen die Sprache der Eltern nicht mehr (Deutsch) Wie denkst du darüber? **VA:** Viele junge Leut sprechen nicht mehr die Sprache von die Elder. Was denkst du von das?
3. Existem situações em que você tem vergonha de falar alemão? **AP:** Gibt es Situationen, in den Sie sich schämen Deutsch zu sprechen? **VA:** Gibt es Momente, die du dich schämst Deutsch spreche?
4. Acha que deveria ter ensino de alemão na escola? Se sim, seria mais importante que ensino de inglês? Por quê? (Vide Krug 2004) **AP:** Denken Sie, dass es Deutschunterricht in der Schule geben sollte? Wenn ja, würde es wichtiger sein als English? Warum? **VA:** Denkst du, das es Deutsch in die Schul gebe mist? Wenn ja, wär das besser als English?
5. Se fosse dizer o que mais identifica um alemão, diria que é o quê? **AP:** Wenn Sie sagen könnten, was ein Deutscher besser identifiziert, was würde es sein? **VA:** Wenn du sagen dest wie man ein Deutsche rauskennt, was wär es?

| | | |
|------------------------------|-------------------------------------|-------------------------|
| Suas características físicas | AP: das Aussehen? | VA: das Aussehen |
| Sua língua | AP: seine Sprache | VA: die Sprache |
| Sua Música | AP: seine Musik | VA: Musik |
| Sua casa | AP: sein Haus | VA: das Haus |
| Seu jeito de ser | AP: | VA: |
| Sua religião | AP: seine Religion | VA: die Religion |
| Seus hábitos e costumes | AP: Gewohnheit und Tradition | VA: |
| Suas festas | AP: seine Feste | VA: Fest |
| Seus nomes | AP: Seine Namen | VA: Name |
| Outro _____ | | |

IV Grau de bilinguismo dos informantes da sua comunidade e o reconhecimento da identidade (KRUG, 2013)

1. Que língua você fala nas seguintes ocasiões no seu município? (Vide Schmidt 1997)
AP: Welche Sprache sprechen Sie in den folgenden Gelegenheiten in Ihrem Gebiet?
VA: Was von Sprache sprichst du in diese ocasiões in dein Municip?
- | | | |
|------------------------------|---------------------------------------|---------------------------|
| 30.1 no Correio | VP: Auf der Post | VA: auf der Post |
| 30.2 no supermercado | VP: Im Supermarkt | VA: in der Merkat |
| 30.3 nas lojas | VP: In den Laden | VA: ins Geschäft |
| 30.4 no sindicato | VP: Im Syndikat | VA: in der Sindicat |
| 30.5 no restaurante | VP: Im Restaurant | VA: im Restaurant |
| 30.6 na prefeitura | VP: Im Rathaus | VA: In die Prefeitura |
| 30.7 no posto de saúde | | VA: in der Posto |
| 30.8 com o padre/pastor | VP: mit dem Pfarrer/Pastor | VA: mit der Pader/Pfarrer |
| 30.9 nas festas e nos bailes | VP: auf den Festen und auf den Bällen | VA: ufs Fest und Ball |
| 30.10 no confessionário | VP: in der Beichte | VA: in der Beichte |
| 30.11 no posto de gasolina | VP: auf der Tankstelle | VA: in der Gasolinapost |
| 30.12 no trabalho | VP: auf dem Arbeitsplatz | VA: an die Arbeit |
2. Quando você encontra um(a) estranho(a) na rua de sua cidade em que língua você fala com ele/ela? **AP:** Wenn Sie einem(er) Fremder(e) auf der Straße Ihrer Stadt begegnen, auf welche Sprache sprechen Sie mit ihm/ihr? **VA:** Wenn du einer Fremder in die Straße deine Stadt beegen tust, was von Sprach sprichst du mit ihm?
3. Em que situações você fala a língua minoritária, e o português? **AP:** Bei welchen Gelegenheiten sprechen Sie die Minderheitensprache, und Portugiesisch? **VA:** In was Von Situacionen sprichst du die Deutschsprache, und Português?
4. Quando você fala português, você mistura a variedade minoritária? Se sim, o que você mistura e por quê? **AP:** Wenn Sie Portugiesisch sprechen, mischen Sie es mit der Minderheitensprache? Wenn ja, was mischen Sie und warum? **VA:** Wenn du Português sprechen **tust**, vermischst du es mit dem Deutsch? Wenn ja, was vormischt du und warum?
5. Quando você fala a variedade minoritária, você mistura o português? Se sim, o que mistura e por quê? **AP:** Wenn Sie die Minderheitensprache sprechen, mischen Sie es mit Portugiesisch? Wenn ja, was mischen Sie und warum? **VA:** Wenn du Deutsch sprichst, vormischt du es mit Português? Wenn ja, was vormischt du und warum?

2ª PARTE

FONOLÓGICA

Como você diz em alemão?

AP: Wie sagen Sie auf Deutsch?

VA: Wie sogst/sagst du auf Deustch?

Travesseiro

Verde

Escuro

Chão

Tempo ruim

Nevoeiro, neblina

O rapaz

Uma xícara de café

Palavras
Jogar fora
Rua
Estar deitado na cama
Escada
Receber um presente
Milho

Anexo A2

Texto para leitura (versão português) (Fonte: projeto ALMA – H - Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata).

Lucas 14, 15 (em português)

Parábola do Filho Pródigo

Jesus disse também: “Um certo homem tinha dois filhos. O mais novo pediu ao pai: “Pai, tenho a ideia de ganhar experiência na vida. Dá-me a parte da herança que me pertence.” O pai, decepcionado, repartiu os seus bens entre os dois filhos. Poucos dias depois, o mais novo liquidou o que era dele e partiu para uma terra muito distante, onde gastou todo o dinheiro numa vida desregrada.

Quando já não tinha dinheiro, e como houve muita fome e árduo sofrimento naquela região, começou a padecer de extrema necessidade. Foi pedir trabalho a alguém da região. O homem mandou-o para seus campos guardar e cuidar de porcos. Desejava encher o estomago mesmo com uma espécie de bolotas que os porcos e os cães comiam, mas ninguém lhas dava. Foi então que, numa noite, ele caiu em si e, inquieto no seu exílio, pensou: “Eu minguo a riqueza do meu pai. Perdi o juízo! E tantos trabalhadores do meu pai têm quanta comida querem. Nunca há penúria, e eu estou parado aqui doente no meu lençol e a morrer de fome! Amanhã vou mas é ter com meu pai e digo-lhe: “Pai, pequei contra o céu e contra ti. Já não mereço ser chamado teu filho, mas aceita-me como um de teus trabalhadores.”

Levantou-se e voltou para o pai. [Mas] ainda ele vinha longe de casa e já o pai o tinha visto. Cheio de ternura, o bom pai correu para ele, apertou-o nos braços e cobriu-o de beijos. O filho disse-lhe então: “Pai, pequei contra deus e contra ti. Já nem mereço ser chamado teu filho.” Mas o pai disse logo aos empregados: “tragam depressa a melhor roupa e vistam-no. Ponham-lhe também um anel no dedo e calcem-lhe sandálias nos pés.

Tragam o bezerro mais gordo que criamos e matem-no. Vamos fazer um banquete no pátio. Porque este meu filho estava morto e voltou a viver; estava perdido e apareceu.” E começaram com a festa.

Ora, o filho mais velho estava no campo. Ao regressar, aproximando-se da casa, ouviu as músicas e as danças. Chamou um dos empregados e perguntou-lhe admirado o que era aquilo. E o empregado disse-lhe: “Foi o teu irmão que voltou, e por ordem do pai matamos o bezerro mais gordo, por ele ter chegado são e salvo.” Ao ouvir isso, ficou indignado e mui amolado e nem queria entrar. Mas o pai saiu para o convencer.

Mas o filho maior respondeu: “Sirvo-te há tantos anos, sem nunca ter desobedecido as tuas ordens, e não me deste sequer um cabrito para fazer uma festa com os meus amigos. Isso me dói. Vem agora este teu filho, que desperdiçou o teu dinheiro com mulheres da má vida, e nós matamos o bezerro mais gordo. Não quero que mingues mais a tua riqueza nem a minha com este infeliz.”

O pai disse-lhe com voz tênue: “Meu filho, tu estás sempre comigo, e tudo o que eu tenho é teu. Mas era preciso fazermos uma festa e alegrarmo-nos, porque o teu irmão estava morto e voltou a viver, estava perdido e apareceu.”

Anexo A3

Texto para leitura (versão alemão padrão) (Fonte: projeto ALMA – H - Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata).

Lukas 14, 15 (in Hochdeutsch)

Vom verlorenen Sohn

Und er sprach: Ein Mensch hatte zwei Söhne. Und der Jüngere von ihnen sprach zu dem Vater: Gib mir, Vater, das Erbteil, das mir zusteht. Und er teilte Hab und Gut unter sie. Und nicht lange danach sammelte der jüngere Sohn alles zusammen und zog in ein fernes Land; und dort brachte er sein Erbteil durch mit Prassen. Als er nun all da Seine verbraucht hatte, kam eine grosse Hungersnot über jenes Land, und er fing an zu darben und ging hin und hängte sich an einen Bürger jenes Landes; der schickte ihn auf seinen Acker, die Säue zu hüten. Und er begehrte, seinen Bauch zu füllen mit den Schoten, die die Säue fressen; und niemand gab sie ihm. Da ging er in sich und sprach : Wie viele Tagelöhner hat mein Vater, die Brot in Fülle haben, und ich verderbe hier im Hunger! Ich will mich aufmachen und zu meinem Vater gehen und zu ihm sagen: Vater, ich habe gesündigt gegen den Himmel und vor dir. Ich binhinfort nicht mehr wert, dass ich dein Sohn heisse; mache mich zu einem deiner Tagelöhner! Und er machte sich auf und kam seinem Vater. Als er aber noch weit entfernt war, sah ihn sein Vater und jammerte ihn: er life und fiel ihm um dem Hals und küsste ihn. Der Sohn aber sprach zu

ihm: Vater, ich habe gesündigt gegen den Himmel und vor dir, ich bin hinfort nicht mehr wert, dass ich dein Sohn heisse. Aber der Vater sprach zu seinen Knechten: Bringt schnell das beste Gewand her und zieht es ihm an und gebt ihm einen Ring an seine Hand und bringt das gemästete Kalb und schlachtet's; last uns essen und fröhlich sein! Denn dieser mein Sohn war tot und ist wieder lebendig geworden, er war verloren und ist gefunden worden. Und sie fingen an, fröhlich zu sein! Aber der älteste Sohn war auf dem Feld, und als er nahe zum Hause kam, hörte er Singen und Tanzen und rief zu sich einen der Knechte, und fragte, was das wäre. Der aber sagte ihm: Dein Bruder ist gekommen und dein Vater hat das gemästete Kalb geschlachtet, weil er ihn gesund wieder hat. Da wurde er zornig und wollte nicht hineingehen. Dann ging sein Vater hinaus und bat ihn. Er antwortete aber und sprach zu seinem Vater: siehe, so viele Jahre diene ich dir und habe dein Gebot noch nie übertreten, und du hast mir nie einen Bock gegeben, dass ich mit meinen Freunden fröhlich gewesen wäre. Nun aber, da dieser dein Sohn gekommen ist, der dein Habe und Gut mit Huren verprasst hat, hast du ihm das gemästete Kalb geschlachtet. Er aber sprach zu ihm: mein Sohn, du bist allezeit bei mir, und alles, was mein ist, das ist dein. Du solltest aber fröhlich und gutes Mutes sein; denn dieser dein Bruder war tot und ist wieder lebendig geworden, er verloren und ist wiedergefunden.

Fonte: [Lucas 15, 11-32] Das Neue Testament. Nach der Übersetzung Martin Luthers revidierter Text Stuttgart Deutsche Bibelgesellschaft 1984.

Anexo A4

Texto para leitura (versão variedade alemã) (Fonte: projeto ALMA – H - Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata).

Lukas 14, 15 (in Hunsrückisch)

Vom verloane Sohn

Unn sooh Jesus: Ein Mensch hot zweu Buwe gehat. De jingste von denne hot seim Vater verlangt: Vater, gib mea das Errehteel, wo mea geheat. Do hot de Vater alles was seon woo, unner de kinner veteelt. En poo Tooche denoch hot de jingste Bub alles sammergepackt unn is weit fott in en anner Land gezoh; dott horr er sein Errehteel all veschwenn. Wie er jetz alles wo sein woo verbraucht hot, is en gros Hungersnot iwer's Land Komm, unn de hot ongefäng se verderre unn hot sich on'en Mann von dem Land gehong unn be idem gekloht. De hot'en do uf de Kamp geschickt, die Sei ufsepasse. So genn hett de seine Panz gefüllt mit de Schote, wo die Sei gefress honn; niemand awer hot se dem geb. Do is'er in sich gefall unn hot gesprohch:

Wiewel schaffe bei mei'm Vater im Toochlohn unn honn meh Brot se esse wie se kenne, unn ich vederwe hier von Hunger. Ich mache mich uf de Weech unn gehn bei mein Vater unn soohn dem: Vater, ich honn gesindicht geche dich. Ich senn net meh weat, ene von dein Buwe genennt were; holl mich fo enne von deine Knechte. Do is de ufgestieh unn bei sein Vater gang. De woo noch weit wech, do hot de Vater 'en schon gesiehn komme, unn hoten schrecklich gedauert. De is dm Jung dann entgeche geloof, hot ich dem um de Hals geworref unn'en gekusst. Do soot de Jung: Vater, ich honn geche de Himmel unn geche dich gesindicht; ich senn net meh weat, ene von dein Buwe genennt se were. Awer de Vater hot sein Knechte gesproch: bringt'em fix das beste Stick Zeich unn zieht'em das on. Tot'em 'en Ring on sein Hand unn Schuh on sein Fiess unn bringt das fettste Stick Vieh her unn schlacht'es. Losst uns esse unn frehlich senn. Well de do Jung von mea woo tot unn is nommo ons Lewe komm; de woo veloa unn is nommo gefunn geb. Unn so honn'e dann ongefäng frehlich se feire.

Awer de ellste Sohn woo uf'em Kamp unn wie de dicht hem komm is, unn das Singe unn Tanze geheat hot, hot de sich enne von de Knechte geruf unn gefroht, was das wea. De awer hot'em geantwott: dein Bruder is hemkomm, unn dein Vater hot das fettste Stick Vieh geschlacht, well'er en gesund zurick hot. Do is de Bruder iwer bees geb unn wollt net rinngehn. Sein Vater awer is rauskomm unn hot'em im Gute geredt. De Jung awer hot geantwott unn dem Vater gesproch: so viel Jahr schon diene ich dea unn senn noch nie geche deine Wille gang; unn du host mea noch net mo en Bock geb fo dass ich mit mein Amigos frehlich feire kennt. Kaum awer is hier de Sohn von dea komm, de dein Geld mit Prostitutte vkrach hot, unn du host fo dee das fettste Stick Vieh geschlacht. De Vater awer hot'em do geantwott: mein Jung, du bist jedezeit bei mea, unn alles wasmein is, das is dein. Du sollst awer frehlich senn unn gute Wille zeiche: well de do Bruder von der woo tot unn is nommo ons Lewe komm; de woo veloa unn is nommo gefunn geb.

Fonte: [Lucas 15, 11-32] Übersetzung ins Hunsrückisch: Cléo V. Altenhofen, 2006.

Anexo A5

Textos escritos pelos informantes

GIICa H – São João

Ich bin geboren in Itapiranga, Linha Santa Fé. Meine Eltern vonten um schaften auf der Kolonie. Als ich na fang zu der Schule zu gehen sprach ich nur Deutsch. Ich lernte die erte Wörter auf portuguisich in der Schule. Men Vater sprach etwas brasilianisch aber meine Mutter nich. Heute sprechen wir deutsch und brasilianisch, öfters no dorcheinander das man manchmal nich weis ob ma deutsch orde brasilianich gusprochen hat.

GIICa H – Mondai

Meine name ist Valdir Albimo Mallmann, ich bin in Estrela – RS geboren, am 13.11.1954. Und sind mit meine eltern zu Mondaí – SC gewandern in mai monat, 1960. Ich bin in die schule gegang mit acht jahren. In dene zeit konte ich nicht portuguesis sprachen. Das hat mich ser schwere gehalt. Meine Lehrer sagt zu uns: dier kinder, von heut on voran darf keine mer deutsch hier an de schulle sprasche venet mus ich eifach eich strafe. Hich losse euch nimer fussball spielen.

GIICa M – São João

Ich bin Inês Körbes, habe zwai kinder, sinn chon gross, hun alle zwai gelend un sin shum arbaite. Dass chenne iss dass die zwai professors sen, dass tzeicht das di profision gross iss.

GIICa M – Mondaí

Wie gets? Ich gee sehr gut. Ich wil schlafen. Eine gute nacht , und schlaf guth. Ich bin eine lererin. Ich habe tswai kinder. Ein jung und ein mädle. Der jung vond in Chapecó, und das medel zu hause mit mier.

GICa H – Mondaí

Ich bin geboa in Mondaí, un bin in Mondaizinho ind die schule guigan, pis de 2º série, bin doech gefal ind die 1º série, vie ich nich wust português shprechen; ich hab drei geschwisten. Mein vater und meine muter sid ale lebem, und ertzelen ale auf Deuch.

GICb H – Mondaí

Ich habe nainzen Jahrger und ich wohne in Mondaí, heute hab iche sehn dass ich kann nicht füll in Deutsche sprächen. Jetzt Singen kann ich guth.

GICb H – São João

Ich ton quernen deucke prechen.

Anexo A 6

Respostas às perguntas

1. Você se considera bilíngue?

| | | | | | | | | |
|----------|---------------|------------------|-----------------------------------|------------------|--|---------------|---------------|---|
| São João | GIICaH sim | GICaM Sim, Jo | GICbH Ja, sim | GICbM Jo. sim | GIICaH sim | GIICaM sim | GIICbH sim | GIICbM Alemão sim, português não completa. |
| Mondaí | sim | Sim, jo | Não tão bem, mas eu me esforço | Já, sim | Eu creio que sim. Estive na Alemanha e consegu i me fazer entender | Um pouco, sim | sim | sim |

2. Que línguas você fala?

| | | | | | | | | |
|----------|---------------------------------------|---|------------------------------------|---|------------------------------------|------------------------------------|---------------------------------|---|
| São João | GICaH Brasilianisch und Deutsch | GICaM Português e Alemão (Deutsch) | GICbH Português e Deutsch | GICbM Português e alemão | GIICaH Português e alemão | GIICaM Português e alemão | GIICbH Alemão e português | GIICbM Alemão e português não muito |
| Mondáí | Alemão, Português, Po rtunhol | Português e alemão | Português e alemão | Um pouco de português e um pouco de alemão | Português e alemão | Português e alemão | Português e alemão | Alemão e português |

3. Qual você aprendeu primeiro?

| | | | | | | | | |
|----------|------------------|---------------------------|---|-----------------|--|------------------|------------------|------------------|
| São João | GICaH Deutsch | GICaM Deutsch | GICbH Deutsch, aprendeu com o pai e a mãe | GICbM Alemão | GIICaH Alemão, qdo fui à escola eu não sabia nenhum a palavra em português | GIICaM Alemão | GIICbH Alemão | GIICbM Alemão |
| Mondáí | Alemão | Deutsch, desde pequena | Alemão | Alemão | Alemão | Português | alemão | Alemão |

4. Qual você fala melhor?

| | | | | | | | | |
|----------|-----------|--|------------------|--------------------|---------------------|---------------------|---|-----------------------|
| São João | GICaH | GICaM Der Brasilianisch (Português) | GICbH Deutsch | GICbM Português | GIICaH Português | GIICaM Português | GIICbH Eu sei pouco português, falo melhor português | GIICbM M Alemão |
| Mondáí | Português | Português | Português | Português | Português | Português | alemão | Quase igual |

5. Qual você acha mais bonita?

| | | | | | | | | |
|----------|------------------|------------------------------|------------------|----------------------|--|---|--|------------------|
| São João | GICaH Deutsch | GICaM Alle zwei, ambas | GICbH Deutsch | GICbM O alemão | GIICaH Para algumas coisas eu acho o alemão mais bonito, principal mente no que concerne à musica, canções. | GIICaM Português Eu gosto de falar alemão e tb escrevo alemão | GIICbH Ambas, português é mais fácil | GIICbM Alemão |
| Mondáí | Alemão | Deutsch | Alemão | Alemão | Eu gosto de falar alemão | Português | Alemão | Alemão |

6. Para você qual é a mais difícil de aprender?

| | | | | | | | | |
|----------|--------|------------------|--|-------------------|-------------------|-----------------------|------------------|------------------|
| São João | GICaH | GICaM Deutsch | GICbH Português, a pior matéria para ele | GICbM Alemão | GIICaH Alemão | GIICaM M Alemão | GIICbH Alemão | GIICbM Alemão |
| Mondáí | Alemão | Deutsch | Alemão | Se vc fala bem | Para mim ambas | Alemão | Alemão | Alemão |

| | | | | | | | | | |
|--|--|--|--|--|---------------------------------------|-------------|--|--|--|
| | | | | | o alemão, aprender o português é pior | foram fácil | | | |
|--|--|--|--|--|---------------------------------------|-------------|--|--|--|

7. Que línguas costuma falar na família? (Quantas vezes, quando? Com quem?)

| | | | | | | | | |
|----------|---------------------------|--|---|--|---|--|---|--|
| São João | GICaH Meintens Deutsch | GICaM Deitsch, alles Deitsch | GICbH Deitsch, com o pai e a mãe, irmãos | GICbM Tudo alemão, só no trabalho que a gente mais fala o português | GIICaH Em casa com a minha esposa ainda é o alemão, mas no geral é o português. Os filhos todos falam alemão, mas os netos não. | GIICaM Português com meus filhos e irmãos e mãe alemão | GIICbH Aqui em casa é alemão, qdo o neto está aqui é português. | GIICbM Alemão, com meu marido e filhos |
| Mondáí | Alemão, com os pais, irmã | Em casa com o pai e a mãe, sempre alemão | Português, por causa do irmão que não consegue falar bem o alemão | Alemão, com os avós e o nenê, antes de ir para a escola ela falava e entendia, agora ela já mistura. | Na família falamos mais o português | Português | Ambas Falo alemão com minha esposa e mais português com minha filha | Alemão, com a filha e um dos filhos, o outro entende mas não fala. |

8. Que tipo de alemão é? Como se chama? Poderias falar “um pouquinho sobre o que é típico alemão? O que disso que você colocou você acha que apresenta?”

| | | | | | | | | |
|----------|-----------------------------------|---|--|--|--|---|---|--|
| São João | GICaH O trabalhar, poupar | GICaM Dialeto, Deitsch. Típico é a cultura, a forma de agir. Ela tem a compreesividade, e algumas culturas, | GICbH Chamam dialeto. Comer bastante salame, cuca, grupos folclóricos de dança. Alemães são pessoas boas, fáceis de lidar, mais fácil do que com um brasileiro | GICbM Para mim é alemão, para outros é um dialeto. A comida, os trajés, os costumes. A gente tem um e outro costume. | GIICaH É um dialeto. Não respondeu à pergunta sobre o que é típico alemão. | GIICaM Nós sempre dizemos <i>Platdeutsch</i> . Cuca, bolachas. As pessoas são mais alegres. | GIICbH Deitsch, não entendeu a pergunta. | GIICbM Platdeitsch ou Hunsrückisch. Os alemães são unidos e gostam de trabalhar e cabeçudos. |
| Mondáí | Modo de a pessoa ser, ser correto | Chamam Deitsch. Típico alemão é a comida, a | Eu não sei. Hunsrückisch segundo outra | Deitsch. Os costumes, crenças. Levam | Eu acho que o nosso é o Hunsrückisch, mas eu não | Deitsch, as danças, comida (batata). Eu sou | Não é Hunsrückisch é outra coisa. Não respondeu | Platdeitsch, Hunsrückisch é outra coisa. Não consegue |

| | | | | | | | | |
|--|--|-----------------------|--|--------------------|--|-----------------|--------------------------|---------------------------------|
| | | vestimenta. É teimosa | pessoa me falou (Sérgio Eckardt) (insistência) | as coisas a sério. | tenho certeza, pois existem vários dialetos. Os costumes, nós somos, certos, organizados, sem meias palavras, exato. | certa, pontual. | a pergunta sobre típico. | me dizer o que é típico alemão. |
|--|--|-----------------------|--|--------------------|--|-----------------|--------------------------|---------------------------------|

9. Tem diferença entre o alemão da Alemanha e o daqui? Qual é a diferença?

| | | | | | | | | |
|----------|---|---|---|--|--|--|---|---|
| São João | GICaH Sim, vê uma grande diferença | GICaM Viel, ganz viel. | GICbH Tem diferenças, mas se aprende | GICbM Sim, bastante. | GIICaH Sim. Tem diferença na pronúncia. O dialeto é uma língua mais relaxada. | GIICaM Sim, não sei dizer. Sempre que encontro alguém que fala o Hochdeutsch eu me retraio. | GIICbH A diferença é grande, é difícil entender. | GIICbM Sim, eles falam diferente, cita exemplo de vizinhos que eram de Santa Cruz e que falavam Wäsche em vez de Zeug. |
| Mondáí | Sim, no Brasil falamos mais devagar, o que torna difícil a compreensão do Hochdeutsch | Para falar e entender é diferente. É difícil de entender, a fala é diferente. | O alemão da Alemanha é mais gramatical, nosso alemão se mistura mais com os portugueses | Sim, eu entendo pouco o alemão da Alemanha. Porque não se está muito junto, aprendemos um tipo aqui e lá é outro, certo, aqui é misturado. | Sim, eu gosto de ouvir o Hochdeutsch, eles colocam o verbo no lugar certo. | Sim, ele é bem difícil, qdo eles falam muito rápido então não dá para entender tudo. | A diferença é grande. A gramática é diferente | Sim, bastane diferença. Não falamos gramaticalmente |

10. Em que língua gosta de conversar mais?

| | | | | | | | | |
|----------|-------------------------|---|------------------|--------------------|--|---------------------|--|------------------|
| São João | GICaH Lieber Deutsch | GICaM Português, depende de onde eu estou. Qdo estou com meus pais e pessoas mais velhas prefiro falar alemão, mas na escola e | GICbH Deutsch | GICbM Português | GIICaH Eu gosto de misturar. A maior parte do tempo eu nem sei o que estou falando. | GIICaM Português | GIICbH Português é bem mais fácil e rápido. | GIICbM Alemão |
|----------|-------------------------|---|------------------|--------------------|--|---------------------|--|------------------|

| | | | | | | | | |
|--------|--------------------------|------------------------------------|--|---|--|-----------|----------------------------|-----------|
| | | com pessoas mais jovens português. | | | | | | |
| Mondaí | Depende com quem se está | beide | Português, pois eu não sei todas as palavras em alemão | Depende, com o Vater e a Mutter eu falo alemão e na cidade, no comercio tenho que falar o português. Não prefere uma. | Aqui no Brasil eu prefiro falar português, mas em Catres com meus amigos daí falamos só em alemão. | Português | A mais fácil é o português | Tanto faz |

11. De modo geral, costuma falar mais a língua minoritária ou português?

| | | | | | | | | |
|----------|---------------|--------------------|---|--------------------|-----------------------|---------------|---|---------------|
| São João | GICaH | GICaM Portugê s | GICbH Deutsch, onde eu trabalho tb se fala alemão, as pessoas que vêm lá tb falam alemão. 10% que não falam alemão. | GICbM Portugê s | GIICaH Mais português | GIICaM alemão | GIICbH Alemão | GIICbM Alemão |
| Mondaí | Portuguê s | Portuguê s | Portuguê s | Alemão | Portuguê s | Portuguê s | Aqui nas redondezas mais alemão, mas lá na frente (centro)tem que ser o português | Portuguê s |

12. Quando vem visita, que língua prefere usar?

| | | | | | | | | |
|----------|---------------|---|---|--------------------|--|---|---------------|--|
| São João | GICaH Deutsch | GICaM Depende do tipo de pessoa (Leit), se forem pessoas mais velhas, alemão e se forem pessoas mais jovens, quase sempre português | GICbH Depende de quem é a pessoa, se é um alemão eu falo alemão e se é um brasileiro falo português | GICbM Portugê s | GIICaH Depende de que visita é. Com os mais velhos fala-se alemão e com os mais jovens já se fala mais português | GIICaM Se a visita fala mais alemão falo alemão | GIICbH Alemão | GIICbM Se vem um alemão, prefiro falar alemão, mas qdo vem alguém que não sabe alemão tenho que falar português. |
|----------|---------------|---|---|--------------------|--|---|---------------|--|

| | | | | | | | | |
|--------|--|---|--|---|---------------------------------------|--|---|--|
| Mondaí | Se é um alemão, alemão, Se brasileiro, português | Se o pai e a mãe vêm, falo alemão, do contrário sempre português. | Quando meus avós vêm, eu falo alemão, minha vó não fala bem português. | Depende da visita, se falam alemão temos que falar alemão, tem aqueles que não entendem alemão então fala-se português. | Quando vem um alemão falamos alemão e | Português, mas qdo é uma visita alemã, falo alemão | O alemão ainda é melhor, mas qdo a visita fala mal o alemão tem que ser em português. | Se vem um alemão, falo alemão e se é um brasileiro só português. |
|--------|--|---|--|---|---------------------------------------|--|---|--|

13. E se a visita só fala português? Sente-se melhor quando é uma visita que também fala alemão?

| | | | | | | | | |
|----------|---|---|--|--|---|------------------------------|--------------------------------------|---------------|
| São João | GICaH Português, não faz muita diferença | GICaM Egal, indiferente | GICbH Sim, seria melhor, português é mais difícil. | GICbM Sim, pois sempre acabamos misturando as línguas | GIICaH É indiferente | GIICaM Para mim tanto faz | GIICbH Sim | GIICbM Sim |
| Mondaí | Se for uma alemão sente-se mais à vontade, parece que consegue se expressar diferente | Seria melhor se ela tb falasse, daí poderíamos falar algumas coisas em alemão | Falo português, mas é bom qdo a visita tb sabe alemão, daí dá para usar umas palavras em alemão. | Para mim é indiferente. | Eu ficaria feliz, pois então não precisamos cuidar tanto, podemos falar alemão ou português | Sim | É bom qdo ela fala um pouco dos dois | Sim |

14. O que acha das pessoas que só falam português e nunca sua língua de casa, alemão?

| | | | | | | | | |
|----------|---------------------------------------|--|--|---|--|---|--|--|
| São João | GICaH | GICaM Foi uma escolha delas, querer falar só português, ou têm vergonha | GICbH Eles têm mais habilidade para falar o português, é bom. | GICbM Talvez eles não queiram, talvez não saibam. Às vezes dizemos que eles querem ser eingebilt | GIICaH Nós temos uma oportunidade e de aprender duas línguas, é preciso aproveitá-la. | GIICaM Eu fico triste. | GIICbH Nada | GIICbM Eu não acho certo. |
| Mondaí | Isso é não valorizar a língua materna | | É uma pena pela cultura que se perde | Eu não tenho nada contra, cada um faz como quer, mas eu acho que eles perdem uma | Eu não acho bom, eu acho que eles deveriam manter as duas línguas. | É triste, é importante e ter mais de uma língua | Bom é qdo aprendemos o que sabemos desde pequeno | Isso não deveria acontecer, deveriam continuar com a língua. |

| | | | | | | | | |
|--|--|--|--|--------------------------------|--|--|--|--|
| | | | | língua, deveria manter a fala. | | | | |
|--|--|--|--|--------------------------------|--|--|--|--|

15. Já lhe aconteceu de estar com alguém que sabia a sua língua de casa, alemão, mas insistia em só falar português?

| | | | | | | | | |
|----------|---|----------------------------------|----------------|-------------------------------|---|--------------------------------|--|-------------------------------|
| São João | GICaH Sim, um ou outro se percebe, às vezes é um costume | GICaM Doch das passiert viel. | GICbH Sim, | GICbM Sim e com frequência | GIICaH Dá uma explicação para o evento, casamento multiétnico. | GIICaM Sim, aconteceu muito | GIICbH Sim, os jovens. Sind eingebilt, esqueceram de quem eles descendem. | GIICbM Sim, frequentemente |
| Mondafí | Sim | Sim, meus vizinhos no interior | Sim, minha avó | Sim, muito. | Sim, já. Eu conheço pessoas que só querem falar português. | Sim | Sim, frequentemente | Sim, frequentemente |

16. Como aprendeu o português?

| | | | | | | | | |
|----------|---|---|--|--|--|---------------------|---|---|
| São João | GICaH Na escola | GICaM Já sabia português quando entrou na escola. | GICbH Na primeira série, qdo entrei na escola, não sabia nada de português antes da escola. | GICbM Na escola, já sabia as duas línguas qdo entrou na escola. | GIICaH Na escola. Diziam: “não falar alemão, só português” | GIICaM Na escola | GIICbH Na escola | GIICbM Um pouco com a mãe, na escola e com a TV. |
| Mondafí | Na escola, não sabia português antes, só alemão | Na escola, mas já sabia um pouco de português por causa dos vizinhos, crianças com quem eu brincava, não foi tão difícil na escola. | Na escola, televisão, mas já sabia um pouco de português qdo entrou na escola. Cursou o maternal com 4 anos qdo o contato com o português se intensificou. | Na escola. Portugêis conheci na escola. | Foi difícil. A professora da 1ª série falava só português, assim nós éramos obrigados a falar português. Demorou uns 3 a 4 anos para eu entender melhor. | Em casa | Na escola, eu não sabia pedir água em português qdo entrei na escola. | Na escola, em casa não podíamos falar português. |

17. Como é/foi o uso do alemão na escola e na igreja?

| | | | | | | | | |
|----------|---|---|---|---|--|--|---|--|
| São João | GICaH Na igreja só o Hochdeutsch como hj | GICaM Nã escola não se podia falar alemão, por isso hj ainda não falo muito na escola, | GICbH Nos 2 anos que morou em Itapiranga não se falava alemão na | GICbM Na igreja não tinha mais nada em alemão. Não tinha alemão na escola na minha | GIICaH Antigamente se usava muito mais o alemão na igreja, os padres também sabiam. Hj não é mais | GIICaM Nã tinha ensino de alemão na escola, | GIICbH Tinha missa em alemão antigamente. Na escola somente português. | GIICbM Na escola não podíamos falar alemão. Numa época, as missas |
|----------|---|---|---|---|--|--|---|--|

| | | | | | | | | |
|--------|---|---|---|--|---|--|--|---|
| | | porque não podíamos e então às vezes tenho um pouco de vergonha de falar. Na igreja tudo em português. | escola em São João sim. Qdo alguém morre às vezes se reza em alemão. Não tem missa em alemão, só na Deutsch e Woche. | época, agora tem. Tem a missa em alemão na Deutsche woche. Nós podíamos falar alemão na escola. | tão fácil, pois há muitos que não falam mais a língua. | alemão era proibido. Na igreja se rezava em Alemão às vezes. | | eram lidas em latim. O sermão era em alemão. |
| Mondáí | Na igreja tudo em português e na escola também, foi ter aula de alemão no ensino médio. | As pessoas entre elas na igreja falam em alemão, mas culto em alemão na comunidade de não tem, cantava muito pouco em alemão na igreja. Na escola não usamos e não aprendemos alemão. | Na taipa não tem muito alemão na igreja, mas em Catres sim, às vezes o padre tb fala em alemão. Estudou alemão até a sétima série em Taipa. | Na nossa igreja em Laju agora falam bastante alemão, às vezes até cantam em alemão, mas tem coisas que não entendemos. Não tem alemão na escola e na minha época tb não. | Qdo eu era pequeno as missas eram em latim e qdo o padre queria falar com as pessoas ele falava em alemão, pois todos na comunidade e eram alemães. Na escola a aula era em alemão, mas todos falavam alemão. | Nunca tive alemão na escola. Nem na igreja. | Eu estudei alemão na escola. Tem culto em alemão, misturado. | Na igreja era tudo em alemão e na igreja católica em português. Não tinha alemão na escola. |

18. Como acha que as pessoas de fora veem os originários daqui?

| | | | | | | | | |
|----------|--|---|--|--|--|-----------------------|------------------------|-----------------|
| São João | GICaH Resposta evasiva, só disse que as pessoas são todas iguais | GICaM Não percebe muito. Dizem que é uma cidade bonita, uma boa cidade para se morar, boas pessoas, isso se escuta bastante | GICbH As pessoas percebem o sotaque por causa do alemão, eles acham bonito que não deveríamos perder isso. | GICbM Eles nos veem como amigáveis, recebe eles bem, se sentem em casa. Gostam do lugar, das casas. A limpeza, a organização | GIICaH Eles acham aqui maravilhoso, com a língua não é tão fácil, mas qdo percebemos que as pessoas não falam alemão, falamos português. | GIICaM | GIICbH Falou da língua | GIICbM |
| Mondáí | | | Nos veem como puro alemão | São alemães com | | Bem, muito receptivos | | Alguns te olham |

| | | | | | | | | |
|--|--|--|--|----------------------|--|-----------------|--|-----------------------------|
| | | | | português misturado. | | , povo caloroso | | com bons olhos e outros não |
|--|--|--|--|----------------------|--|-----------------|--|-----------------------------|

19. Como se sente mais? Alemão, Brasileiro ou Catarinense?

| | | | | | | | | |
|----------|--|--|-------------------|------------------|--|----------------------|-----------------------|----------------------|
| São João | GICaH Catarinense e Brasileiro afinal nascemos aqui e pessoas alemãs somos também. Tudo é uma coisa só. | GICaM Mais catarinense, não sou bem alemã e nem bem brasileira. | GICbH Deutsc h | GICbM M Alemã | GIICaH Catarinense | GIICaM Brasileira | GIICbH Catarinense | GIICbM Brasileira |
| Mondáí | Todos, mas mais alemão. | Catarinense | De todos um pouco | Deutsc h | Primeiramente brasileiro, mas eu sempre gosto de ouvir da Alemanha e de falar alemão | Brasileira | Catarinense | Catarinense |

20. Quem nasce em Santa Catarina é..

| | | | | | | | | |
|----------|-------------------------------------|------------------------|------------------------|------------------------------|-----------------------|--------------------------------------|-----------------------|-----------------------|
| São João | GICaH Barriga-verde, catarinense | GICaM Barriga-verde | GICbH Barriga-verde | GICbM catarinense | GIICaH Catarinense | GIICaM Barriga-verde, catarinense | GIICbH Catarinense | GIICbM Catarinense |
| Mondáí | Catarinense | Catarinense | Catarinense | Catarinense ou barriga-verde | | Catarinense | Barriga-verde | Catarinense |

21. E quando pensa no alemão?

| | | | | | | | | |
|----------|------------------------|--|---|---|---|---|--------------------|----------------------|
| São João | GICaH sim | GICaM Qdo estou com meus amigos, familiares ou com a professora da escola, então pensa-se mais nele | GICbH Eu sempre penso nele | GICbM Na maioria das vezes quando falamos com pessoas mais velhas. | GIICaH Em meu carro eu sempre tenho cds em alemão. Para ela a língua alemã tem algo que as outras línguas não têm. | GIICaM Qdo eu encontro pessoas mais velhas, qdo visito minha mãe então cantamos em alemão. | GIICbH Todo dia | GIICbM O dia todo |
| Mondáí | Quando eu preciso dele | Quando eu trabalho eu penso bastante, nós falamos bastante, | Eu sempre quis ir para a Alemanha, então eu pensei bastante nela, | A gente vive com o alemão, então ele sempre | Frequentemente eu penso que sou feliz em saber o alemão. | nunca | É difícil de dizer | Sempre |

| | | | | | | | | |
|--|--|------------------------------------|-------------------|---------------|--|--|--|--|
| | | eu tenho colegas onde eu trabalho. | porque aprendê-la | está conosco. | | | | |
|--|--|------------------------------------|-------------------|---------------|--|--|--|--|

22. Quando a seleção brasileira de futebol joga contra a alemã, para quem você torce?

| | | | | | | | | |
|----------|--|---|---|---|---|------------------|------------------|---------------------------|
| São João | GICaH Brasil, nós falamos alemão, mas somos daqui | GICaM Torço para o meu, os brasileiros | GICbH Mais para a Alemanha elea jogam melhor que os brasileiros. | GICbM Fico meio assim, mas acima de tudo Brasil, a gente é nascida aqui. | GIICaH Da última vez nem tivemos a chance de torcer para o Brasil, fomos quase obrigados a torcer para a Alemanha. | GIICaM Brasil | GIICbH Brasil | GIICbM Brasil |
| Mondáí | Que vença o melhor | Brasil | Qdo mais jovem eu torcia para Alemanha e agora para o Brasil | Brasil | Brasil e segunda opção Alemanha | Brasil | Brasil | Brasil e depois Alemanha. |

Identificação de padrões identitários (variação e intensidade da identidade)

1. O que identifica o alemão típico daqui?

| | | | | | | | | |
|----------|---|---|--|----------------------------|--|--|-------------------------------|---|
| São João | GICaH São todas pessoas boas, entendem-se bem, um ajuda ao outro, cooperativismo, pessoas que gostam de trabalhar, o que é meu, é meu. | GICaM São poupadores, alguns são teimosos, são pessoas boas, ajudam uns aos outros e trabalham bastante (sugestão) | GICbH São bons, tranquilos, não se preocupam, não tem que se preocupar com segurança. | GICbM Freundlich, froh. | GIICaH Não respondo a pergunta | GIICaM São trabalhadores, mais honestos | GIICbH São pessoas simples | GIICbM São pessoas boas. Gostam mais de trabalhar, de se manter unidos. O brasileiro ganha hj amanhã já gasta o alemão não |
| Mondáí | São alegres, corretos, nem todos, tem sempre uma ovelha negra. São honestos, tentam levar a lealdade, participativo | Teimoso | Teimoso, boas pessoas, | São normais, gewöhnlich | O alemão leva as coisas mais a sério que o brasileiro, apesar de já terem perdido muito dos valores. | O capricho, jardins. | Pela cor. Trabalham bem | Não sei |

2. E o brasileiro?

| | | | | | | | | |
|----------|----------------------------|---|---|---|---|---|---|------------|
| São João | GICaH | GICaM Depende de que brasileiro, tem aquele que são bons, que também são mais assim como os alemães e outros que não são tão bons, que não trabalham | GICbH É mais preocupado, mais fechado. | GICbM Não é muito trabalhador, mas a gente não pode falar mal. | GIICaH Ele fala de ítalo-brasileiro, afro-brasileiro, teuto-brasileiro, para ele o teuto-brasileiro é mais preocupado em trabalhar para o futuro não só para o hj. | GIICaM No nosso município o não tem muitos, mas vivem normal | GIICbH Não dá pra dizer nada do brasileiro o que mora aqui | GIICbM |
| Mondáí | Eu sou brasileiro o também | Fala bastante gosta de | Não se pode ser racista, eu não confio neles. | O brasileiro tem um pouco de preconceito. | Quem é o brasileiro? Mas nós vemos o brasileiro como a pessoa que é negra | Toda pessoa que vive no Brasil | A maioria não gosta muito de trabalhar | São iguais |

3. Como são chamadas as pessoas que não são de origem alemã? (na língua do imigrante e no português)

| | | | | | | | | |
|----------|---------------------------------|----------------------|----------------------|-------------------------------|---|--------------------------|-----------------------|----------------------|
| São João | GICaH Brazilianer, Italiener | GICaM Brasileiros | GICbH Brasileiro | GICbM Brasileiro | GIICaH Brasileiro, mas nós somos todos brasileiros | GIICaM Brasileiros | GIICbH Brasileiros | GIICbM Brasileiro |
| Mondáí | Brasileiro, gringo, Italiener. | Brasileiro e gringo | Gringo, e brasileiro | Gringo, Brasileiro (sugestão) | Brasileiro | Italiano, die "Schwarze" | Brasileiro, gringo | Não sabe |

4. Características do brasileiro, como é esse brasileiro?

| | | | | | | | | |
|----------|--------------|---|---|--------------|--------------------------------|------------------------------|----------------------------|--------------------------------|
| São João | GICaH sim | GICaM Silêncio (após a pergunta 3) falam tudo em português | GICbH Eles são schlimm | GICbM | GIICaH Fugiu pela tangente. | GIICaM Não entendi | GIICbH Resposta evasiva | GIICbM Tem de vários tipos, |
| Mondáí | | | O que gosta mais de samba e tal. Brasileiro é da África e Portugal. | São humildes | | Eu sou uma dessas brasileira | | São todos iguais. |

5. O que sabe da língua do (outro) alemão? Citar palavras ou expressões?

| | | | | | | | | |
|----------|-------|-------|-------|-------|--------|--------|--------|--------|
| São João | GICaH | GICaM | GICbH | GICbM | GIICaH | GIICaM | GIICbH | GIICbM |
|----------|-------|-------|-------|-------|--------|--------|--------|--------|

| | | | | | | | | |
|--------|--|--|--|--|--|---|--|--------------------------|
| | O alemão para nós é esse que nós conhecemos. Hochdeutsch para leitura, escrever eu não consigo | Tem outros tipos, mas não conseguimos e citar exemplos, mas soa diferente | A minha ex-patroa que morou na Alemanha a fala diferente, qdo ela fala comigo, meu Deus, é um pouco difícil de entender, dependo do que ela fala não se consegue entender. | Tem o Hochdeutsch, o nosso alemão, o dialeto aqui. Há uma grande diferença na ausprache deles e nossa. Não vejo diferenças no alemão falado aqui nas redondezas. | Nas redondezas de São Lugero eles vêm do litoral, eles são os deutscherusen, a língua é um pouco diferente e as pessoas tb são um pouco diferentes. Não sabe palavras. | Sim, não tenho muito contato com o Hochdeutsch, mas qdo criança nossos vizinhos tinham outra pronúncia. Nós dizíamos Dibel e eles Topf. | No sul eles dizem nibe e nós daruber, Eles tem outra pronúncia. | Já foi mencionado acima. |
| Mondaí | O da cidade é diferente do alemão do interior, em Catres as palavras saem de outro jeito. | O da Alemanha é diferente e em Catres e do outro lado do município é diferente, voz mais grossa, a fala é diferente. | De Lajú para cima falam um pouco diferente de Catres. Acho que eles falam melhor que nós. | Sabe que há diferenças, mas não consegue citá-las | Não vê diferença | Tem o alemão Hunsrückisch, pessoas do interior falam esse alemão, Catres. | Tem algumas línguas que são diferentes da nossa. Meu tio fala diferente de nós. Nós ruf ele nuf. | Não, mas vê diferença. |

6. De modo geral, de todos os tipos de pessoas aqui, quem preserva mais a sua língua e costumes de origem?

| | | | | | | | | |
|----------|---|---|----------------|------------|------------------|---------------|-----------------|---------------|
| São João | GICaH São os alemães, mas tb é o que mais tem por aqui. | GICaM O alemão ainda mantém mais a sua língua | GICbH O alemão | GICbM Nós. | GIICaH O alemão. | GIICaM Alemão | GIICbH Italiano | GIICbM Alemão |
| Mondaí | | Os alemães, quase não ouvimos mais os italianos | Os alemães | O alemão | Alemão | O alemão | O alemão | O português |

7. Tem diferença entre o alemão falado em Mondaí e São João? A que se deve isso? Dê alguns exemplos.

| | | | | | | | | |
|----------|--|--|----------------------|-----------|---------------------------------------|------------------------------|---|----------------|
| São João | GICaH Acha que não, qdo vai a Mondaí, entende-se | GICaM Acho que sim, pode haver diferenças porque | GICbH Não sabe dizer | GICbM Não | GIICaH Não. Pelos que eu encontro, eu | GIICaM Sim, eu acho que sim. | GIICbH Eu não conheço, não posso dizer. | GIICbM Não sei |
|----------|--|--|----------------------|-----------|---------------------------------------|------------------------------|---|----------------|

| | | | | | | | | |
|--------|--|---|-------------------------------------|-----------------------|---|---|-----------------|--|
| | bem com os falantes de lá. | vieram alemães de vários lugares da Alemanha . A entrevistadora fala diferente. | | | acho que é quase o mesmo | | | |
| Mondaí | Não conhece muito bem São João, não pode dizer | Sim, eles falam um pouco diferente, não é como na Alemanha , mas tb não é como aqui, qdo perguntado se achava parecido com Catres ela disse que é quase a mesma fala. | Não muito, eles falam mais como eu. | Sim, grande diferença | Sim, o alemão de Catres é igual ao de SJ. Os de Mondaí falam a letra “a” normal e nós falamos “o” | Eu não conheço ninguém, não posso dizer | Não posso dizer | Eu acho que sim, eles falam um outro dialeto |

8. De modo geral, quem fala melhor o português, o alemão ou o italiano?

| São João | GICaH Os italianos falam bem, já as pessoas de descendência alemã mais velhas têm dificuldades. | GICaM Eu acho que o italiano | GICbH Italiano | GICbM Isso eu não sei, isso eu não posso dizer. | GIICaH Eu não sei. | GIICaM Não posso dizer | GIICbH Não sei | GIICbM Italiano |
|----------|--|--|---|--|-----------------------|---------------------------|-------------------|--------------------|
| Mondaí | Ambos cometem erros devido à influência da língua minoritária | O alemão, mas qdo questionada sobre a mãe, ela diz que ela não consegue falar português e que não existem quase italianos que não conseguem falar português. | Nenhum, mas os italianos falam um pouco melhor. | O alemão | O italiano | O alemão | Nem um nem outro | O italiano |

Papel da língua na constituição da identidade (relação da língua com outros ícones da cultura)

1. Acha importante que os filhos aprendam alemão dos pais? Por quê?

| São João | GICaH Sim. Pois é uma | GICaM Sim, porque | GICbH H | GICbM Sim, porque eu | GIICaH Eu diria que isso é o | GIICaM Sim, se os velhos não | GIICbH | GIICbM M |
|----------|--------------------------|----------------------|------------|-------------------------|---------------------------------|---------------------------------|--------|-------------|
| | | | | | | | | |

| | | | | | | | | |
|--------|--|--|---|---|---|---|-----------------------------|---------------------------------------|
| | oportunidade de aprender uma língua de graça, já que o inglês é pago | nossa origem é da Alemanha e não devemos perder isso, devemos cada vez mais valorizar isso, resgatar | Sim, porque é algo que vem dos avós e sempre deve se passar para manter a cultura | acho que a primeira educação vem de casa. | mais importante. | ensinam, só na escola não se aprende. | É interessante. | Sim, é a língua mãe |
| Mondáí | Acho importante e certo | Sim, jo. Vão seguir uma tradição, desde pequenos. | Sim, é melhor, ter uma opção. | Sim, para manter a descendência alemã | Muito importante, porque é a nossa origem, nossa descendência | Sim, é maravilhoso para quem sabe duas línguas. | Sim, mas eu cometi um erro. | Sim, bastante, para manter a cultura. |

2. Muitos jovens não falam mais a língua dos pais (alemão) ... O que acha disso?

| | | | | | | | | |
|----------|--|---|---|--|--|--|--|--|
| São João | GICaH É uma pena pela oportunidade e perda | GICaM Muitos, eu acho, que têm vergonha, pois eu tb sempre tinha um pouco de vergonha de falar, dependendo da pessoa. Por isso muitos jovens nem aprendem mais. Namorado havia morado no MT. | GICbH Não está certo, as crianças de doze anos, por aí, vc passa eles não falam mais alemão e os pais falam, então isso desaparece na família. | GICbM Eu acho isso errado. | GIICaH Eu acho que hj as pessoas vão com o mundo, tudo tem que andar rápido, muitas vezes não se despende tempo com a cultura e tradição. | GIICaM Isso está errado, mas eu tb fiz assim. | GIICbH Eu não acho certo. Não devemos perder a língua materna | GIICbM Eu acho que é errado, pois eles poderiam falar ambas as línguas. |
| Mondáí | Quem deixa a sua língua mãe de lado, deixa parte da sua cultura para trás. | É uma pena, eles tinham que saber. | | Eles deveriam incentivar mais, para que o alemão não morra | O problema é com os pais, é uma pena | É uma pena | Os pais tb deveriam ensinar os filhos | Eu não acho isso bonito. |

3. Existem situações em que você tem vergonha de falar alemão?

| | | | | | | | | |
|----------|----------------------|---|---------------|------------------------|--|---------------------------------|---------------|---------------|
| São João | GICaH Não, nunca. | GICaM Às vezes sim, porque não sei falar direito, porque já esquecemos | GICbH Nein | GICbM Nem um pouco. | GIICaH Não, apesar de não falar 100%. A gente | GIICaM Não, eu me sinto bem. | GIICbH Não | GIICbM não |
|----------|----------------------|---|---------------|------------------------|--|---------------------------------|---------------|---------------|

| | | | | | | | | |
|--------|---------|-----------------------------------|---|---|---|-----|-----|-----|
| | | bastante e porque não aprendemos. | | | mistura muito e qdo falamos com um nativo alemão não podemos misturar. | | | |
| Mondaf | Depende | Ne, não. | Sim, porque eu não sei todas as palavras, principalmente qdo estou com pessoas que falam melhor que eu. | Sim, qdo se está com pessoas que não sabem o alemão, na cidade, a gente tem um pouco de vergonha. Às vezes eles pensam “der dumme alemão” | Não, hoje em dia não, mas qdo eu era criança eu sofri bastante no colégio, exército por causa do sotaque. | Não | Não | Não |

4. Acha que deveria ter ensino de alemão na escola? Se sim, seria mais importante que ensino de inglês? Por quê?

| | | | | | | | | |
|----------|--|--|---|--|--|---|---|----------------------------|
| São João | GICaH Aqui é prático porque tem as duas | GICaM Tem que ter sim, mas não que seja melhor que o inglês, tem que ter as duas. | GICbH Ja, alemão seria melhor que inglês | GICbM Sim, eu acho que ambas são importantes, mas aqui na nossa região é melhor o alemão. | GIICaH Sim, deveria ter mais alemão na escola | GIICaM Sim, aqui tem ambas. Globalmente pensando o inglês seria melhor, mas para nós é o alemão. | GIICbH Eu acho interessante. Não conheço o inglês, com o alemão já podemos nos defender. | GIICbM Sim, aqui seria. |
| Mondaf | Sim, mas ser opcional, quem quer aprender alemão, faz alemão e quem quer aprender inglês, cursa inglês | Sim, eu prefiro alemão. Tem que ter os dois o mercado de trabalho quer o inglês, mas tb quer o alemão, nos mercados. | Sim, para os descendentes seria melhor | Sim, o inglês tb não é ruim atualmente, ambos seriam bons. | Eu acho que as duas são importantes | | Sim, ambas são importantes | Sim, ambas. |

5. Se fosse dizer o que mais identifica um alemão, diria que é o quê? Suas características físicas, sua língua, sua música, sua casa, seu jeito de ser, sua religião, seus hábitos e costumes, suas festas, seus nomes, outro.

| | | | | | | | | |
|----------|---------------------------------|-------|-------|-------|--------|--------|--------|--------|
| São João | GICaH Não, sim, ein biBchen, | GICaM | GICbH | GICbM | GIICaH | GIICaM | GIICbH | GIICbM |
|----------|---------------------------------|-------|-------|-------|--------|--------|--------|--------|

| | | | | | | | | |
|--------|---|--|--|--|--|--|--|--|
| | nas casas mais velhas era possível, hj não mais, aqui sim, sim, sim, não mais | | | | | | | |
| Mondaí | Sim, sim, sim, não mais, não, sim, sim, não. | | | | | | | |

Grau de bilinguismo dos informantes da sua comunidade e o reconhecimento da identidade.

1. Que língua você fala nas seguintes ocasiões no seu município? No correio, no supermercado, nas lojas, no sindicato, no restaurante, na prefeitura, no posto de saúde, como o padre/pastor, nas festas e nos bailes, no posto de gasolina, no trabalho.

| | | | | | | | | |
|----------|-------|-------|-------|-------|--------|--------|--------|--------|
| São João | GICaH | GICaM | GICbH | GICbM | GIICaH | GIICaM | GIICbH | GIICbM |
| Mondaí | | | | | | | | |

2. Quando você encontra um(a) estranho(a) na rua de sua cidade em que língua você fala com ele/ela?

| | | | | | | | | |
|----------|------------------------|---|---|--|------------------------------------|-----------------|--|--|
| São João | GICaH Português | GICaM Começo com o português, mas se a pessoa falar alemão, dependendo de quem é eu tb falo alemão | GICbH Eu começo com o português, e se eu percebo que ele sabe alemão eu falo alemão. | GICbM Português, para começar a conversa. | GIICaH Eu começo com português. | GIICaM Port. | GIICbH Primeiro em português. Já me aconteceu de eu me dirigir a alguém em alemão e a pessoa não entende. | GIICbM Eu começo em alemão, se eu percebo que a pessoa não entende eu falo português. |
| Mondaí | A primeira é português | português | Primeiro eu falo português, mas se eu percebo que ele fala alemão, falo alemão | português | Português | Português | | Português |

3. Em que situações você fala a língua minoritária, e o português?

| | | | | | | | | |
|----------|-------|---|--|---|---|--|---|--|
| São João | GICaH | GICaM Em cas, nos meus pais na minha irmã, alemão e na escola quase tudo em português. Depende | GICbH Depende do lugar em que vou, no banco eu falo português, pois ninguém fala alemão, só uma | GICbM Com o pai e a mãe eu falo alemão, com meu namorado falo português, | GIICaH Na maioria das situações eu falo ambas. | GIICaM Com a família eu falo alemão, com alguns vizinhos. | GIICbH Qdo é preciso eu falo português, senão só alemão. | GIICbM Português somente qdo eu vou ao médico, eu tenho uma nora que não fala alemão. |
|----------|-------|---|--|---|---|--|---|--|

| | | | | | | | | |
|--------|--|--|--|--|---|--|---|---|
| | | do momento da situação | estagiária . Tem um caixa só para atender as pessoas que falam alemão. Com amigos gringos falo português. | | | | | |
| Mondáí | | O alemão para contar piadas, para dar risada, em casa alemão no trabalho e portugueses nos outros lugares. | Quando eu me encontro com alguém sabe alemão. Em casa não muito, só com os avós e com os pais da minha namorada falo alemão. | Sempre que tenho a chance falo alemão. | Oficial é sempre português, mas qdo percebo que sabe alemão é alemão e nas festas junto dos alemães | O alemão somente qdo eu estou com uma pessoa que não sabe nada de alemão, então eu tenho que falar alemão. | Se o interlocutor fala português tem que se falar português | Em todas as situações em que eu encontro alguém que fale. |

4. Quando você fala português, você mistura a variedade minoritária? Se sim, o que você mistura e por quê?

| | | | | | | | | |
|----------|--|-----------|---|--------------|---|----------------------|---------------------------------|------------------------------|
| São João | GICaH Não | GICaM Não | GICbH Às vezes sai uma palavra ou outra | GICbM Não | GIICaH Sim, qdo estou com alguém que sabe ambas as línguas. | GIICaM Sim, às vezes | GIICbH Faço isso com frequência | GIICbM Sim, algumas palavras |
| Mondáí | Sim, mas só qdo estou com alguém que fala as duas línguas. | Às vezes? | Não | Às vezes sim | não | Não | Sim | sim |

5. Quando você fala a variedade minoritária, você mistura o português? Se sim, o que mistura e por quê?

| | | | | | | | | |
|----------|------------|---|------------------------------------|--|--|----------------------------|---|--|
| São João | GICaH Sim, | GICaM Sim, porque não aprendemos a falar o alemão correto | GICbH Sim, às vezes, é um costume. | GICbM Sim, é o costume. Se aqui nós falássemos somente o alemão, falaríamos só alemão. | GIICaH Sim, na maioria das vezes não sei que língua falei. | GIICaM Sim, vem mais fácil | GIICbH Sim, por causa dos netos, então vc se acostuma | GIICbM Sim, porque falamos duas línguas, os netos não conhecem bem o alemão. |
|----------|------------|---|------------------------------------|--|--|----------------------------|---|--|

| | | | | | | | | |
|--------|--------------------------------------|-----|--|-----|-----|------------------------|---|------|
| Mondaí | Sim, às vezes não encontro a palavra | sim | Sim, bastante. Eu não conheço todas as palavras no alemão. | sim | sim | Sim, pois não sei tudo | Sim, qdo não sei uma palavra, a primeira que vem vai. | Sim. |
|--------|--------------------------------------|-----|--|-----|-----|------------------------|---|------|